



Claudia Maria Monteiro Vianna

**Questões ergonômicas da relação da idosa
com o vestuário**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Design.

Orientadora: Prof^a. Maria Manuela Rupp Quaresma

Rio de Janeiro

Abril de 2016



Claudia Maria Monteiro Vianna

**Questões ergonômicas da relação da idosa
com o vestuário**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Design. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Maria Manuela Rupp Quaresma

Orientadora

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Prof^a. Adriana Sampaio Leite

Departamento de Artes & Design – PUC-Rio

Prof. Flávio Glória Caminada Sabrá

Faculdade de Tecnologia SENAI Blumenau

Prof^a. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 7 de abril de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Claudia Maria Monteiro Vianna

Graduou-se em Arquitetura nas Faculdades Integradas Bennett em 1987. Em 2005, graduou-se no Curso Superior de Moda pela Universidade Veiga de Almeida. Cursou Pós-graduação em Ergonomia: Aplicações, Projetos e Pesquisa na PUC-Rio, em 2000. É Supervisora do Laboratório de Volume Têxtil da PUC-Rio. É professora em cursos de graduação em Design de Moda e Design de Interiores nas instituições PUC-Rio e Universidade Veiga de Almeida desde 2005.

Ficha Catalográfica

Vianna, Claudia Maria Monteiro

Questões ergonômicas da relação da idosa com o vestuário / Claudia Maria Monteiro Vianna; orientadora: Maria Manuela Rupp Quaresma. – 2016.

150 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2016.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Idosa. 3. Vestuário. 4. Envelhecimento do corpo. 5. Design de moda. 6. Ergonomia na moda. I. Quaresma, Manuela. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. III. Título.

CDD: 700

Dedico esta dissertação ao meu pai Joaquim (*in memoriam*) e à minha mãe Maria José, que durante toda a vida estiveram ao meu lado, me proporcionando e indicando o caminho do conhecimento.

À minha irmã Célia, pelo incentivo e apoio nos momentos mais difíceis.

E ao meu marido Ricardo, pela paciência, compreensão, participação e incentivo nos momentos mais tensos deste processo.

Agradecimentos

À minha orientadora Manuela Quaresma, pelo incentivo, acolhimento, exigência e constante disposição em compartilhar seu conhecimento.

À professora Adriana Leite, por me abrir as portas ao mundo acadêmico.

À professora Cláudia Mont'Alvão, pelo suporte na escolha do tema desta pesquisa.

A todos os meus amigos, que compreenderam minha ausência durante este período.

A todos os colegas da Pós-graduação em Design, em especial a Patrícia Carrion, Juliana Nunes, Adriana Chammas e Anette Correia, pela colaboração e apoio nas diversas etapas desta pesquisa.

Às mulheres participantes dos grupos de foco e aos estilistas e designers de moda entrevistados, pela disposição em ajudar no que deles dependesse para a conclusão desta dissertação.

A CAPES, pelo fomento com a bolsa de Mestrado.

À PUC-Rio e aos professores e funcionários do Departamento de Artes & Design, que contribuíram para que este percurso pudesse ser concluído.

Resumo

Vianna, Claudia Maria Monteiro; Quaresma, Maria Manuela Rupp. **Questões ergonômicas da relação da idosa com o vestuário.** Rio de Janeiro, 2016. 150p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa trata das questões ergonômicas da relação da idosa com o vestuário do dia-a-dia. Com o envelhecimento da população mundial, os avanços da medicina, das novas tecnologias e a expressiva diminuição da taxa de natalidade em todo o mundo, torna-se necessário um estudo da relação dessa nova idosa com o vestuário, uma vez que sua vida profissional e social permanece por mais tempo. A visão que se tem hoje dos idosos é bem diferente da anterior, inclusive a percepção deles próprios, principalmente em relação ao comportamento. Entretanto, acredita-se que o vestuário “pronto para vestir” existente no mercado não contempla as transformações do corpo da mulher idosa. Com as transformações decorrentes da idade, essas mulheres acabam apresentando um corpo diferenciado dos padrões de vestuário existentes no mercado. Além disso, as idosas da faixa de 60 a 75 anos ainda participam de uma vida social ativa, o que requer roupas adequadas para elas se sentirem bem. Contudo, por essa demanda, ainda não se conhece, de fato, as necessidades reais do vestuário para tais consumidoras. O objetivo desta pesquisa é definir recomendações de design para a criação e confecção de vestuário para a nova idosa. Para isso, foram utilizadas técnicas como a de grupos de foco com as novas idosas, e a de entrevistas semiestruturadas com estilistas, cujas marcas foram citadas por essas mulheres. Constatou-se que realmente os vestuários disponíveis no mercado nem sempre atendem a elas, principalmente no que se refere aos modelos oferecidos, que não favorecem o novo corpo, e à modelagem, que não é desenvolvida para as mulheres dessa faixa etária.

Palavras-chave

Idosa; Vestuário; Envelhecimento do Corpo; Design de Moda; Ergonomia na Moda

Abstract

Vianna, Claudia Maria Monteiro; Quaresma, Maria Manuela Rupp (Advisor). **Ergonomic issues of the elderly women in relation to clothing.** Rio de Janeiro, 2016. 150p. MSc. Dissertation – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research deals with the ergonomic issues of elderly woman regarding the daily clothes. With the aging of the world population, combined with medical advances, new technologies and significant decrease in the birth rate in the world, a study about the relationship of the new elderly woman with her clothes becomes necessary, since their professional and social lives remain longer. The way elderly people are seen today is quite different from before, including their own perception of themselves, particularly when it comes to behavior issues. However, it is believed that the “ready-to-wear” clothing on the market does not consider the body transformations of the elderly woman. With the changes due to age, these women end up presenting a differentiated body of existing clothing standards in the market. In addition, the elderly woman of 60 to 75 years old still participate in an active social life that requires appropriate clothing for them feel well. However, this demand and the real needs of clothing for these consumers are not yet known. The objective of this research is to define design recommendations for designing and making clothing for the new elderly. For this, techniques such as focus groups, with the new elderly, and semi-structured interviews with designers, whose brands were cited from these women, were conducted. It was noted that the clothing available on the market do not always satisfy them, especially with regard to the models offered that do not favor the new body changes and the modeling pattern that is not developed for a women of this age group.

Keywords

Elderly; Clothing; Body Aging; Fashion Design; Ergonomics in Fashion Design

Sumário

1 Introdução	13
2 O idoso	16
2.1. Envelhecimento da população mundial	16
2.2. Envelhecimento da população brasileira	18
2.3. Características do envelhecimento	22
3 A moda e o processo de construção do vestuário	30
3.1. Moda e design de moda	30
3.2. Modelagem da roupa	32
3.3. Tecidos e tecnologia têxtil	34
3.4. Aviamentos	43
3.5. Beneficiamentos	46
3.6. Processo construtivo do vestuário	48
4 A ergonomia do vestuário	52
4.1. Antropometria e modelagem	54
4.2. Usabilidades da roupa	59
4.3. Conforto e segurança do vestuário	60
4.4. Satisfação com o design	63
4.5. Ergonomia do vestuário para o idoso	64
4.6. Mercado de roupas para idosas	66
5 Delineamento da pesquisa	68
5.1. Tema	68
5.2. Problema	68
5.3. Hipótese	69
5.4. Objeto da pesquisa	70
5.5. Objetivo geral	70
5.6. Objetivos específicos	70
5.7. Justificativa	70
6 Métodos e técnicas da pesquisa	72

6.1. Revisão bibliográfica	72
6.2. Grupos focais	72
6.3. Entrevistas semiestruturadas	82
7 Análise dos resultados	84
7.1. Análise dos resultados dos grupos de foco	84
7.1.1. Usabilidade, conforto, satisfação e segurança	84
7.1.2. Tecidos	90
7.1.3. Acessibilidade	91
7.1.4. Síntese dos grupos de foco	92
7.2. Análise dos resultados das entrevistas	93
7.3. Conclusão da análise dos resultados	96
8 Conclusão e recomendações	98
Referências bibliográficas	107
Apêndice A – Termo de consentimento dos grupos focais	113
Apêndice B – Termo de consentimento das entrevistas semiestruturadas	116
Apêndice C – Excertos dos grupos focais	118
Apêndice D – Excertos das entrevistas semiestruturadas	144

Lista de figuras

Figura 2.1 – Número de pessoas com 60 anos ou mais: Mundo, países desenvolvidos e países em desenvolvimentos (1950-2050)	17
Figura 2.2 – Transformações no corpo da mulher idosa	24
Figura 3.1 – Modelagem plana (bidimensional)	33
Figura 3.2 – <i>Moulage</i> ou <i>drapping</i> (tridimensional)	33
Figura 3.3 – Algodão: fibra têxtil mais consumida no mundo	39
Figura 3.4 – Fibras acrílicas	41
Figura 3.5 – Aviamentos	43
Figura 3.6 – Máquina <i>Schiffli</i>	48
Figura 3.7 – Máquina Bastidor	48
Figura 3.8 – Encaixe automático (Sistema CAD)	50
Figura 4.1 – Diagrama de Hundertwasser da teoria das cinco peles	54
Figura 4.2 – Perfis de mulheres de sete grupos de idade	57
Figura 6.1 – Tipos de blusas	75
Figura 6.2 – Tipos de blazers e casacos	76
Figura 6.3 – Tipos de saias	77
Figura 6.4 – Tipos de vestidos	78
Figura 6.5 – Tipos de calças	79
Figura 6.6 – Tipos de bermudas e <i>shorts</i>	80
Figura 6.7 – Tipos de maiôs e biquínis	80
Figura 6.8 – Tipos de estampas	81

Lista de quadros

Quadro I – Fatores relevantes do envelhecimento	26
Quadro II – Propriedades das fibras	35
Quadro III – Propriedades, características e uso no vestuário: Algodão; Linho; Lã; Seda; Viscose; Acetato; Poliamida; Poliéster; Elastano; Acrílico; Aramida; Olefina; e Raiom	39
Quadro IV – Tipos de cadarços e seus usos e aplicações	45
Quadro V – Tipos de rendas e suas características	45
Quadro VI – Tipos de botões e seus materiais	45
Quadro VII – Tipos de máquinas e as características dos bordados	47
Quadro VIII – Aspectos fundamentais para o conforto total do vestuário	61
Quadro IX – Atribuições relacionadas ao conforto do vestuário	62
Quadro X – Indicações e contraindicações de uso de: Blusas; Blazers e casacos; Saias; Vestidos; Calças; Bermudas e <i>shorts</i> ; e Maiôs e biquínis	104

[...] nós envelheceremos um dia, se tivermos este privilégio. Olhemos, portanto, para as pessoas idosas como nós seremos no futuro. Reconheçamos que as pessoas idosas são únicas, com necessidades, talentos e capacidades individuais, e não um grupo homogêneo por causa da idade.

Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU (2002)

1

Introdução

A população mundial vem envelhecendo progressivamente, não apenas nos países desenvolvidos como nos em desenvolvimento. O surgimento de novas tecnologias e de pesquisas, somados à descoberta de novos medicamentos, contribuem para o envelhecimento populacional, assim como a gradativa e expressiva diminuição da taxa de natalidade em todo o mundo. No Brasil, o crescimento da população idosa segue a tendência mundial, revelando-se significativo: atualmente, há cerca de 23 milhões de idosos no país, representando, pelo menos, 12,5% da população. (IBGE, 2015)

Com o aumento do percentual de idosos brasileiros, é válido ressaltar o surgimento de uma nova idosa. Com os avanços da medicina e da tecnologia, e com a conquista de um poder aquisitivo mais estável, essas idosas se apresentam mais ativas e demonstram uma maior participação dentro do âmbito social e profissional. À vista disso, o estilo das novas idosas também se faz importante no contexto das tendências e do mercado da moda. Como aponta Ballstaedt (2007), pesquisas revelaram um novo nicho de mercado, com consumidoras que têm comportamentos, estilos de vida e necessidades específicas. Torna-se relevante, portanto, conhecer quais são as demandas das novas idosas no que concerne ao vestuário, a fim de se prover maior conforto, satisfação e segurança a elas.

Inserida na esfera social e profissional, a nova idosa situa-se na faixa etária de 60 a 75 anos. São mulheres que, em decorrência das transformações apresentadas no corpo, como perda da estatura, diminuição da massa óssea e muscular, aumento do peso, entre outras, levam a pensar que não é possível utilizar os mesmos padrões da população adulta na confecção do vestuário das idosas. Para Menezes e Lopes (2009), as idosas prezam não só pelo conforto, como também pelo valor estético da roupa. Apesar da existência de uma vida social ativa nessa faixa etária, e de haver demanda do consumo de roupas, ainda não são conhecidas, de fato, as necessidades reais dessas mulheres, as novas idosas, no que diz respeito ao consumo de vestuário. Nesse contexto, questiona-se: quais padrões de medidas são utilizados para o desenvolvimento de vestuário

para mulheres idosas? A modelagem utilizada atende às transformações do corpo da nova idosa? Essas estão satisfeitas com os modelos que o mercado oferece?

Diante de tais questionamentos, acredita-se que exista uma lacuna entre o vestuário existente no mercado e as demandas da nova idosa. O aumento da presença dessa faixa etária na população irá propiciar ainda mais uma procura por serviços voltados à terceira idade. Portanto, é importante que os designers de moda façam uso de uma modelagem específica, utilizando critérios ergonômicos, não só para roupas do dia-a-dia, como também em projetos mais direcionados, a exemplo das roupas para a prática esportiva. Em relação aos idosos, Menegucci e Santo Filho (2010) sugerem considerar as condições físicas, mentais e psicológicas que envolvem a manipulação deste vestuário, não deixando de incluir as novas tecnologias do setor têxtil, para agregar “conforto e proteção”, com a finalidade de melhorar a interface “usuário-roupas-tarefa”.

O número de pesquisas na área de Ergonomia na Moda é ainda muito reduzido, incluindo artigos, teses e dissertações, o que justifica a necessidade de uma maior exploração do tema (PIRES, 2008; CASTILHO e GARCIA, 2001). A hipótese desta pesquisa é a de que o vestuário “pronto para vestir” existente no mercado não contempla as transformações do corpo da mulher idosa, de acordo com a opinião das novas idosas, em termos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança do vestuário. Portanto, o objeto da pesquisa é a relação do produto vestuário com a nova idosa. O objetivo geral está em definir recomendações de design para a criação e confecção de vestuário para a nova idosa, e os objetivos específicos são: conhecer as transformações do corpo da idosa; identificar as dificuldades da nova idosa em relação ao vestuário; verificar a opinião de mulheres idosas sobre a usabilidade, conforto, satisfação e segurança do vestuário existente no mercado; verificar se o mercado contempla o desejo e as expectativas dessas usuárias; e elaborar recomendações aos designers.

Esta dissertação é constituída das seguintes partes: Introdução (Capítulo 1); Fundamentação teórica (Capítulos 2, 3, 4 e 5); Metodologia (Capítulo 6); Análise dos resultados (Capítulo 7); Conclusão e recomendações (Capítulo 8); Referências bibliográficas; e Apêndices.

No **Capítulo 2**, a pesquisa mostra os índices de envelhecimento no mundo e no Brasil, passando pelos processos de envelhecimento que ocorrem com os idosos e os aspectos físicos e sociais que envolvem essa classe. O objetivo deste capítulo é apresentar as atuais estatísticas sobre o crescimento da população idosa.

São apresentadas também as leis e estatutos que garantem a dignidade dos idosos, e as características do envelhecimento e suas influências nas atividades sociais. O **Capítulo 3** aborda os conceitos de moda e o processo de construção do vestuário, passando pela modelagem, tecidos, tecnologia têxtil, aviamentos e beneficiamentos. A intenção é apresentar os conceitos de moda e os requisitos básicos para a confecção de um vestuário.

A importância das questões da ergonomia relacionadas ao vestuário para idosos é mostrada no **Capítulo 4**, citando a antropometria e modelagem, a usabilidade da roupa, o conforto e segurança do vestuário, a satisfação com o design, a ergonomia do vestuário para o idoso e também o mercado de roupas para idosos. O **Capítulo 5** mostra o delineamento da pesquisa, explicando o problema, o objeto da pesquisa, a hipótese e as variáveis, os objetivos e a justificativa da pesquisa. No **Capítulo 6**, foram apresentados os métodos e técnicas utilizados – como os grupos de foco e as entrevistas semiestruturadas –, elucidando como foram planejados e conduzidos, e o modo que os dados foram tratados.

A análise dos resultados dos grupos de foco e das entrevistas semiestruturadas é apresentada no **Capítulo 7**, tendo como base os conteúdos coletados nas técnicas. O **Capítulo 8** conclui a dissertação, apresentando os principais problemas encontrados nas questões ergonômicas referentes ao vestuário das novas idosas, como roupas com modelos que não beneficiam o novo corpo destas mulheres e a modelagem que não contempla esta faixa etária, confirmando a hipótese desta pesquisa. Ao final, são elaboradas recomendações aos designers de moda para o desenvolvimento de projetos de produto de vestuário para as novas idosas.

2

O idoso

O Estatuto do idoso, na Lei nº 10.741/2003, define como idosa a população de 60 anos ou mais. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012), são considerados idosos os indivíduos com mais de 65 anos em países desenvolvidos e com mais de 60 em países em desenvolvimento. Na sociedade, o idoso é visto, em geral, como alguém que está ao largo dos acontecimentos, dos processos profissionais, sociais, econômicos e afetivos. Essa imagem, porém, está mudando, graças às novas tecnologias, como novos medicamentos, à inserção profissional do idoso, à demanda por produtos e ao tempo disponível aliado à remuneração, proporcionando lazer a uma grande parte da população idosa.

Apesar das perdas inerentes da idade – relacionadas ao corpo físico, à cognição e à sociabilidade –, este novo idoso deseja melhorar a sua qualidade de vida, tanto no âmbito físico, por meio da prática de exercícios, quanto no cognitivo, ao frequentar escolas, cursos e universidades. Com o aumento do número de pessoas dessa faixa etária, começam a surgir novas pesquisas a fim de estruturar a sociedade em relação ao trabalho e ao convívio social com idosos. Segundo Goldemberg (2012), o idoso não se vê como um velho; é através do olhar do outro que ele percebe estar velho. O indivíduo se vê sempre o mesmo, a despeito das perdas, pois ainda é capaz de encontrar inúmeras perspectivas positivas em relação à vida, como tempo e liberdade aliados à maturidade e às experiências vividas.

2.1.

Envelhecimento da população mundial

O envelhecimento da população é crescente em todas as partes do mundo, em países em diversos níveis de desenvolvimento. De fato, o envelhecimento é uma conquista do desenvolvimento; e, conseqüentemente, uma das maiores conquistas da humanidade (Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) 20120. Segundo a WHO (2015), a população mundial contou, em 2015, com 900 milhões de idosos, correspondendo a 12,3% da população total, e a expectativa

para 2050 é a de que esse número seja de 21,5%. Estudo divulgado pela mesma organização mostrou que, enquanto a França levou quase meio século para dobrar a população acima de 65 anos, o Brasil levará apenas 25 anos.

Segundo relatório da UNFPA, 2012, a população mundial deve atingir 9,6 bilhões em 2050, e a população com mais de 60 anos vai chegar a um pouco mais de 2 bilhões no mesmo período. Esse percentual, por sua vez, será maior nos países desenvolvidos do que nos em desenvolvimento, como mostrado a seguir:

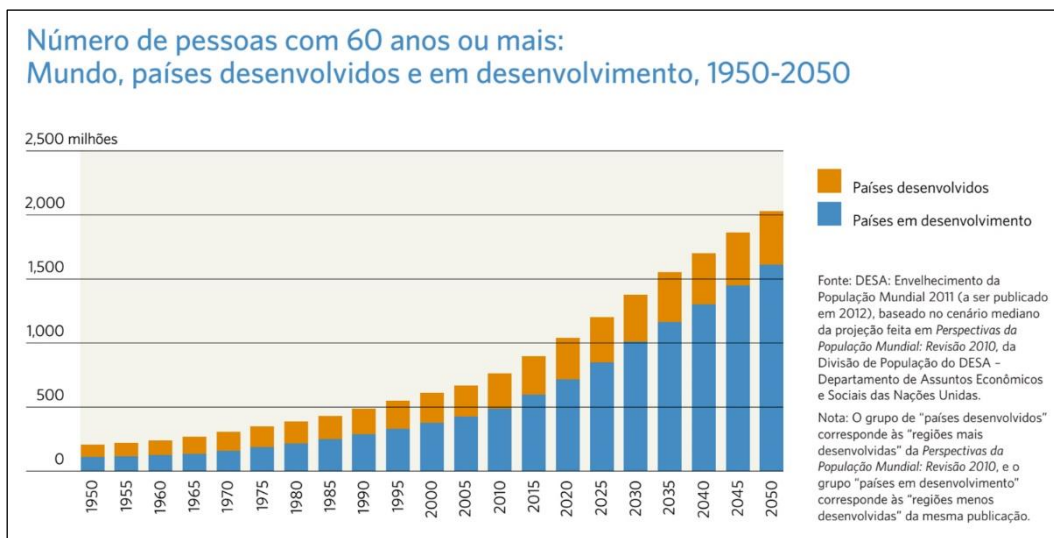


Figura 2.1 – Número de pessoas com 60 anos ou mais: Mundo, países desenvolvidos e países em desenvolvimento (1950-2050). Fonte: UNFPA (2012).

Em relação à expectativa de vida, a previsão é de que a média de idade seja de 76 anos entre 2045 e 2050, e de 82 anos no período de 2095 e 2100. Até o final do século, pessoas dos países desenvolvidos poderão alcançar, em média, 89 anos, e as dos em desenvolvimento, 81 anos. Portanto, o fenômeno do envelhecimento não deve ser ignorado. Uma em cada nove pessoas no mundo tem 60 anos ou mais e a expectativa é de que uma em cada cinco ultrapasse essa idade por volta do ano de 2050.

Em relatório de 2012, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) apresentou, em consideração ao significativo crescimento da população idosa, exemplos de programas inovadores – de grande relevância à terceira idade – nas questões no que concerne ao envelhecimento. O grande diferencial do relatório “Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio” (UNFPA, 2012) está no foco na opinião dos próprios idosos, por meio da coleta de entrevistas ao redor do mundo. Em suma, uma importante constatação desse estudo foi a de que as pessoas idosas são produtivas e em muito contribuem a vários segmentos da sociedade.

Atualmente, o Japão é o país com mais idosos, em que 30% da população têm 60 anos ou mais. Em 2050, serão 64 países com esse mesmo percentual, e o envelhecimento da população mundial está mais acelerado nos países em desenvolvimento, mesmo nos que ainda têm uma população grande de jovens. O relatório da UNFPA destaca ainda que o crescimento do número de idosos será benéfico e trará grandes contribuições à sociedade, por se tratar de um grupo social e economicamente ativo e saudável. É importante que a sociedade se reestruture nesse contexto, tanto em relação à força de trabalho quanto às relações sociais entre as diversas gerações.

Mundialmente as mulheres constituem a maioria entre os idosos, pois para cada 100 delas com 60 anos ou mais, há 84 homens. Já para cada grupo de 100 mulheres com 80 anos ou mais, o número de idosos do sexo masculino cai para 61. Ainda conforme o relatório, o envelhecimento atinge de formas diferentes aos homens e às mulheres. Além disso, dependendo da vida que levam, dos recursos disponíveis e das oportunidades recebidas, tais homens e mulheres encaram o envelhecimento de forma diferente e não devem ser citados como uma categoria única. Eles apresentam características diversas, como idade, educação, renda, saúde e sexo, sendo, portanto, necessário tratá-los de forma exclusiva, de acordo com essas especificidades.

2.2.

Envelhecimento da população brasileira

Assim como ocorre no restante do mundo, no Brasil, a população também passa por um processo crescente de envelhecimento, o que exige políticas públicas de proteção e direito aos idosos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), 23,5 milhões era o número de idosos em 2011, correspondendo a 12,1% da população brasileira. A projeção é que esse número passe para 26 milhões em 2020, correspondendo a 13% dos brasileiros. A população idosa do Brasil vem crescendo gradativamente, e, segundo o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), o país está deixando de ser um país de jovens. O número de brasileiros com mais de 60 anos em 2025 deverá chegar a 16% (35 milhões) (IBGE, 2015).

O percentual de idosos, segundo o IBGE (2015), será maior nos grandes centros. De acordo com os gráficos (2.1, 2.2 e 2.3) a seguir, a quantidade de idosos no Rio de Janeiro será maior em relação à média brasileira:

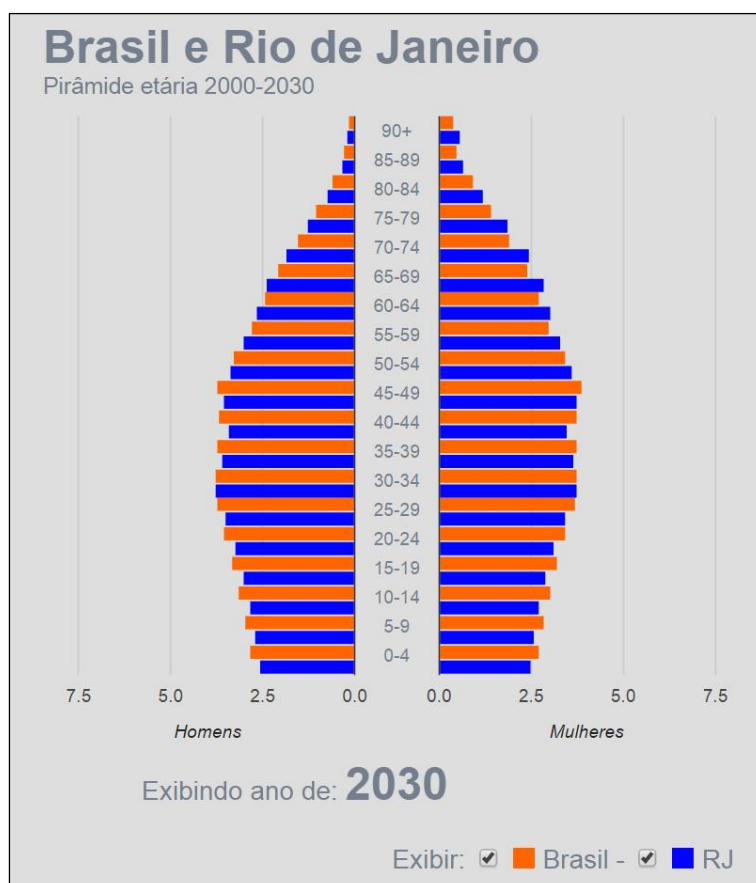


Gráfico 2.1 – Pirâmide etária: projeção da população do Brasil e do Rio de Janeiro em 2030. Fonte: IBGE (2015).

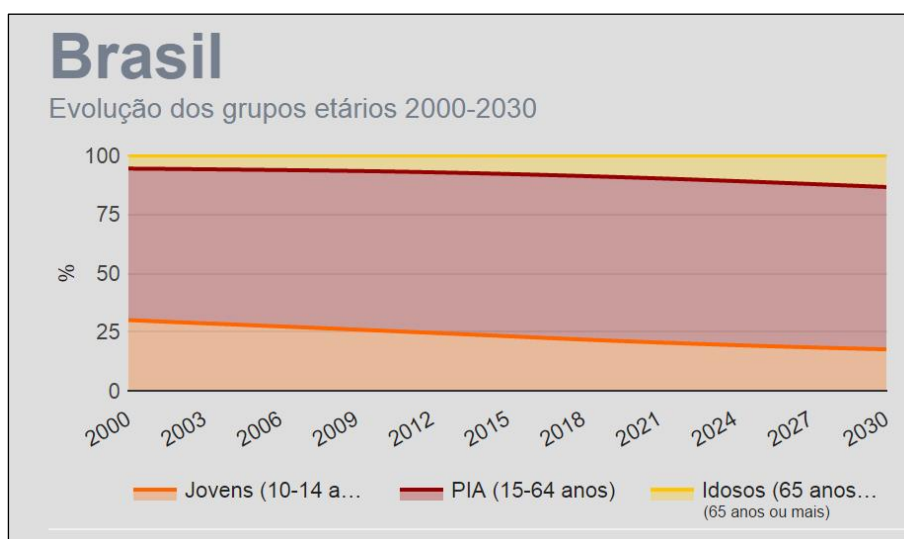


Gráfico 2.2 – Evolução dos grupos etários de 2000 a 2030 no Brasil. Fonte: IBGE (2015).

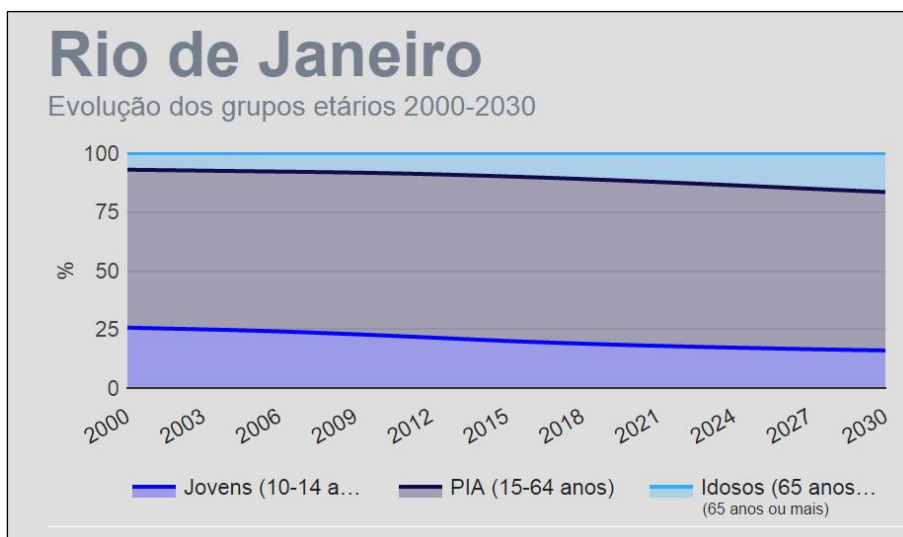


Gráfico 2.3 – Evolução dos grupos etários de 2000 a 2030 no Rio de Janeiro. Fonte: IBGE (2015).

O Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (2015), publicado pela OMS, ressalta que as crianças que nasceram no Brasil em 2015 viverão vinte anos a mais do que as que nasceram 50 anos antes. De acordo com o IBGE (2015), as projeções da população do Brasil e do Rio de Janeiro até o ano de 2030 mostram uma diminuição do índice de fecundidade (Gráfico 2.4) e, conseqüentemente, o aumento da população idosa (Gráfico 2.5).

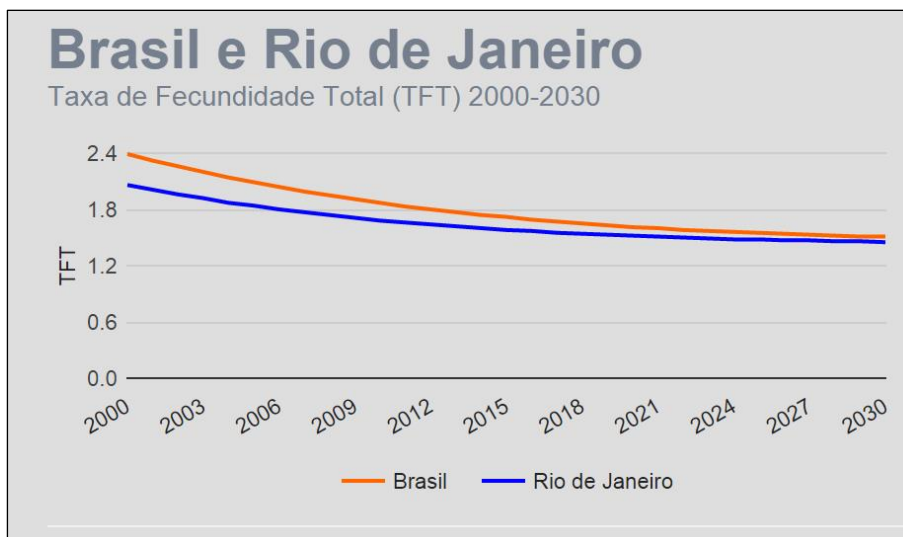


Gráfico 2.4 – Taxa de fecundidade de 2000 a 2030 no Brasil e no Rio de Janeiro. Fonte: IBGE (2015).

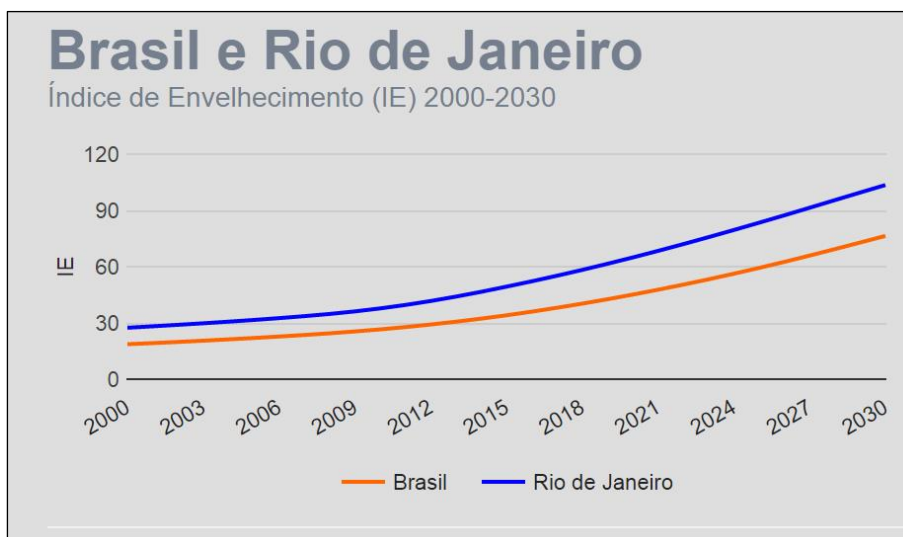


Gráfico 2.5 – Índice de envelhecimento populacional de 2000 a 2030 no Brasil e o Rio de Janeiro. Fonte: IBGE (2015).

Com a projeção dos índices de diminuição da taxa de fecundidade, e com o crescente envelhecimento da população brasileira, surgiu no Brasil, sob forma de lei, no ano de 1994, a Política Nacional do Idoso (PNI). O objetivo estava em assegurar os direitos sociais dos idosos e criar condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Em discurso comemorativo dos dez anos do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI), a presidente do órgão entre 2010 e 2012, Karla Giacomini, afirmou que não houve qualquer ação importante em relação à pessoa idosa, e a PNI completou 18 anos com repercussão negativa tanto no que diz respeito à visibilidade quanto à eficiência.

O Estatuto do Idoso foi elaborado em 2003 com a finalidade de assegurar direitos aos idosos:

Art. 2º. O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (Estatuto do Idoso, 2003)

Nesse contexto, a busca por uma melhor qualidade de vida envolve desde questões de saúde até de sociabilidade. Apesar das leis que permitem a gratuidade no acesso a diversos estabelecimentos, como em meios de transportes e na aquisição de medicamentos, os idosos ainda passam por certas dificuldades. Tais constrangimentos decorrem da falta de acessibilidade na estrutura urbana, nas edificações e, também, em relação ao vestuário adequado às suas novas necessidades, em vista da transformação corporal, física e motora. Por falta de

conhecimento, os idosos não usufruem todos os seus direitos, o que dificulta a execução do estatuto, que não é amplamente divulgado.

Segundo Kuchemann (2012), a população idosa brasileira vem crescendo em um ritmo acelerado desde os anos de 1940. As taxas mais altas de crescimento dos idosos nos anos 1950 alcançaram 3% ao ano, e 3,4% entre 1991 e 2000. Pode-se dizer que o crescimento da população idosa não é um fenômeno novo. Como apontam Beltrão, Camarano e Kanso (2004), espera-se que a população idosa atinja aproximadamente 30,9 milhões de pessoas no ano de 2020. Os autores ressaltam ainda que a proporção das mulheres é bem maior quanto mais idoso for o segmento, isto é, quanto mais velhas as mulheres, a quantidade de homens diminui. Essa expressiva predominância feminina é mais pontual nas áreas urbanas. Apesar de não terem tido uma participação maior nas atividades profissionais durante a vida adulta, enquanto idosas, elas assumem papéis importantes na família, por meio de atividades organizacionais, na vida social e profissional.

De acordo com Navarro e Bazza (2012), com o crescimento da população idosa, a terceira idade passou a ser motivo de interesse de vários setores da sociedade. No contexto jornalístico, por exemplo, têm se escrito várias reportagens sobre o chamado “novo idoso”, o que promove visibilidade à identidade desses indivíduos. Para Camarano e Pasinato (2004), os novos idosos fazem parte de um grupo não somente do ponto de vista demográfico. É importante compreender a complexidade e diversidade dessa classe, suas demandas no contexto político e social e o modo como a sociedade brasileira a percebe.

2.3. Características do envelhecimento*

Esses “belos velhos” inventaram um lugar especial no mundo e se reinventam permanentemente. Continuam cantando, dançando, criando, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus etc. Não se aposentaram de si mesmos, recusaram as regras que os obrigariam a se comportar como velhos. Não se tornaram invisíveis, apagados, infelizes, doentes, deprimidos. Eles, [...] estão rejeitando os estereótipos e criando novas possibilidades para o envelhecimento. (GOLDEMBERG, 2013, pos. 73)

O envelhecimento é um processo natural que reflete uma fase da vida do ser humano em que ocorrem grandes mudanças físicas, cognitivas e sociais. O idoso percebe que, apesar de acumular muitos ganhos no decorrer da vida, as perdas

começam a surgir, principalmente em relação à saúde. Para Iida (2005), o processo de envelhecimento causa um desgaste das funções cardiovasculares, das forças musculares, da flexibilidade das articulações, dos órgãos dos sentidos e da função cerebral. Inicia-se por volta dos 30 e 40 anos e se acelera a partir dos 50. Como reiteram Santos e Sala (2010), esse processo começa quando o esqueleto está completamente formado, aos 30 anos, e, a partir dessa idade, perde-se massa óssea e muscular. Além disso, ocorre a diminuição do metabolismo, o que resulta na perda de 10% da capacidade física a cada ano de vida.

De acordo Silveira *et al.* (2010), as modificações posturais começam a partir dos 40 anos de idade. Elas se caracterizam pelo aumento da curvatura das costas (cifose) e pela diminuição da lordose lombar. A estatura do indivíduo começa a diminuir, assim como as dificuldades de alcance e flexibilidade, principalmente dos braços. Ainda segundo os autores, as modificações na postura nem sempre são decorrentes de algum defeito ou anomalia, como podem também se tratar de alterações de compensação, que resultam de outras mutações neuro-músculo-esqueléticas na coluna vertebral. Muitas mudanças são resultado do desgaste natural do corpo ou de maus hábitos posturais. Matsudo (2001 *apud* SILVEIRA *et al.*, 2010) ressalta que a perda da massa muscular leva à perda da força dos músculos, sendo essa a principal causa da deterioração da capacidade funcional do ser humano no processo de envelhecimento – o que leva a uma perda de mobilidade.

Aos 40 anos, também, tem início uma diminuição da memória, assim como os problemas de visão, como a vista cansada, que tendem a surgir entre os 40 e 50. Aos 60 anos de idade, o cérebro do idoso já não tem mais a mesma velocidade, assim como outros problemas na audição, no tato, no olfato e no paladar começam a sofrer perdas. O corpo da mulher está constantemente em transformação, da infância à adolescência, da adolescência à idade adulta e, finalmente, na terceira idade, em que se encontram as novas idosas, mulheres de 60 a 75 anos. Todo o processo de transformação do corpo também está diretamente ligado à qualidade de vida dessas mulheres, independente do processo natural de envelhecimento, como os cuidados com a saúde ao longo da vida, o desenvolvimento físico e intelectual, os hábitos alimentares e a condição social e econômica.

Faulkner *et al.* (2007 *apud* BRYSON, 2014) relatam que as mudanças no sistema músculo-esquelético relacionadas à idade interferem nas atividades cotidianas dos idosos, causando queda no desempenho de tarefas, até mesmo nos

indivíduos mais ativos. Com o envelhecimento, a perda muscular e a redução das glândulas sudoríparas diminuem a sensibilidade térmica, o que faz com que os idosos sintam mais frio. “Para as pessoas idosas, a insatisfação corporal está mais associada às partes funcionais do corpo do que aos aspectos da aparência e do peso corporal, assim, a prática da atividade física se dá visando mais à preservação das funções corporais” (TIGGEMANN, 2004 *apud* DAMASCENO *et al.*, 2005, p. 86).

Para Menezes, Lopes e Azevedo (2009), no que concerne às transformações do corpo do idoso, nota-se que os cabelos ficam mais brancos e mais ralos, a pele enrugada e a perda da elasticidade é mais expressiva. Quanto às transformações no corpo da mulher idosa, pode-se ressaltar, segundo Dreyfuss (2005), a perda de 6% da estatura, além das dimensões corporais, o aumento do nariz e das orelhas e do peso, o qual pode aumentar dois quilos a cada dez anos. Além disso, as circunferências das nádegas e coxas não estão, necessariamente, relacionadas à altura do indivíduo.

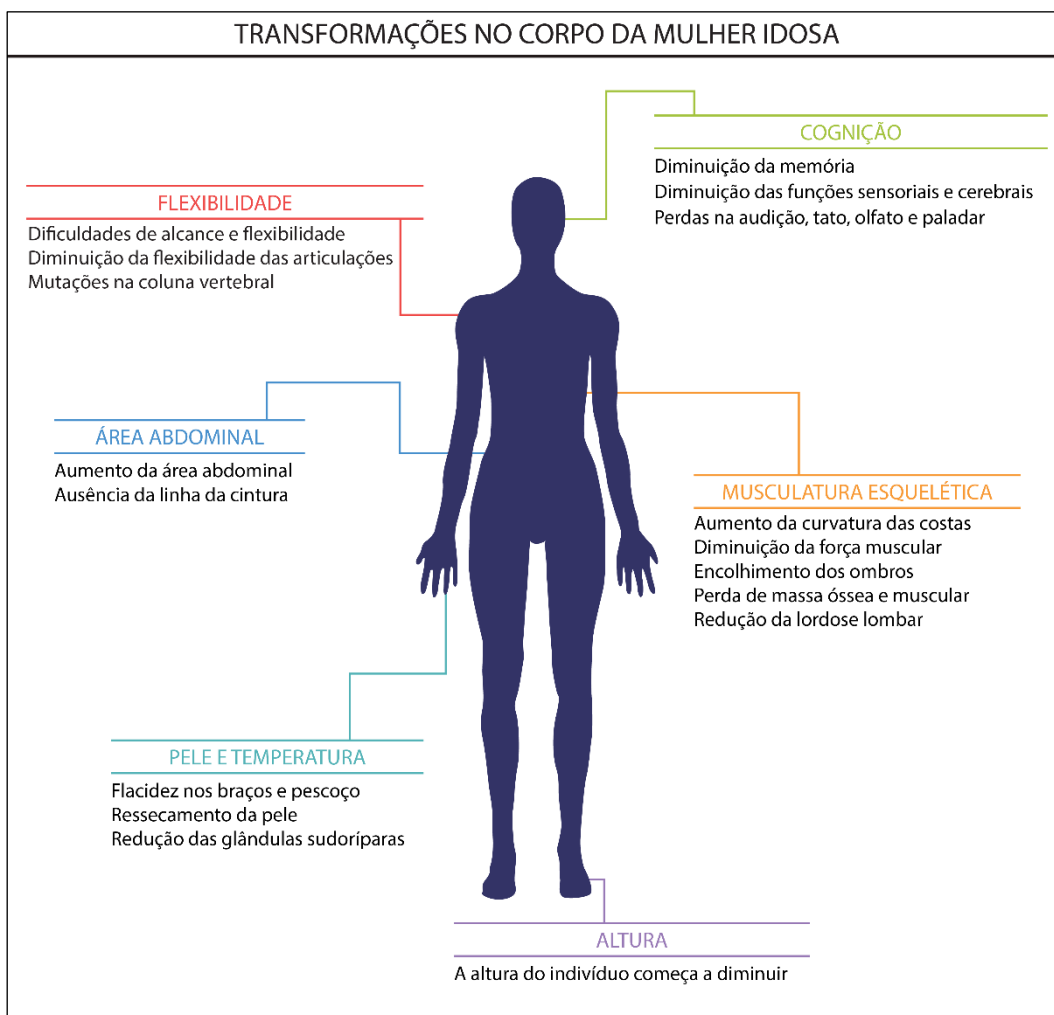


Figura 2.2 – Transformações no corpo da mulher idosa.

Santos e Sala (2010), com base em pesquisas, elaboraram uma lista de fatores relevantes em relação aos sinais de envelhecimento:

Fatores	Sinais de envelhecimento
Visão	Dificuldade em focar objetos; possível redução periférica (glaucoma); uso de lentes corretivas; redução da acuidade visual (capacidade de perceber pequenos detalhes); dificuldade na percepção das cores e necessidade de maior iluminação (pessoas com mais de 60 anos precisam do triplo da intensidade em relação aos jovens de 20 anos).
Audição	Diminuição da capacidade auditiva; redução da acuidade auditiva; dificuldades na percepção de sons de alta frequência (agudos) acima de 1000 hertz (nas mulheres a perda é maior, na faixa de 500 a 1000 hertz, enquanto que nos homens a maior perda é acima de 3000 hertz); como consequência da perda da audição, idosos passam a ter dificuldades de entender a fala (Iida, 2005), daí a importância da interação visual durante a comunicação.
Olfato e Paladar	Menor sensibilidade a odores e gostos.
Tato	Dificuldades em pegar e manipular objetos, interferindo na noção de dimensões; menor sensibilidade à dor; diminuição do equilíbrio por falta de noção de espaço.
Corpo e pele	Significativa alteração na aparência, com o aparecimento das rugas; perda da elasticidade; crescimento do nariz e orelhas; maior sensibilidade da pele, por se tornar mais fina.
Respiração	A dificuldade em respirar interfere na realização de esforços: o sistema nervoso torna a aprendizagem mais difícil, ocorre a diminuição dos reflexos e a lentidão das funções motoras e de raciocínio.
Circulação	A circulação fica mais prejudicada, provocando desconforto em decorrência do aparecimento de

Fatores	Sinais de envelhecimento
	varizes e edemas; riscos de saúde diante de emoções fortes; formigamento e cansaço.
Força muscular	A força muscular começa a decrescer gradativamente, alcançando 25% aos 65 anos, sendo mais acentuada nas mulheres. Com o surgimento da osteoporose, existe maior possibilidade de fraturar os ossos: dores; deformações e perda de estabilidade.
Locomoção	A locomoção se torna mais lenta, os passos mais curtos e há uma tendência de projetar o corpo à frente.
Cognição	O envelhecimento leva à perda de cognição, como lapsos de memória e dificuldades em processar informações.

Quadro I – Fatores relevantes do envelhecimento. Fonte: SANTOS e SALA (2010).

Iida (2005) lembra, contudo, que nem todos esses sintomas de senilidade se aplicam a todos os idosos. Indivíduos com 60 anos ou mais têm, muitas vezes, tanta força e disposição quanto os com 20 e 30 anos. As atividades constantes, tanto físicas quanto cognitivas, preservam a capacidade física, motora e mental das pessoas. Apesar das perdas, os idosos não estão incapacitados de trabalhar e viver bem, principalmente aqueles que se cuidaram durante toda sua vida, exercitando-se física e/ou intelectualmente.

Aspectos sociais do idoso

O envelhecimento humano não pode ser apenas considerado pela ótica da cronologia, ou seja, da idade, é necessário também ter uma percepção de vários outros aspectos, [...] a sociedade impõe imperativos de produção, agilidade e modernidade. (SCORTGAGNA e OLIVEIRA, 2012, p. 2)

Existe uma cobrança por parte dos mais jovens em relação aos idosos. Os jovens esquecem, por vezes, de toda a participação e contribuição social que os mais velhos deram – e ainda dão – à produção de serviços e conhecimentos. Com isso, muito idosos enfrentam problemas em relação à própria idade. Limitações e dificuldades não afetam só aos idosos: devido a diversas doenças, crianças, adolescentes e adultos também podem enfrentar limitações. Além dos problemas sofridos em decorrência do preconceito da idade “[...] no Brasil, como em outros

países em desenvolvimento, a questão do envelhecimento populacional soma-se a uma ampla lista de questões sociais não resolvidas, tais como a pobreza e a exclusão” (CAMARANO, 2004, p. 253-254).

Matérias apresentadas em duas edições da Revista Veja (2003) são citadas por Freitas (2003) como um exemplo da forma como as publicações apresentam o novo perfil do “velho”: para o autor, a mídia moderna denomina esse perfil de (re) invenção da velhice, incentivando uma mudança no modo de vida deste que agora ocupa uma nova posição social. A sociedade pós-moderna, influenciada pela globalização e pelo capitalismo, envolve-se em novos paradigmas – na qual é preciso que essa sociedade se adapte a novas realidades –, visto ser necessário enquadrar o velho numa identidade renovada: idoso.

A partir de posições políticas e religiosas, reforçadas por temas como educação e saúde, e com o reforço da mídia, a velhice em si se transforma em um grande processo de reflexão. As mudanças na vida do idoso passam a ser enxergadas sob a ótica das alterações da vida como um todo: a sociedade, por meio de discursos governistas, torna relevante a discussão acerca das mudanças na vida social, dos cuidados com a nutrição, higiene e urbanização, e, acima de tudo, passa a considerar a importância dos progressos da ciência. O idoso percebe, por meio das estatísticas publicadas, as possibilidades de uma vida mais longa, fato evidenciado pelas evoluções no campo científico e pela conscientização de toda a sociedade.

Ainda de acordo com as reportagens da Veja, embora a preocupação com o corpo e a aparência seja mais visível na atualidade – apresentando-se como um fenômeno recente –, é possível vislumbrar tal inquietude em alguns relatos históricos. Na modernidade, por exemplo, corpo, beleza e boa aparência configuravam-se como grandes símbolos do período.

A mídia é a grande provedora da nova realidade do idoso, exerce influência sobre a dinâmica social e redefine os novos “valores” a serem adotados pela terceira idade. O discurso midiático mostra, de certa forma, como a sociedade passa pelos processos de mudança. Em publicação de junho de 2003, a Veja apresenta uma mulher e um homem que não aparentam ser idosos, isto é, assim como explica Freitas (2003), a revista mostra idosos com certa “juventude”, como um símbolo de vitalidade, e não como um indivíduo em fim de linha. Ainda de acordo com o autor, o idoso não aparece, em artigo publicado em julho de 2008,

associado à velhice, ou seja, relacionado à doença, ao cansaço e à fadiga, mas apoiado em um discurso positivo.

Por muitas vezes, os idosos, apesar de aposentados, mantêm-se inseridos no mercado de trabalho, atuando nos mesmos cargos que exerciam anteriormente ou mesmo em outros segmentos. Muitos aproveitam para trabalhar com algo que, por ventura, não puderam realizar antes da terceira idade. Inseridas também tecnologicamente, pessoas idosas participam de redes sociais e do mundo virtual, assim como as demais faixas etárias. Segundo Ferreira e Martins (2013), idosos têm vida própria e procuram novas experiências, para se manterem jovens. Na terceira idade, nada os impede de se preocuparem com a estética e a saúde, de conviverem em grupos – realizando atividades físicas, de lazer, com bom humor – , e de procurarem, inclusive, a satisfação sexual.

As redes sociais contemplam vários grupos, blogs e sites direcionados à terceira idade. Nesses meios de comunicação, é possível tratar de assuntos relacionados a comportamento, à cultura, a viagens, ao lazer, à saúde, à decoração e à moda. Além disso, cria-se um espaço para reflexão por parte dos idosos no que se refere ao novo modo de viver, em que expõem suas dúvidas e principalmente suas expectativas em relação ao futuro, de forma positiva. Ainda de acordo com Ferreira e Martins (2013), os relatos de idosos, pesquisados nas redes sociais, constataam indivíduos conectados e envolvidos com as novas tecnologias. Observa-se também que esses “novos idosos” procuram aproveitar a vida e consideram envelhecer uma dádiva.

Stamato (2014), por sua vez, afirma inicialmente que os idosos não procuram estabelecer novos vínculos, sejam estes profissionais ou sociais, e encontram-se em uma situação à parte dos grupos das demais faixas etárias, que os leva a uma baixa autoestima. Posteriormente a autora verificou que, dependendo da faixa etária do idoso, ele participa tanto da vida social como da profissional, e que só a partir dos 80 anos poucos são os que continuam com uma vida social ativa. Esses fatores podem influenciar na sociabilidade e também na saúde. Porém, levando-se em conta as grandes conquistas da chamada terceira idade, acredita-se que esses novos idosos serão mais engajados nos aspectos sociais, preenchendo suas vidas com trabalho, estudo, lazer e novos relacionamentos.

* Conteúdo do **Subcapítulo 2.3** foi publicado no artigo:

VIANNA, C.; QUARESMA, Manuela. Ergonomic issues related to clothing and body changes of the new elderly women. In: 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics, 2015, Las Vegas. Proceedings of 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics. Las Vegas: Elsevier Procedia, 2015. p. 2917-2922.

3

A moda e o processo de construção do vestuário

O processo de construção do vestuário engloba uma série de etapas que devem ser pesquisadas e desenvolvidas, de forma que o produto final satisfaça aos usuários em termos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança. A importância do designer de moda neste processo começa com estudos das funções e requisitos da roupa, para então definir: a modelagem, os tecidos a serem utilizados, os aviamentos e beneficiamentos da peça, e, ainda, as pesquisas relacionadas às novas tecnologias.

3.1.

Moda e design de moda

Moda e movimento são duas palavras indissociáveis, segundo Baudot (2008, p. 8): “No século XVII, a moda significava uma maneira de ser e, por extensão, de vestir-se [...]. Os príncipes, os dândis, Luís XIX, Brummell, Baudelaire, todos prestavam serviços à moda ao se servirem dela”. Em complemento, Catellani (2003, p. 339) explica moda como:

Modo temporário de se vestir, regulado pelo gosto e pela maneira de viver de determinado grupo humano, em determinado momento histórico. Moda é a forma que o vestuário adota em determinados momentos, influenciada pelos movimentos artísticos, econômicos, filosóficos, sociais, políticos e religiosos que o mundo experimenta.

Para Sproles (1981 *apud* Frederico e Robic, 2006), o conceito de moda é o fenômeno cíclico temporário adotado pelos consumidores por tempo e situação particular. A moda é uma área importante de produção e expressão da cultura contemporânea. Os reflexos e referências da sociedade e os usos e costumes do dia a dia são representados por meio da moda. O desenvolvimento desse fenômeno se dá a partir das interligações entre a criação, a cultura e a tecnologia, incluindo os aspectos históricos e econômicos. A expressão moda, no sentido mais amplo, define “[...] um conjunto de fatores que ocorrem por meio dos produtos desenvolvidos e elaborados por designers na indústria” (MOURA, 2008, p. 37), sendo o designer de moda quem cria e projeta o produto, e ainda desenvolve e acompanha a produção até a sua utilização.

No passado, a moda traduzia solidez e reflexão; hoje, com a diversidade de estilos, a inconstância das inspirações e diversos conceitos, existe a necessidade de criar e produzir. Com a globalização, o advento da Internet e o avanço da tecnologia têxtil, as tendências – o estilo à frente do tempo –, apresentam formas inéditas de vestir, expondo, assim, o que está por vir. Para Frings (2012), moda é o estilo – ou estilos – determinado em momentos e épocas. Para o autor, a moda muda, pois as mudanças no estilo de vida e as necessidades das pessoas também mudam, e as pessoas cansam daquilo que têm.

Há algum tempo, a moda está ligada ao design, assim como o design à moda. Para Moura (2005), alguns segmentos da moda são voltados para as questões de mercado e gestão de negócios, que não são considerados design. Christo (2005), por sua vez, pondera que o termo “moda” pode ser utilizado em diversos segmentos, como objetos de vestuário, produtos, e em demais campos do design. Percebe-se que muitos produtos fazem, assim como ocorre na indústria da moda, lançamentos de uma nova linha ou coleção.

O design estuda as funções, a estética e a função simbólica dos produtos na vida de seus usuários e, segundo Moura (2008, p. 69), “a palavra design está associada à concepção de produto, ao projeto e planejamento [...] desenvolvimento de um projeto que tem como finalidade a realização de um produto”. A autora afirma ainda que desenhar faz parte do processo de criação, porém não inclui todo o conceito do processo do design. O design está relacionado ao planejamento, à experimentação, às novas tecnologias, ao mercado e, principalmente, ao usuário. No que concerne ao design de moda, ao se projetar uma peça de vestuário devem ser considerados a modelagem, o tecido, os aviamentos, a função da roupa e todos os processos decorrentes. Moura (2008) ressalta a importância do design em pensar e acompanhar a trajetória de um produto até o seu descarte e/ou sua reutilização.

Por que tanta dúvida ou relutância em aceitar a terminologia design de moda? Será que a memória presente das costureiras (existentes e presentes em qualquer nível social) invadiu a área de tal maneira que gerou dificuldades para se construir o pensamento de um profissional que concebe, projeta produtos de moda? Será que o fato da moda estar relacionada à proteção, ao bem-estar, ao se enfeitar impede que se pense em um profissional especializado para a criação e o desenvolvimento desses produtos? Será que ao comprarmos um móvel, um eletrodoméstico, um automóvel, temos uma visão mais consistente de que por trás do objeto adquirido existem vários profissionais e, principalmente, o profissional que projetou o produto, o design? Por quê? São complicados, pois vêm com manual de uso ou porque no cotidiano da maioria das pessoas, o marceneiro, o metalúrgico não são figuras tão presentes quanto às costureiras? (MOURA, 2005, p. 71)

Podemos concluir que, em vista de o vestuário fazer parte da vida do ser humano, a importância do design de moda se torna relevante. Por meio da inovação, tanto através da história e das culturas quanto por meio das tecnologias, o designer de moda pode proporcionar uma melhora na qualidade de vida dos usuários em diversos contextos culturais e econômicos.

3.2. Modelagem da roupa

De acordo com Dinis e Vasconcelos (2009), a modelagem é vista como um motivo de competitividade entre os profissionais, tendo em vista que os consumidores irão escolher os produtos não só pelo estilo, cor e função, mas também por qual vestir melhor. Toda construção de uma roupa consiste em dois princípios básicos de modelagem: *moulage*, ou *drapping* (tridimensional), e modelagem plana (bidimensional). Na *moulage*, o tecido é colocado em torno do corpo, enquanto na modelagem plana, ele é cortado conforme o molde e costurado, o que resulta em uma forma. Na *moulage* a roupa não possui forma fixa. (DUBURG, 2012)

Jones (2005) reitera que a modelagem plana exige medidas precisas, cálculos e proporção e o *moulage*, em contrapartida, tem a forma da roupa desenvolvida com manequins de prova, sendo o tecido moldado sobre eles. Segundo Frings (2012), a modelagem é feita nos tamanhos 36 para jovens, 40 para mulher adulta e 40 para homem adulto. Para que a modelagem das roupas atenda ao público idoso, é preciso que esse público seja contemplado nas tabelas de medidas. A modelagem feita para uma mulher adulta não corresponde à modelagem que atenda a uma idosa, pelo simples fato de que, com o passar dos anos, várias transformações ocorrem no corpo dessas mulheres.

Tanto para o autor quanto para Dinis e Vasconcelos (2009), a técnica da modelagem se divide em modelagem plana (Figura 3.1), *moulage* ou *drapping* (Figura 3.2).



Figura 3.1 – Modelagem plana (bidimensional). Fonte: Practical Fashion Design Institute¹.



Figura 3.2 – Moulage ou *drapping* (tridimensional). Fonte: Sigbol Fashion².

¹ Practical Fashion Design Institute: <http://www.pfdisurat.com/>. Acessado em 28/02/2016.

² Sigbol Fashion: <http://www.sigbol.com.br/>. Acessado em 28/02/2016.

A *moulage* é utilizada para dar forma ao tecido (algodão cru ou outros tecidos mais simples que tenham o caimento parecido como o que será usado), e é ideal para modelos leves. O método é utilizado principalmente para vestidos e roupas de festa. À medida que vai ganhando forma no manequim, o modelo pode ser modificado. Na *moulage*, devem ser marcadas todas as linhas em relação ao corpo, centro, frente, ombros, costuras, cavas. A partir do momento em que o designer está satisfeito com os efeitos, o tecido é retirado do manequim e transferido para o papel, no qual serão desenhadas as partes da modelagem, corrigindo ângulos e curvas.

A modelagem plana é, segundo Dinis e Vasconcelos (2009), a técnica de construção que vai transformar um desenho plano em um produto tridimensional, utilizando recurso como pences para criar volumes e formas. São feitas bases de acordo com tabelas de medidas, que irão ser utilizadas para adaptação de diversos modelos. A modelagem plana é elaborada com auxílio de réguas, curvas e esquadros. Os moldes computadorizados são desenvolvidos por softwares específicos. Uma boa modelagem, com o tecido apropriado, vai resultar em uma roupa com bom caimento e forma, satisfazendo o usuário na questão do conforto e da estética.

3.3.

Tecidos e tecnologia têxtil*

Para Sorger e Udale (2009), os designers devem conhecer bem os tecidos, pois deles dependem o sucesso da roupa, que definirá o caimento e a silhueta. Para a escolha do tecido, é preciso pensar na estética, que inclui a aparência e o toque, a cor, a estampa ou a textura. Os tecidos são feitos de fios naturais, artificiais e sintéticos por meio de métodos como tecelagem, malharia, flocagem, crochê, feltragem, entre outros.

Chataignier (2006) divide as fibras naturais em dois grupos, as de origem vegetal – como linho, cânhamo, juta, rami, sisal e bambu – e as de origem animal – como lã, seda, coelho, angorá, cashmere, mohai, lhama e alpaca –, que são obtidas principalmente do pelo dos animais. As fibras artificiais – celulose, acetato, derivadas da celulose, raiom, triacetato, viscose, elastano, modal e liocel – consistem de uma mistura de pasta de celulose com produtos químicos. Já as fibras sintéticas – poliamida, acrílico, poliuretano, poliéster e polipropileno –

utilizam como matérias-primas produtos derivados do petróleo (MARTINS e LOPES, 2009), do carvão e do gás natural (FRINGS, 2012).

Os tecidos mais usados no vestuário passam pela tecelagem ou malharia. Tecidos planos são os que são feitos pelo entrelaçamento dos fios, como o urdume (fios longitudinais) e a trama (fios transversais). Na malha, o entrelaçamento dos fios é sempre no mesmo sentido: ou todos na trama, ou todos no urdume.

Em decorrência da necessidade de se atender à demanda tanto dos designers de moda quanto a dos seus clientes, os consumidores, as indústrias têxteis produtoras de fibras sintéticas procuram sempre desenvolver novas fibras. Com as novas tecnologias, as empresas já desenvolvem um grande número de tecidos destinados às diversas necessidades, tanto em relação a uniformes, resistentes às altas temperaturas, como para esportes e vestuários em geral.

Segundo Frings (2012), estudos estão sendo realizados para substituir a base das fibras sintéticas de petróleo para materiais biológicos renováveis e biodegradáveis. Estes materiais têm o mesmo comportamento das fibras naturais (biodegradáveis e recicláveis) com o mesmo desempenho das derivadas do petróleo. Para Pezzolo (2007), na produção dos tecidos, as fibras devem ser escolhidas conforme suas propriedades:

Fibras	Propriedades
Finura	Quanto mais fina, o toque será mais agradável (microfibras).
Elasticidade	Propriedade de voltar ao estado natural depois de alongadas.
Resistência	Propriedade de voltar ao estado natural depois de amarradas.
Toque	Sensação de conforto em contato com a pele.
Hidrofilidade	Absorção e retenção da água. Fibras têxteis naturais.
Hidrofobidade	Absorve lentamente a água, sensação de desconforto.

Quadro II – Propriedades das fibras. Fonte: PEZZOLO (2007).

Chataignier (2006) classifica as fibras quanto às propriedades, às capacidades técnicas e ao uso. O quadro a seguir mostra algumas dessas fibras, suas propriedades, características e alguns exemplos no uso do vestuário.

Fibras: Propriedades, características e uso no vestuário.
Algodão – Fibra descontínua: comprimento limitado

Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Elevado grau de absorção; • Baixa resiliência; • Perda de resistência quando exposto a intempéries; • Sem resistência a microrganismos.	• Sensação de conforto ao tocar a pele; • Fácil de lavar.	Calças Camisas Saias Vestidos
Linho – Fibra descontínua: comprimento limitado		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Boa resistência; • Boa elasticidade; • Antialérgica; • Antibactericida.	• Sensação de conforto ao tocar a pele; • Fácil de lavar, • Secagem rápida.	Blusas Calças Camisas Saias Vestidos
Lã – Fibra descontínua: comprimento limitado		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Proteção contra o frio; • Lã fria também é utilizada em altas temperaturas; • Boa absorção à umidade; • Boa resiliência; • Boa flexibilidade; • Baixa resistência; • Perda de resistência quando exposta a intempéries; • Sem resistência a microrganismos.	• Sensação de aconchego; • Fácil de lavar; • Pode ser tingida.	Cachecol Calças Casacos Saias
Seda – Fibra contínua: comprimento grande, mas limitado por motivos técnicos		
Propriedades	Características	Uso no vestuário

• Média resistência; • Boa elasticidade; • Perda de resistência quando exposta a intempéries.	• Sensação agradável ao tocar a pele; • Macia, • Não amarrota; • Protege tanto do calor quanto do frio; • Hipoalérgica.	Blusas Camisas Saias Vestidos
Viscose – Fibra celulósica		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Baixa resistência quando úmida; • Elevado grau de absorção; • Perda de resistência quando exposta a intempéries; • Sem resistência a microrganismos.	• Sensação agradável ao tocar a pele; • Brilho; • Boa tingibilidade; • Baixo custo.	Blusas Saias Vestidos
Acetato – Fibra química		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Boa elasticidade; • Elevado grau de absorção; • Perda de resistência quando exposta a intempéries; • Boa resistência a microrganismos.	• É usada pura ou misturada na composição de tecidos como viscose, algodão, seda, tafetá e cetim; • Um pouco de brilho; • Estética agradável; • Bom caimento.	Roupas de festa
Poliamida – Fibra sintética		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Baixa capacidade de absorção; • Sensível aos raios UV; • Excelente resistência a	• Sensação agradável ao tocar a pele; • Estética agradável.	Roupas de chuva Roupas esportivas Roupas íntimas (lingerie)

microrganismos.		
Poliéster – Fibra sintética		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
- Alta resistência; - Baixa capacidade de absorção; - Boa resistência quando exposta a intempéries; - Excelente resistência a microrganismos.	- Sensação de desconforto ao absorver líquidos; - Não amassa; - Resistente a vincos; - Secagem rápida; - Baixo custo.	Calças Camisas Vestidos Ternos
Elastano – Fibra sintética		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
- Alta resistência; - Boa elasticidade; - Boa flexibilidade; - Sensível aos raios UV; - Excelente resistência a microrganismos.	Composição com outros tecidos, como poliéster, lã, viscose e algodão: eles voltam à aparência natural depois de amarrutados.	Roupas de praia Roupas esportivas Roupas íntimas (<i>lingerie</i>)
Acrílico – Fibra acrílica		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
- Alta resistência; - Baixa estabilidade térmica; - Boa resistência quando exposta a intempéries; - Excelente resistência a microrganismos.	- Sensação de conforto; - Toque suave; - Brilho; - Não amassa.	Casacos Fios de tricô Gorros Meias Roupas de cama e mesa
Aramida – Fibra genérica de origem química		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
- Alta resistência; - Boa resistência quando exposta a intempéries.	Utilizadas para vestuário de proteção e artigos que levem borracha.	Coletes à prova de bala Uniformes de bombeiros

Olefina – Fibra genérica de origem química		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Boa elasticidade; • Baixa capacidade de absorção de umidade.	• Pode ser tingida; • Leve.	Meias-calças Roupas esportivas Suéteres
Raiom – Fibra genérica de origem química		
Propriedades	Características	Uso no vestuário
• Alta resistência. • Boa capacidade de absorção de umidade.	• Boa absorção de umidade; • Boa respirabilidade; • Pode ser tingida.	Forros Roupas de cama Roupas íntimas (<i>lingerie</i>)

Quadro III – Propriedades, características e uso no vestuário: Algodão; Linho; Lã; Seda; Viscose; Acetato; Poliamida; Poliéster; Elastano; Acrílico; Aramida; Olefina; e Raiom.

O algodão (Figura 3.3) e o linho são as fibras naturais mais antigas. Como aponta Chataignier (2006), o algodão é o tecido mais usado pela população mundial e também o mais resistente. Essa característica de resistência possibilita a produção de uniformes de trabalho e ainda é a principal matéria-prima do jeans. A preocupação com a ecologia faz com que alguns produtos químicos sejam evitados, e algumas marcas estão incluindo em suas coleções peças de algodão puro. Esses tipos de tecido estão relacionados com o conforto e são fáceis de lavar. Os tecidos ecológicos, além de naturais, cumprem regras antes e depois da tecelagem. (PEZZOLO, 2007)



Figura 3.3 – Algodão: fibra têxtil mais consumida no mundo. Fonte: Portugal Têxtil³ e Unitika⁴.

³ Portugal Têxtil: <http://www.portugaltexil.com/>. Acessado em 28/01/2016.

⁴ Unitika: <http://www.unitika.com.br/>. Acessado em 28/01/2016.

O linho é a fibra mais ecológica visto não serem usados fertilizantes químicos em sua produção. Ele agrega conforto, estética e funcionalidade às roupas, é de fácil lavagem, secagem rápida, tem elasticidade e resistência, e é antialérgico e antibactericida (CHANTAIGNIER, 2006; PEZZOLO, 2007). O linho não atrai traças ou mofo. Tais propriedades tornam o uso desse tecido adequado à terceira idade. Ainda que considerado um tecido nobre, pelo preço alto no mercado, é versátil e apropriado para a confecção de camisas, calças, vestidos, saias e blusas.

A lã é a fibra natural animal mais utilizada, serve de proteção contra o frio e está associada ao aconchego. Segundo Pezzolo (2007), a lã fria pode ser usada em temperaturas mais altas, garantindo proteção e transpiração natural, e, quanto mais fina, mas variável é o seu uso. As peças de vestuário de lã são pesadas, principalmente quando molhadas. Alguns tipos de lã têm as fibras mais finas, que transmitem aspecto mais elegante e ainda podem ser lavadas em máquina caseiras, facilitando o dia-a-dia do usuário.

Como aponta Chataignier (2007), a seda é considerada a fibra natural mais forte, com grande elasticidade e toque agradável. A seda natural, chamada de seda pura, é muito macia, e amarrota quando dobrada, diferente das sedas de fibras sintéticas. McCann e Bryson (2014) mencionam que a seda tem grande capacidade de absorção, o que a torna confortável para usar em qualquer temperatura – ela protege do calor e do frio, mantendo o ar quente em contato com a pele. Dessa forma, a seda é uma fibra ideal para camadas de base térmica, forros, e, principalmente, para peles sensíveis como a dos idosos. Ela também é hipoalérgica, o que evita irritações na pele; é utilizada para a confecção de camisas, blusas, vestidos e saias. O custo da seda pura pode ser impeditivo para aqueles idosos que perdem poder aquisitivo com o passar dos anos.

Com as inovações tecnológicas; houve um grande avanço em relação às fibras para tecidos. A primeira fibra produzida sinteticamente foi a poliamida, fibra fina, resistente e tão elegante quanto à seda. As fibras sintéticas não são consideradas simples alternativas às fibras naturais, pois apresentam alta funcionalidade, além de propriedades específicas. As mais utilizadas, além da poliamida, são o poliéster, o acrílico, o elastano e o polipropileno. O poliéster é a fibra artificial mais usada, resistente a vincos e amassados. Pode ser usado misturado ao algodão, viscose, náilon, linho ou lã. O resultado é que esses novos

tecidos servem para a fabricação de artigos como camisas, vestidos, calças e ternos. É uma das fibras mais baratas, muito resistente e de fácil manutenção, porém não absorve o calor, podendo causar irritação na pele. Portanto, não é recomendada para ser usada em roupas para idosos. Entretanto, para Romero *et al.* (1995), o consumo do poliéster deverá crescer, em decorrência do baixo custo e dos melhoramentos tecnológicos que podem fazer com que se aproxime cada vez mais do algodão.

O acrílico (Figura 3.4) pode ser um bom substituto para a lã, pois proporciona calor, leveza e maciez, e é muito usado na confecção de malhas, casacos, meias, gorros e artigos infantis. Bom isolante térmico, não amassa e é de secagem rápida, além de possuir um toque agradável e não causar alergia. Por isso, é aconselhado o seu uso para o vestuário da terceira idade, apesar dos custos altos para a sua produção.



Figura 3.4 – Fibras acrílicas. Fonte: Forti⁵.

O elastano é misturado a algumas fibras para produzir uma maior elasticidade. Sua principal função é trazer elasticidade e conforto aos tecidos como malha e tecidos planos. Isso posto, ele auxilia na confecção de peças que aderem ao corpo sem prejudicar os movimentos. É uma fibra muito utilizada em roupas de praia, *lingerie*, roupas esportivas e meias, o que traz mais conforto ao usuário.

As fibras derivadas da polpa da madeira, as chamadas fibras celulósicas, são as que se aproximam mais das fibras naturais, em relação ao toque e ao caimento. A viscose foi a primeira desenvolvida e serve para confeccionar vestidos, blusas, saias, e, com suas características, é adequada ao vestuário para idosos. O bambu, cujo processo de fabricação é semelhante à viscose – apesar das fibras de bambu conterem propriedades antimicrobianas –, também pode ser utilizado no vestuário

⁵ Forti: <http://fortichapas.com.br/>. Acessado em 28/01/2016.

para idosos. Leve e maleável, a fibra do bambu se mistura bem com o algodão, com o elastano e com a seda. Já o acetato, muito usado em roupas de festa, tem o toque semelhante à seda e também traz um bom caimento.

Os novos tecidos não encolhem nem amarrotam e oferecem vantagens como cores inalteráveis, o conforto, fácil de lavar, secagem rápida, capacidade de aquecer no frio de refrescar no calor e de acelerar a troca térmica, capacidade de retirar o suor da parte interna da roupa e transportá-lo para a parte externa [...] mantém o corpo confortavelmente seco [...] além das propriedades específicas: antimicrobiana e antiestática. (PEZZOLO, 2007, p. 248-249)

As propriedades citadas previnem irritações e infecções e oferecem proteção contra os raios UV, proporcionando uma melhor solução para a confecção de vestuário para idosos.

Os tecidos tecnológicos são tecidos de alta qualidade, com funções específicas, e valorizam as criações dos designers, podendo trazer mais conforto e proteção aos usuários. As roupas são agradáveis de vestir, resistentes ao calor e, segundo Pezzolo (2007), os tecidos conhecidos como tecidos inteligentes podem ter efeito antiestresse e medir a pulsação e a pressão arterial. No contexto da prática de esportes, esses tecidos melhoram o desempenho dos atletas com suas inovações e também podem estar presentes na moda do dia a dia.

As indústrias têxteis buscam integrar a moda com a tecnologia, trazendo conforto e benefícios para os usuários. Tecidos tecnológicos são desenvolvidos com grande variedade de cores, não perdem a funcionalidade durante as lavagens, têm toque suave, mantêm o equilíbrio térmico e ainda agregam proteção contra os raios solares. De acordo com Pezzolo (2007), a Rhodia lançou o primeiro fio bacteriostático, que resultou em um tecido com as mesmas propriedades da poliamida, porém com a função bacteriostática. Esses tecidos inibem o crescimento das bactérias que causam odor, e não deixam que elas migrem para o usuário, o que não altera o equilíbrio de sua flora bacteriana. Todas essas características são muito recomendáveis para o uso no vestuário de idosos, que, com o decorrer do tempo, necessitam além de conforto e usabilidade, segurança em relação à saúde. Proteger a pele e interagir com as roupas através dos tecidos especiais proporciona aos idosos uma melhor qualidade de vida.

Para Sorger e Udale (2009), a evolução dos tecidos passa pelas pesquisas de uso de uniformes militares ou viagens espaciais. A marca Gore-Tex começou desenvolvendo uma tecnologia de isolamento térmico utilizada na primeira missão espacial. Em 1978, foi registrada como tecido respirável, impermeável e resistente ao vento e, em 1981, astronautas da NASA passaram a utilizar esta tecnologia em

seus trajes espaciais. Atualmente é utilizada em roupas de uso externo e esportivas.

Alguns tecidos são grandes aliados na confecção de roupas para idosos, como os tecidos naturais como o linho e o algodão, que trazem conforto e são de fácil manutenção, além de resistentes e de não machucarem a pele ressecada. O importante em relação ao uso dos tecidos é que tenham um toque agradável em contato com a pele, que absorvam a água, que possuam certa elasticidade e resiliência – capacidade de voltar à sua forma original. Os tecidos tecnológicos têm propriedades que protegem os idosos contra raios solares e proporcionam equilíbrio térmico trazendo conforto aos usuários.

3.4. Aviamentos

Na cadeia têxtil, os aviamentos (Figura 3.5) estão incluídos durante todo o processo da confecção de uma peça de vestuário, e são fundamentais para dar os acabamentos. Eles podem atuar na funcionalidade das roupas, como botões, linhas de costura, fechos e elásticos, ou serem adornos das peças, como franjas, bordados, entre outros.



Figura 3.5 – Aviamentos. Fonte: JONES (2005).

Frings (2012) afirma que o zíper (fecho de correr) foi inicialmente desenvolvido em 1922, sendo que, em 1969, foi desenvolvida a sua versão em nylon, mais leve e podendo ser tingido. Hoje os mais utilizados são os de poliéster, os de metal e os de plástico. Muitas das peças do vestuário, como roupas

de praia, roupas íntimas, calças e saias sem fecho, se apropriaram, por sua vez, do uso do elástico, pois são fáceis de vestir e mais confortáveis. O elástico é feito de borracha artificial e revestido com poliéster, algodão ou acetato.

Os aviamentos também podem valorizar muito uma peça de vestuário. Para Frings (2012), os aviamentos funcionais são classificados como básicos. Jones (2007) ressalta que alguns aviamentos como tranças, laços, fitas e franjas são chamados também de “passamanarias”. O autor diz ainda que é necessário pensar nos aspectos técnicos e estéticos ao aplicar aviamentos, pois eles podem definir o sucesso ou o fracasso de um modelo.

Os aviamentos devem ser resistentes à temperatura do ferro de passar e também às muitas lavagens que podem ocorrer com uma peça. Os usados em roupas de festa – como lantejoulas, contas, plumas e outros – devem ser retirados antes da lavagem. Os aviamentos básicos mais usados são linhas, elásticos, entretelas, cadarços, fechos e botões. Os decorativos podem ser galões, etiquetas, ilhoses, bordados, miçangas, entre outros.

Segundo Frings (2012), as linhas são fabricadas a partir de fibras, por produtores de fios. Servem para unir as partes das peças do vestuário. As linhas de fibras naturais, como o algodão, são compatíveis com os tecidos também feitos de fibras naturais. Com o desenvolvimento de novos tecidos, foram desenvolvidas as linhas de poliéster e o nylon, a fim de atender aos tecidos mais fortes e elásticos. Para a durabilidade da roupa, é importante que a escolha da linha atenda aos requisitos dos tecidos utilizados. Ainda de acordo com o autor, para estruturar uma roupa, como blazers e casacos, são usadas entretelas sob os tecidos, feitas de fibras naturais, artificiais ou mistas. A escolha depende do peso do tecido e do efeito desejado. Preferencialmente a entretela não deve ser mais pesada do que o tecido da roupa.

Os cadarços englobam as fitas, rendas, trançados estreitos e faixas de tecido, vivos e cordões, que podem ser funcionais ou decorativos. Os cadarços servem para diferentes usos e formas de aplicação:

Tipos de cadarços	Usos e aplicações
Banda	Cadarço com duas bordas lisas ou decoradas.
<i>Broderie</i>	Acabamento decorativo com abertura em que pode ser passada uma fita. Aplicação em rendas ou bordados.
Debrum	Acabamento pré-dobrado com uma borda crua, servindo como acabamento e decoração ao mesmo tempo.

Tipos de cadarços	Usos e aplicações
Viés	Acabamento que tem uma borda decorativa e outra lisa.
Decorativo	Renda, bordados ou traças com duas bordas moldadas e acabadas.
Inserção	Acabamento com duas bordas lisas.
Medalhão	Corrente de acabamentos com motivos individuais, que pode ser usada como banda, debrum ou cadarço, ou ainda como aplique.

Quadro IV – Tipos de cadarços e seus usos e aplicações. Fonte: FRINGS (2012).

As rendas, antes feitas à mão, hoje são produzidas em máquinas, e utilizadas em *lingeries* e vestidos de noiva, e, conforme a moda, como acabamentos decorativos (FRINGS, 2012).

Rendas	Características
<i>Barmen</i>	Os fios são trançados juntos para ficarem parecidos com um crochê pesado. Sistema de tecelagem <i>Jacquard</i> .
<i>Leaver</i>	Pura renda de bilros.
<i>Raschel</i>	Produzida em alta velocidade, por isso é mais barata.
<i>Veneziana</i>	Sistema de tecelagem <i>Jacquard</i> .

Quadro V – Tipos de rendas e suas características. Fonte: FRINGS (2012).

Segundo Frings (2012), os botões (Quadro VI) são relevantes em uma roupa em decorrência de sua funcionalidade e/ou decoração. Também entre os fechos metálicos e de plástico, temos as fivelas, botões de pressão, colchetes e ilhoses.

Botões	Materiais
Natural	Tradicionalmente feitos de pérola, madeira, couro, porcelana e osso. Hoje utilizam também castanha e madrepérolas.
Metálico	Feitos de latão, aço inoxidável ou estanho, são gravados ou fundidos.
Plástico	A maioria dos botões é feita de plástico – melamina, ureia, poliéster ou nylon.

Quadro VI – Tipos de botões e seus materiais. Fonte: FRINGS (2012).

Os aviamentos podem fazer toda a diferença no vestuário dos idosos. Com a perda do tato e a consequente dificuldade de manipular objetos, os botões podem vir a se tornar um problema, principalmente os botões de pressão. O zíper, por sua vez, pode facilitar o fechamento da roupa. Cadarços e fitas também trazem dificuldades em relação ao processo de finalização, pela dificuldade de manipulação. O elástico aplicado no cós das calças compridas ajuda na hora de vestir e despir, sem grandes transtornos. Os aviamentos decorativos podem ou não agradar, dependendo da sua localização no vestuário, ou por serem de materiais sintéticos, ou por atrapalharem os movimentos. As rendas, em materiais sintéticos ou não, tendem a ferir a pele em vista do ressecamento natural da idade. Botões de pressão, colchetes e ilhoses não devem ser usados, muitas vezes pelo difícil processamento de informações, pela perda da força muscular e por problemas de artrite nos dedos da mão.

3.5. Beneficiamentos

Leite e Delgado (2004, p. 147) definem que beneficiamento é quando o produto vestuário “[...] passa por algum processo de transformação que não faça parte da confecção em si, como tingimento, estamparia, bordado ou lavagem”. Pezzolo (2007) ressalta que beneficiamento têxtil cujo objetivo é melhorar as características físico-químicas das fibras, fios e tecidos.

Tingir os tecidos faz parte da história do homem. Atualmente, segundo Chataignier (2006), o objetivo de tingir um tecido é dar uma coloração diferente da cor natural, de forma integral, fazendo a diferenciação com os tecidos artesanais. A lavagem, por exemplo, é um tipo de beneficiamento aplicado a uma sarja, que ficou conhecida por *jeans*. A indústria têxtil, por sua vez, aprimorou o processo do tingimento do *jeans* para diversificar os coloridos e nuances dos tecidos.

No processo de beneficiamento, a função da estamparia é fazer com que os tecidos envolvam o usuário em suas diferentes formas de apresentação. Para Chataignier (2006), a influência sociocultural é que definirá quais serão os motivos a serem estampados. As técnicas utilizadas nos processos de estamparia sobre tecidos podem ser manuais, para pequena produção, ou mecanizadas, para alta produção. As técnicas de impressão podem ser diretas, em que os desenhos são aplicados sobre superfície branca ou crua, com corantes e pigmentos, e dentre

essas técnicas tem-se quadro manual, quadro mecanizado, automática rotativa, *transfer*, estêncil e impressão digital. As mais usadas são a impressão a quadro e com cilindro (rotativa). Já entre as técnicas indiretas conhecidas pode-se citar o *batik* e o *tie-dye*.

De acordo com Sorger e Udale (2009), os bordados podem ser aplicados antes ou depois da confecção da roupa, e seu uso pode definir a função de uma peça de vestuário ou ser um detalhe do modelo. Os bordados são desenvolvidos manualmente ou por meio de máquinas domésticas ou industriais. Podem ainda ser criados no computador, para depois serem executados em máquinas digitais de bordado. Os processos de beneficiamentos citados acima auxiliam no processo de transformação dos tecidos como a alteração da textura, das cores, e a adição de estampas e bordados. Essas transformações são decorrentes das tendências que o mercado exige a fim de satisfazer os consumidores.

A demanda por roupas bordadas é cada vez mais presente no mercado de vestuário. As roupas, antes bordadas à mão, apesar da perfeição, são substituídas por máquinas de bordar, mecânicas, eletrônicas ou computadorizadas. As máquinas mecânicas são operadas manualmente e produzem bordados com excelente acabamento. As máquinas eletrônicas e computadorizadas funcionam com energia elétrica, mas as computadorizadas são tecnologicamente mais avançadas e programadas por meio de computador, reproduzindo os desenhos com maior rapidez. Os bordados são usados geralmente em *lingeries*, blusas e vestuário em geral. O quadro e as figuras a seguir mostram os tipos de máquinas de bordar computadorizadas:

Máquinas	Características
<i>Schiffli</i> (Figura 3.6)	Bordado contínuo feito sobre tecidos ou acabamentos – Máquina com múltiplas cabeças.
<i>Bastidor</i> (Figura 3.7)	Usada quando a peça precisa de aplicação de um só motivo.

Quadro VII – Tipos de máquinas e as características dos bordados. Fonte: FRINGS (2012).



Figura 3.6 – Máquina Schiffli. Fonte: Baduran⁶.



Figura 3.7 – Máquina Bastidor. Fonte: Baduran.

3.6. Processo construtivo do vestuário

No processo de construção da roupa, Leite e Velloso (2004) apresentam um fluxograma mostrando as etapas de criação e construção de uma peça. Nesse processo, observa-se que a modelagem tem um lugar de grande importância nessa conjuntura. Se for rejeitado no momento da prova, o produto deve retornar ao modelista, o que interfere diretamente no custo e tempo da produção.

⁶ Baduran: <http://barudan.com.br/>. Acessado em 28/01/2016.

O processo de criação e construção de vestuário começa com a criação do produto pelo designer de moda, que, com a ideia concebida, desenha o croqui a ser desenvolvido. Na modelagem, os moldes são interpretados e desenvolvidos a partir do croqui dos designers. Segundo Rosa (2008), a modelagem é a técnica que estrutura a roupa, dando forma, volume e caimento. Quanto mais medidas forem tiradas do corpo, mais precisos os moldes tendem a ficar. O *moulage (drapping)* é usado para criar modelos em terceira dimensão, tendo como base o corpo ou o manequim industrial. A técnica consiste no preparo do tecido e na manipulação sobre o manequim. Com a necessidade de produção em série, após a aprovação do modelo tridimensional, a modelagem é passada para o plano bidimensional, a fim de gerar a grade de tamanhos. A modelagem plana, por sua vez, faz uso de medidas pré-estabelecidas, de acordo com a confecção, indústria ou tabelas de medidas padrão. A técnica utiliza o desenho plano bidimensional para então ser transformada em um produto tridimensional, utilizando recursos como pences para criar volumes e formas.

Em uma empresa que confeccionará suas próprias peças, o croqui é interpretado pelo modelista que faz os moldes para a peça piloto. A modelagem pode ser baseada em tabelas de medidas oficiais, no caso as da ABNT ou as da própria empresa, o que é muito comum. Também pode ter como referência um modelo de prova, porém, no caso de ser substituída por outra pessoa, ainda que as principais medidas como busto, cintura e quadril sejam iguais, o caimento da roupa nunca será o mesmo. Apesar das mesmas medidas entre a modelo e a substituta, uma pessoa pode ser mais alta ou mais baixa do que a outra, ou ter medidas de ombro diferentes. Já quando a prova é feita em um manequim, o caimento da roupa não corresponde à realidade, pois a boneca não tem o movimento do corpo.

Finalizada a modelagem, as próximas etapas são o risco, enfiar, corte do tecido, montagem e o fechamento da roupa. Em seguida, são feitos os acabamentos. Caso a peça piloto não seja aprovada, faz-se necessário fazer retificações para dar continuidade ao processo. A peça piloto servirá de base para a reprodução da coleção. Ela estará junto de uma ficha técnica, que, segundo Leite e Velloso (2004), deverá conter o desenho técnico, os materiais utilizados para confecção – como tecidos e aviamentos –, composição, cor, nome dos fornecedores, gastos, preços, grade de tamanhos e quantidades. A ficha técnica

também deve apresentar o nome da empresa, nome da coleção, nome da peça, referência e data, pois se trata do histórico do produto.

A próxima fase é a da reprodução, na qual, com a peça piloto e a ficha técnica concluída, serão feitas as ampliações dos moldes, de acordo com a numeração disponibilizada pela empresa. O risco que consiste em passar para o papel as partes da modelagem é que devem ser da largura e comprimento da mesa de corte. Essa etapa é de grande importância, pois se deve obter o melhor aproveitamento do tecido para que não haja desperdício. A reprodução poderá ser feita manualmente – por profissionais com experiência – ou em programas computadorizados. No sistema CAD, o encaixe dos moldes pode ser executado manualmente pelo operador ou feito automaticamente pelo sistema, no qual o operador indica o tamanho da mesa de corte e ainda a grade dos modelos (Figura 3.10).



Figura 3.8 – Encaixe automático (Sistema CAD). Fonte: Audaces⁷.

Depois do processo concluído, o molde é enviado para uma *plotter*. O próximo passo é o enfiesto, sobrepor várias folhas de tecido, respeitando sempre as medidas da mesa de corte, para dar início ao corte. As técnicas utilizadas nessa etapa podem variar de manual - realizada com tesoura de corte com no máximo duas folhas de tecido - e a mecânica, com equipamento para enfiestos baixos e outra com equipamento para enfiestos de grande altura. Hoje, os cortes são feitos

⁷ Audaces: <http://www.audaces.com/>. Acessado em 08/03/2016.

com o uso de computadores, o que reduz a mão de obra e melhora a eficiência deles. O corte de ternos masculinos, por exemplo, é feito a *laser* com uma só camada de tecido.

O próximo passo da produção é a montagem das peças. Segundo Frings (2012), as etapas de montagem são chamadas de operações. As confecções utilizam métodos diferentes, mas sempre seguindo a mesma ordem, e as operações são listadas na sequência em uma planilha. Terminada a montagem da roupa, as de melhor qualidade recebem alguns acabamentos à mão, como costura de forros ou de botões. Nas roupas de preço médio e baixo, os acabamentos são feitos à máquina.

São quatro as etapas finais da produção de roupas: tingimento e lavagem, passagem, controle de qualidade e etiquetagem. Alguns fabricantes tingem as peças depois de prontas, o que pode encarecer o produto. Na produção de peças em *jeans*, os tipos de lavagem também são feitos depois da peça concluída. As roupas são passadas, para melhorar a aparência ou para esconder pequenas imperfeições. São usados ferros a vapor e também passagem automática controlada por computador. O controle de qualidade é a padronização do produto, na qual as peças devem ser verificadas quanto à qualidade das costuras e também se as medidas estão corretas. Por fim, a etiquetagem, identificará as peças prontas.

A moda e o processo de construção do vestuário estão em constante transformação, adaptando-se às mudanças sociais, culturais, industriais e mercadológicas. Essa evolução promove variedade de estilos e, por consequência, democratiza o ato de vestir: com cada vez mais opções de tecidos, aviamentos e beneficiamentos, e com uma produção cada vez mais rápida e eficiente, faz-se possível agradar e satisfazer diversos gostos.

* Conteúdo do **Subcapítulo 3.3** foi publicado no artigo:

VIANNA, Claudia; QUARESMA, Manuela. Ergonomia: conforto têxtil no vestuário do idoso. In: 15º Ergodesign – Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia / 15º USIHC – Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-computador, Blucher Design Proceedings, Volume 2, 2015. p. 1662-1670, ISSN 2318-6968. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/ergonomia-conforto-txtil-no-vesturio-do-idoso-19118>. Acesso em: 8 mar 2016.

4

A ergonomia do vestuário*

Os estudos em Ergonomia evidenciam a interdisciplinaridade entre várias ciências, cujo objetivo é compreender e analisar o relacionamento do ser humano com o trabalho, a tecnologia, o ambiente e os produtos, a fim de desenvolver soluções que proporcionam conforto, satisfação e segurança nessas interações. O estudo ergonômico deve estar presente em todos os setores que se relacionam com seres humanos, considerando os aspectos físicos, cognitivos e organizacionais envolvidos. Portanto, o vestuário pode ser incluído tanto na categoria de proteção do corpo, como para designar o status de um indivíduo na sociedade.

Para Saltzman (2008) e Strada (2008), as roupas devem ser criadas respeitando o contato com a pele e o movimento do corpo. Saltzman (2004) ressalta que a relação da roupa com o entorno é definida pela proximidade ou pelo distanciamento do corpo. Para Strada, a roupa não é só estética: é preciso sentir prazer ao vesti-la, “[...] configurando um guarda-roupa ‘básico’, articulado, no qual a função não era secundária à forma nem à estética” (STRADA, 2008, p. 123).

Segundo Iida (2005), a ergonomia deve estar presente tanto na concepção quanto na correção do projeto de um produto e os princípios ergonômicos devem ser empregados em todas as etapas do projeto. Na relação ergonomia e vestuário, deve-se levar em consideração a antropometria, que, segundo Dul e Weerdmeester (2004), trata do estudo das dimensões e proporções do corpo humano. A modelagem correta permite a mobilidade do corpo e o bom caimento da peça, já a usabilidade, o conforto e a segurança, aliados aos materiais utilizados, possibilitam a satisfação e o bem-estar dos usuários em relação à roupa.

Para Martins (2008), o produto deve ser adaptado ao ser humano no que diz respeito à sua melhor forma de adequação para prevenir e evitar equívocos na concepção desse produto. O usuário não deve ter dúvidas quanto à usabilidade dos produtos de vestuário, sendo a forma de vestir e desvestir bem esclarecida, principalmente aos voltados à população idosa. Martins faz uma analogia da ergonomia com a teoria das cinco peles de Hundertwasser (Figura 4.1), que

estabelece a epiderme como a Primeira Pele. A escala humana é a referência para o dimensionamento de qualquer produto, assim como é preciso conhecer as necessidades do usuário para melhor a adequação entre o produto e o homem. Dessa forma, a ergonomia protege a Primeira Pele das suas interações com as demais. A Segunda Pele, que Hundertwasser denomina de vestimenta, é a que reveste o ser humano, e protege e possibilita a facilidade de trocar de pele ou de vestimenta. A ergonomia atua com as propriedades básicas de usabilidade, conforto, satisfação e segurança, levando em conta os aspectos físicos e psicológicos dos usuários. Nesse caso, em que a Segunda Pele pode ser trocada, as facilidades em vestir e desvestir uma roupa contribuem para essa teoria.

É relevante ressaltar que projetos de produtos não podem estar desvinculados dos requisitos técnicos e estéticos, nem desconsiderar as inovações tecnológicas. Principalmente, os projetos devem estar centrados no usuário, nas necessidades, capacidades e limitações deles em relação à mobilidade, faixa etária e atividade realizada (MARTINS, 2006 *apud* MARTINS, 2008). A Terceira Pele, que corresponde à casa do homem, pode ser relacionada à moradia, aos ambientes de trabalho, às fábricas, às escolas, aos hospitais, aos espaços públicos e privados, e utiliza também os princípios ergonômicos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança. A relação da Terceira Pele com a moda ocorre no uso dos materiais têxteis e de seus acabamentos, trazendo conforto quando utilizados na casa do homem. A Quarta Pele, por sua vez, corresponde ao meio social e à identidade, englobando a família e os espaços geográficos, sociais e culturais. A interação entre o homem e o meio social equaciona os desejos individuais com os coletivos, com o objetivo de proporcionar conforto e prazer. Por fim, a Quinta Pele corresponde à humanidade, à natureza e ao meio ambiente, e deve ser cuidada pelo ser humano na preservação da natureza, seguindo os princípios de sustentabilidade, “[...] no sentido de reduzir o ritmo de consumo e preservar a resiliência de nossa Quinta Pele, que nos protege e alimenta” (MARTINS, 2008, p. 333).

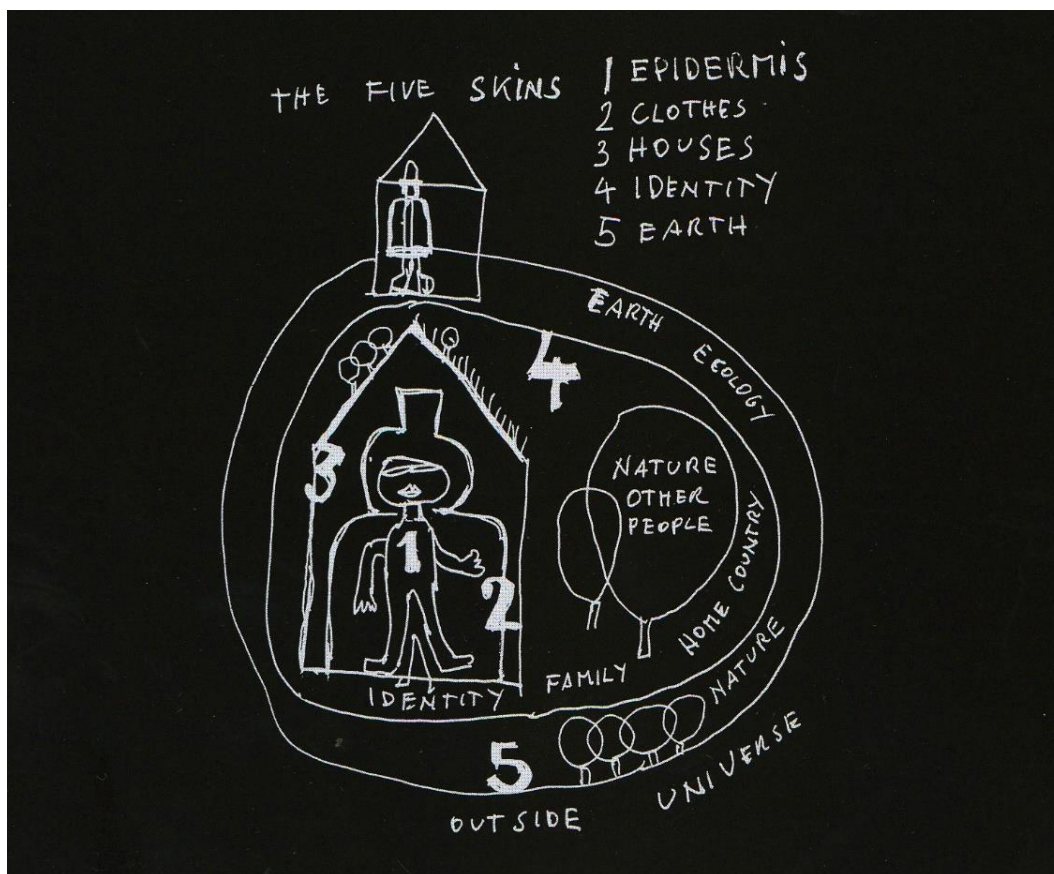


Figura 4.1 – Diagrama de Hundertwasser da teoria das cinco peles. Fonte: L'Agent Provocateur⁸.

Martins (2008) propõe uma metodologia para a avaliação da usabilidade e do conforto do vestuário, denominada OIKOS, palavra de origem grega, que significa ‘casa’, ‘casulo’. Nessa metodologia, a autora sintetiza a ideia de conforto, proteção e aconchego, e quando serão avaliados a usabilidade e o conforto do vestuário. A metodologia OIKOS sugere que, desde a fase do projeto conceitual, a ergonomia, a usabilidade e o conforto devem ser considerados variáveis para o desenvolvimento de produtos de moda e vestuário, como uma Segunda Pele.

4.1. Antropometria e modelagem

A antropometria é o estudo das medidas e das formas do ser humano, e é definida por Roebuck (1995, p. 1) como “a ciência da mensuração e a arte da aplicação que estabelece a geometria física, as propriedades da massa e a capacidade física do corpo humano”. Segundo Bittencourt (2011), é preciso

⁸ L'Agent Provocateur: <https://lagentprovocateur.wordpress.com/>. Acessado em 02/02/2016.

considerar as diferenças entre os indivíduos e grupos sociais para que as medidas do corpo sejam adequadas ao projeto a ser desenvolvido. As dimensões humanas são de grande importância, portanto, as variações extremas devem ser consideradas, “[...] inclusive como o decréscimo em função da idade em ambos os sexos, após a maturidade do corpo humano” (BITTENCOURT, 2011, p. 106).

O levantamento antropométrico adotado num projeto deve ser aquele que mais se parece com a população alvo, ou seja, a amostra das pessoas medidas no levantamento deve ter as mesmas características (sexo, idade, raça e etnia, nível sócio econômico, etc.) da população usuária, para evitar que o dimensionamento do produto atenda a uma população que não seja a que irá usar o produto. (QUARESMA, 2011, p. 134)

A importância da confiabilidade dessas medidas é fundamental para os projetos de vestuários e a indústria têxtil utiliza os dados gerados pelos estudos da antropometria para obter sucesso comercial. Para Boueri (2008), o conhecimento do corpo, da estrutura e dos movimentos é que vão adequar o vestuário ao indivíduo, a fim de proporcionar conforto, segurança, proteção e estética.

A norma brasileira NBR 13377 “Medidas do corpo humano para vestuário – Padrões referenciais”, de 1995, apresenta, no segmento feminino, apenas medidas de busto e de cintura, para padronizar os tamanhos de 36 a 54 ou de PP a GG, não atendendo aos profissionais de modelagem. Isso, pois a técnica da modelagem necessita de outras medidas como perímetros e alturas de diferentes partes do corpo. Em 2004, foi criada a NBR 15127 “Corpo humano: Definição de medidas”, que define como devem ser tiradas as medidas do corpo a serem utilizadas como base para desenvolvimento de projetos tecnológicos. Tais medidas podem ser aplicadas em projetos de vestuário, mobiliário, transportes, residências, entre outros. Entretanto, as diretrizes usadas não correspondem a medidas confiáveis, de acordo com Boueri, (2008), em decorrência da falta de um levantamento com dados antropométricos da população brasileira. No início de 2006, foi elaborada uma proposta com a finalidade de adequar a NBR 13377, de 1995, aos critérios da NBR 15127, de 2004. O objetivo dessa proposta era, segundo o autor, padronizar os tamanhos do vestuário em função das medidas do corpo. Todavia, ela não foi levada adiante em vista de não continuar a atender aos profissionais de modelagem, o que impossibilitou a adequação da roupa ao usuário.

Segundo Silveira (2008), foi iniciado, em 2001, o Censo Antropométrico Nacional – ABRAVEST/LECTRA (Associação Brasileira do Vestuário/*Software* francês de CAD/CAM), com o objetivo de obter um banco de dados com medidas brasileiras. No Censo, as medidas e parâmetros fundamentais para a modelagem

do vestuário foram definidas, e a autora propõe que a medição deva ocorrer de acordo com duas maneiras: com o sistema mecânico, por meio do uso de antropômetros, balanças, compassos e fita métrica, ou com o sistema computadorizado, que mede a forma tridimensional do corpo.

A antropometria pode ser dividida em Estática ou Estrutural e em Dinâmica ou Funcional. Na antropometria estática, as medidas são tiradas com o corpo parado, sem movimento. Na antropometria dinâmica, as medidas são tiradas, segundo Quaresma (2001), com o corpo em movimento, em alguma atividade física, como ocorre, por exemplo, na concepção de vestuários esportivos, de uniformes e de roupas do dia-a-dia.

As medidas antropométricas necessárias para a confecção de vestuários devem ser obtidas por meio de levantamentos antropométricos confiáveis, que contribuirão para a elaboração de uma tabela de medidas, resultando, assim, em uma modelagem mais precisa. Os dados antropométricos a serem considerados para o dimensionamento do vestuário são, segundo Boueri (2005): a estrutura, as articulações e a mobilidade do corpo, e o perfil antropométrico. Hoje, as tabelas de medidas existentes no Brasil não contemplam o corpo dos idosos, que apresentam uma estrutura física diferenciada da dos padrões de vestuário existentes no mercado. Nas tabelas brasileiras têm-se apenas medidas generalizadas do homem, da mulher e das crianças. Como já visto anteriormente, o corpo das mulheres idosas sofre transformações com o decorrer do tempo, dentre elas a perda da estatura, a diminuição da massa muscular, alterações do abdômen, flacidez e o surgimento de gorduras localizadas (DREYFUSS, 2005). Bougourd (2014) mostra as silhuetas de mulheres com idades que variam de 16 até 76 ou mais anos de idade, o que permite a observação das mudanças do corpo nessas diversas faixas etárias. Na Figura 4.2, percebe-se as alterações nos corpos conforme o avanço da idade, como a curvatura da coluna – o que causa uma má postura –, o aumento do abdômen e a diminuição da altura, do busto e dos glúteos.

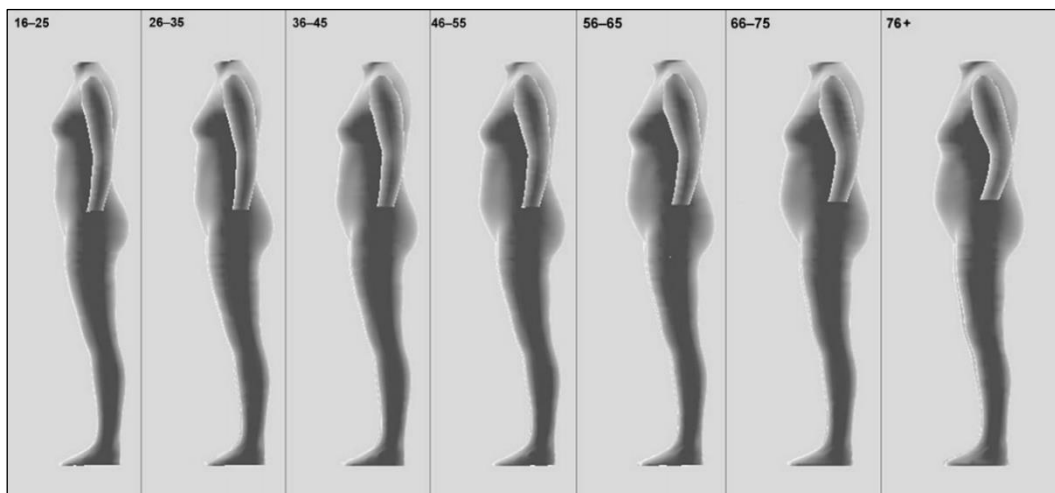


Figura 4.2 – Perfis de mulheres de sete grupos de idade. Fonte: MCCANN e BRYSON (2014, p. 152).

De acordo com Bastos *et al.* (2013), o Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil do SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI/CETIQT) iniciou, em 2006, o mapeamento das diferentes formas dos corpos da população brasileira, dando início ao Projeto Estudo Antropométrico Brasileiro – SizeBR. Por meio de um *body scanner* de tecnologia de luz branca, foram realizados diversos levantamentos antropométricos, mapeando biótipos masculinos e femininos, para gerar manequins e tabelas de medidas atualizados. As amostras foram coletadas em todas as regiões do Brasil, abrangendo as idades de 18 e 59 anos. O objetivo da pesquisa do SENAI/CETIQT foi determinar os padrões de corpos dos brasileiros e, com isso, proporcionar à indústria de vestuário uma forma de melhor definir as medidas para a confecção da modelagem, trazendo maior confiança e satisfação aos usuários.

Com pesquisas realizadas nas cinco regiões brasileiras, foram definidos quatro tipos de corpos femininos: retângulo, triângulo, colher e ampulheta (e, nessa forma, subdivisões como ampulheta superior e inferior), segundo Sabrá (2015). Na forma de retângulo (*rectangle*), o corpo apresenta as circunferências do tórax e do quadril quase iguais. A mulher com o biótipo triângulo, (*triangle*) apresenta o quadril bem maior que o tórax, e, no biótipo triângulo invertido, a circunferência do tórax é maior do que a do quadril. Em ambos, a cintura não é marcada. No tipo colher (*spoon*), o quadril é largo e o tronco alongado, e “[...] esse biótipo é definido quando existe uma diferença positiva entre as circunferências do quadril e do tórax” (BASTOS, 2014). No biótipo ampulheta (*hourglass*), o tórax e o quadril aparentam ter proporcionalidade, e a cintura é bem

marcada. No de ampulheta inferior (*bottom hourglass*), o quadril é maior que o tórax e, no de superior (*top hourglass*), a circunferência do tórax se apresenta maior do que a circunferência do quadril.

As tabelas de medidas e referências para construção do vestuário elaboradas pelo SENAI/CETIQT – referência do corpo brasileiro SizeBR – contemplam o biótipo geral do corpo humano feminino, dividido em três tabelas, uma para mulheres de cada biótipo de estatura, curta, média ou longa. As medidas são divididas em três segmentos: circunferências ou perímetros, com dezoito medidas; comprimentos e alturas, com quatorze medidas; e contornos e larguras, com quatro. O objetivo desse levantamento é trazer mais conforto na relação usuário-vestuário e também facilitar o consumidor na compra de suas roupas, de acordo com suas medidas. As indústrias de vestuário podem se beneficiar com esta padronização, evitando assim grandes perdas de produtos.

Com a finalidade de dar origem à norma de padronização de vestuário feminino, os estudos antropométricos realizados pelo SENAI/CETIQT foram elaborados com a população feminina em uma faixa etária que não corresponde à das mulheres idosas. Portanto, os biótipos definidos podem não contemplar tais mulheres, que poderiam ser o propósito de um estudo futuro. Percebe-se a importância de uma pesquisa específica em relação ao vestuário para mulheres idosas, com foco nos efeitos do envelhecimento que alteram toda a tridimensionalidade do corpo. Com o advento das novas tecnologias 3D, o conhecimento da forma do corpo das idosas, e não apenas o tamanho, será essencial para que designers de moda fundamentem seus projetos de vestuário. Segundo Quaresma (2011), os dados antropométricos são muito importantes para dimensionar um produto corretamente. Caso não haja compatibilidade física entre o produto e o usuário, o resultado pode não proporcionar conforto e segurança, pó que prejudicaria a usabilidade do produto.

Para Tibo (2007) e Victor *et al.* (2007), as tabelas existentes não contemplam o idoso, o que torna necessário um levantamento de medidas para essa faixa da população. Visto o crescimento da população da terceira idade, é preciso um estudo antropométrico confiável para que a indústria do vestuário atenda aos idosos em relação ao conforto, à satisfação e à segurança.

4.2. Usabilidades da roupa

A usabilidade, segundo Cybis, Betiol e Faust (2007), tem como objetivo proporcionar eficácia, eficiência e satisfação, e também o bem-estar e saúde do usuário na relação trabalho-homem. Para Moraes (2005), o conceito de usabilidade é quando o produto é adequado ao desempenho da tarefa à qual se destina, facilitando o seu uso em qualquer ambiente. Já Iida (2005) menciona a usabilidade quando os produtos se tornam fáceis de entender e de operar, não levando o usuário a erros.

Segundo Martins (2005), a importância da usabilidade na ergonomia está na avaliação produto-usuário. A relevância para o desenvolvimento, a aquisição e o uso dos produtos está no fato de acomodar as necessidades e as características do consumidor. Nilsen (1993) sistematizou os princípios básicos da usabilidade: satisfação, erros, capacidade de aprender, eficiência e capacidade de memória. Cushman e Rosenberg (1991 *apud* MARTINS, 2005), por sua vez, indicam conforto, segurança e facilidade de uso como requisitos essenciais para execução das tarefas.

Martins (2005) propõe uma metodologia para a avaliação da usabilidade dos produtos de vestuário, considerando indicadores de conforto como uma das principais variáveis para o projeto. Segundo a autora, nem todos os produtos de vestuário trazem conforto ao entrar em contato com o corpo e, para avaliar a usabilidade das roupas, a autora utiliza critérios como: facilidade de manejo, de manutenção e de assimilação (clareza no manuseio); segurança; indicadores de usabilidade e conforto. Na categoria conforto, só o conforto físico foi utilizado. Martins (2005) considera a eficiência da metodologia OIKOS, que deve ser usada desde a concepção do produto, e na verificação de todas as etapas.

A *Internacional Standards Association* (Organização Internacional para Padronização) (ISO, 198 *apud* RUSSO e MORAES, 2005, p. 99) define usabilidade como “a efetividade, eficiência e satisfação com os quais usuários específicos atingem metas específicas em ambientes particulares”. A efetividade pode ser definida quando um objetivo é alcançado, “a eficiência se refere à quantidade de esforço que o indivíduo investe para atingir a meta [...] e a satisfação se refere ao nível de conforto e de aceitabilidade dos usuários ao usar um produto” (RUSSO e MORAES, 2005, p. 100). A ergonomia junto à usabilidade são requisitos básicos para um projeto de produto. Quando se refere à

usabilidade do vestuário, a roupa deve ser fácil de ser usada, ser confortável, e facilitar os movimentos do usuário na execução de tarefas. As autoras referem-se à satisfação como um dos itens mais importantes da usabilidade, definindo a relação do usuário com o produto. A satisfação está relacionada com o conforto e com a aceitação do produto (modelagem, tecido, estética).

Silveira (2008) exemplifica a usabilidade no vestuário por meio de roupas projetadas para serem usadas em exercícios físicos, esse vestuário cumpre o seu objetivo, e possibilita que o atleta pratique as atividades de maneira natural e segura. Segundo Campos, Vieira e Perassi (2012), a eficiência da roupa está no cumprimento da tarefa para qual ela é usada, ou seja, para facilitar os movimentos e se os usuários realizaram a tarefa melhor do que aqueles o que não usam a roupa apropriada.

A usabilidade aplicada ao vestuário engloba vários aspectos. A facilidade em vestir e desvestir uma roupa depende dos acessórios e aviamentos usados. Essas ações devem ser de fácil realização e entendimento, para não constranger o usuário, e devem ser de fácil manejo na forma de abrir, fechar e amarrar. Na questão da manutenção da roupa, a ação deve ser de fácil entendimento, com tecidos com facilidade de lavar e secar. Os produtos de vestuário também devem trazer segurança em relação ao manuseio e não causar desconforto térmico e umidade inadequada, ou apresentar aviamentos que possam irritar a pele, o que pode afetar a saúde e o conforto do usuário.

4.3. Conforto e segurança do vestuário

O vestuário, considerado a segunda pele do ser humano, além da função estética, tem a função de proteger, visto que a roupa está em constante contato com o corpo. Os designers de vestuário devem considerar, ao projetar uma roupa, aspectos como bem-estar e satisfação, assim como o conforto e a segurança da peça.

A relação do usuário com o vestuário não deve ser apenas técnica. Gonçalves e Lopes (2007) afirmam que o conforto e a estética são aspectos inerentes à qualidade do produto, sendo cada vez mais exigidos pela demanda do mercado. O conceito de conforto está, em geral, associado ao ambiente térmico. Em relação ao vestuário, pode ser verificada “[...] a resistência térmica, a resistência ao vapor de água, as condições climáticas e o nível de atividade física

do indivíduo” (BROEGA e SILVA, 2007, p. 3). Para os autores, o conforto do vestuário pode ser dividido em quatro aspectos, conforme o Quadro VIII:

Conforto termo fisiológico	Estado térmico e de umidade à superfície da pele que envolve a transferência de calor e de vapor de água através dos materiais têxteis ou do vestuário.
Conforto sensorial de “toque”	Conjunto de várias sensações neurais, quando um tecido entra em contato com a pele.
Conforto ergonômico	Capacidade que uma peça de vestuário tem de “vestir bem” e de permitir a liberdade dos movimentos do corpo.
Conforto psico-estético	Percepção subjetiva da avaliação estética – com base na visão, toque, audição e olfato –, que contribui para o bem-estar do usuário.

Quadro VIII – Aspectos fundamentais para o conforto total do vestuário. Fonte: BROEGA e SILVA (2007).

O conforto térmico tem relação com as sensações de calor e frio, exigindo tecidos que proporcionem a satisfação por meio de suas características naturais ou tecnológicas, como os fios de superfícies irregulares que facilitam a circulação do ar. O vestuário tem a função de proteger o corpo do homem das condições climáticas para um maior conforto e bem-estar. Em relação aos idosos, por não serem tão ativos quanto os jovens, as sensações térmicas são bem distintas tanto no calor como no frio. O conforto sensorial de “toque” está relacionado com a maciez do tecido, que é resultado da sua composição. Segundo Broega e Silva (2007), quando o toque do tecido incomoda o usuário, este não chega a perceber os outros requisitos de conforto como o caimento, a estrutura e os acabamentos da peça.

Pelo fato de o idoso ter a pele mais ressecada, a sensação do tecido em contato com a pele é fundamental para a sua usabilidade, podendo evitar irritações na pele. Em relação ao conforto psico-estético, o idoso perceberá o tipo de material têxtil, a conformação da roupa ao corpo, a escolha das cores e também o odor das roupas usadas. Já o conforto ergonômico engloba todas as sensações acima que, agregadas à modelagem e à confecção adequadas do vestuário e à nova configuração do corpo do idoso, proporcionam o bem-estar e a liberdade dos

movimentos. Além disso, devem ser utilizadas tabelas antropométricas atualizadas e próprias para o público que se quer alcançar.

Goldman (2005 *apud* MENEGUCCI e SANTOS FILHO, 2010) ressalta ainda quatro quesitos do vestuário relacionados ao conforto, que são conhecidos como os quatro “Fs”:

Estilo (<i>Fashion</i>)	Adequação do vestuário às tendências de moda e estilo em determinada época.
Toque (<i>Feel</i>)	Sensação tátil quando a roupa é tocada pelo usuário.
Caimento (<i>Fit</i>) [sic]	Ajuste adequado ao corpo sem restringir os movimentos,
Funcionalidade (<i>Function</i>)	Equilíbrio entre a função térmica e mecânica da roupa.

Quadro IX – Atribuições relacionadas ao conforto do vestuário. Fonte: GOLDMAN (2005) *apud* MENEGUCCI e SANTOS FILHO (2010).

O vestuário é uma barreira térmica entre o corpo humano e o seu ambiente. Um dos papéis do vestuário é manter o organismo num estado térmico confortável, qualquer que seja o ambiente exterior. (BROEGA e SILVA, 2010, p. 7)

O conforto se relaciona com o usuário nas questões da modelagem, do modelo estético da roupa, dos aspectos ergonômicos de vestir e desvestir, e do tecido apropriado às necessidades, principalmente para os idosos. De acordo com Bartels (2011 *apud* MCCANN e BRYSON, 2014), as roupas devem ter conforto, controle da umidade, conforto ergonômico (facilidade de movimento e de ajuste próprio) e conforto psicológico (aparência, ou estar na moda). Os mais idosos que cresceram vestindo fibras naturais, muitas vezes, continuam preferindo-as em detrimento das fibras sintéticas. Os requisitos de conforto, ajuste, desempenho, durabilidade e facilidade de cuidados especiais são necessários para todos os consumidores, em especial os da terceira idade.

As peças de vestuário devem trazer segurança, os usuários devem ser protegidos contra riscos e danos. O designer deve ser criterioso na escolha dos aviamentos e dos tecidos, e deve pensar a modelagem correta para a ocasião em que a roupa será usada, permitindo a mobilidade necessária. Segundo Martins (2005), as propriedades ergonômicas de segurança devem ser verificadas nos aviamentos, sem bordas vivas; no tipo de tecido, não inflamável; nas partes da

roupa, como cós, punhos e golas, para que não prejudiquem a circulação; em tecidos que permitam transpiração e ainda nos que têm resistência a fungos, bactérias e umidade.

Van der Linden (2007, p. 87) cita, em relação a riscos e acidentes, a *Accident-Liability Theory* (algo como a teoria do risco criado), em que o ser humano é propenso a envolver-se em acidentes em situações específicas. “Essa propensão não é permanente [...] o que leva a considerar a idade como um importante fator”.

4.4. Satisfação com o design

Segundo Russo e Hekkert (2008), a relação física dos produtos com o usuário é prazerosa, pois o contato tátil com o material e a forma produzirão satisfação e o desejo pelo produto. Portanto, pode-se relacionar essa afirmação com os produtos de vestuário em que o material e a estética levarão os usuários à satisfação.

O toque não apenas nos provê informações sobre o mundo à nossa volta, mas também nos torna conscientes quanto ao nosso próprio corpo, o que forma a base da experiência do próprio ser. (HEKKERT, 2006 *apud* RUSSO e HEKKERT, 2008, p. 43)

A satisfação dos usuários com os produtos de moda está relacionada com a usabilidade, o conforto e a estética da roupa. As características estéticas, o caimento e a forma como a roupa se encaixa no corpo estão relacionados com os materiais utilizados, com a composição têxtil, o conforto, a durabilidade e a manutenção da roupa. Se o produto cumpre sua função, como proteção e aquecimento, se possibilita os movimentos nas tarefas realizadas, agregando usabilidade, conforto e estética, consequentemente proporcionarão a sensação de satisfação aos usuários.

Cabe aos designers de moda considerar nos processos de desenvolvimento dos produtos a funcionalidade, a usabilidade e a satisfação. Segundo Van der Linden (2007), se a funcionalidade não for atendida, talvez o produto não seja usável, portanto se não atende à função, pode causar insatisfação. Além de serem funcionais, os usuários almejam que os produtos proporcionem: usabilidade, sejam fáceis de usar e agreguem estética. O autor ressalta que “[...] a facilidade de uso pode gerar maior satisfação” (VAN DER LINDEN, 2007, p. 61), estreitando a relação entre prazer e usabilidade.

4.5.

Ergonomia do vestuário para o idoso

A importância da ergonomia no vestuário é fundamental para o conforto, satisfação e segurança do idoso, e, segundo Iida (2005), o produto deve atender a três características básicas: qualidade técnica, relacionada com o funcionamento do produto; qualidade ergonômica, ou seja, a interação entre o produto e o usuário – com facilidade de manuseio, adaptação antropométrica, informações claras, conforto e segurança –; e qualidade estética, que deve proporcionar prazer ao consumidor e decorre da escolha das formas, cores, materiais, acabamentos e movimentos. Para o idoso, a qualidade técnica é a que proporcionará a eficiência e identificar se a roupa está adequada à função à qual se propõe. A qualidade ergonômica vai depender da facilidade de vestir e desvestir a peça, e da modelagem ter as medidas corretas. A questão da qualidade estética, que é a satisfação do usuário com o produto, dependerá da pesquisa do designer de moda na escolha dos tecidos, estes com características próprias ao uso por pessoas idosas. É importante também o estudo de acabamentos específicos que proporcionem segurança, e cores que favoreçam ao gosto desses usuários.

Segundo Martins (2006, p. 324, *apud* Martins, 2008), a roupa deve seguir requisitos técnicos e estéticos, sem desconsiderar “[...] as inovações tecnológicas e, principalmente, deve estar centrado no usuário, suas necessidades, capacidades e limitações em relação à sua mobilidade, faixa etária e atividade realizada”.

Os designers de moda devem usar os princípios da ergonomia na concepção do produto de vestuário para idosos, sendo que a segurança deve ser uma das principais preocupações. De acordo com Rosa (2011), a segurança refere-se “[...] à proteção que o usuário deve ter na relação com os objetos e seus dispositivos”. Portanto, devem ser consideradas também a aplicação de tecido de qualidade; a escolha de modelagem com caimento e ajuste adequado; a utilização de aviamentos apropriados para cada situação; e a montagem e o acabamento adequados de cada produto.

A nova configuração do corpo da idosa, as consequentes medidas corporais distintas e as restrições de movimentos, demandam uma modelagem particular, em que cuidados devem ser tomados para, segundo Grave (2004), não expor o corpo a alterações físicas. Para MacCann e Bryson (2014), as mudanças vivenciadas pelo corpo podem levar as idosas a ter dificuldades em escolher o

vestuário adequado, pois as novas limitações fazem com que o ato de vestir se torne mais árduo. Como a pele fica mais fina com o envelhecimento, é imprescindível que os designers de moda se preocupem em indicar tecidos apropriados a esse contexto, utilizando materiais que não sejam ásperos, por exemplo. Também deve haver uma atenção ao acabamento dos aviamentos, evitando zíper ou fechos que possam causar irritações à pele ou riscos de arranhar e até mesmo ferir o usuário. É importante também que se agreguem novas tecnologias à confecção do vestuário, fazendo-se uso de tecidos desenvolvidos com características que tragam conforto e também de tecnologias como a de confecção de roupas sem costura. Haffenden e Smith (2014) sugerem as roupas feitas com elastano, pela capacidade de esticar até três vezes o seu tamanho e de voltar rápido ao ajuste do corpo. De acordo com os autores, essa característica facilita o movimento do vestir e desvestir.

Os problemas relacionados com a coluna afetam as idosas a partir do momento em que ocorre alguma deformação no corpo. Em razão disso, a roupa passa a não ter o mesmo caimento, o que resulta em desconforto físico e descontentamento com a autoimagem. Para Vann (1999 *apud* MACCANN e BRYSON, 2014), as mudanças no corpo por problemas de osteoporose contemplam a perda em altura. Além disso, mudanças como o arredondamento dos ombros, a falta de cintura e um maior volume na área do abdômen fazem com que a roupa passe a ser um transtorno, tanto no caimento como na estética proposta pelo designer. As tarefas de vestir ou desvestir uma roupa, como abotoar e desabotoar ou acionar outros dispositivos de fecho, tornam-se mais difíceis pela perda do tato.

Para Reich e Otten (1991 *apud* MACCANN e BRYSON, 2014), a roupa deve ter fechamento e ajustes apropriados para as mulheres mais velhas, pois problemas nas mãos e nos pulsos estão relacionados a dificuldades em manipular elementos de fixação, assim como golas altas, mangas compridas e justas e também fechos na parte de trás das roupas.

Resultado de pesquisas feitas por Ichards (1981) e Guzel (2013 *apud* MACCANN e BRYSON, 2014) mostrou que os idosos manifestam a relevância da necessidade de modelagem especial para mais conforto das roupas, sugerindo o uso de elástico e bolsos em camisas e calças nas roupas do dia-a-dia. Nas questões ergonômicas, as roupas poderiam ser idealizadas para facilitar os movimentos. As idosas procuram estar na moda, mesmo que muitas vezes precisem usar roupas

que ajudam a esconder problemas em relação ao corpo, sejam esses ocasionados por doença ou pela própria transformação em decorrência da idade – como ganho de peso, flacidez dos braços e pescoço e aparência da pele ressecada.

Cabe aos designers realizar um estudo sobre as transformações do corpo com o envelhecimento, a fim de desenvolverem a modelagem da roupa proposta. Isso propiciaria melhoras à estética do modelo, e traria o conforto e a satisfação às usuárias. Estudos feitos por diversos autores (Bartley e Warden, 1962; Shipley e Rosencranz, 1962; Chowdhary, 1997; Goldsberry, Shim e Reich, 1996a; Horne, Campbell e Scholz, 1999; Lee, Damhorst, Lee, Kozar e Martin, 2012; Horridge Woodson, 1990 *apud* Haffenden e Smith, 2014) mostraram a insatisfação dos idosos com a estética do vestuário existente. A partir da pesquisa, foram detectados alguns problemas, como roupas sem manga, decotes muito largos e profundos, utilização de tecidos sintéticos que irritam a pele, tipos de fechamentos que causam desconforto – como o zíper, para quem sofre de artrite –, cores não disponíveis nos tamanhos e modelos preferidos, e ainda a funcionalidade não compatível com a aparência.

4.6.

Mercado de roupas para idosas

As roupas para idosos encontradas hoje no mercado são elaboradas de acordo com os padrões de medidas dos jovens, sem levar em conta as questões de mobilidade, agilidade e conformação corporal distinta entre as duas gerações. A dificuldade que a terceira idade encontra ao buscar por roupas adequadas à sua nova conformação corporal leva à insatisfação do consumidor idoso.

Conectados com as novas tecnologias e em busca de independência, os idosos hoje praticam esportes, viajam, estudam e procuram consumir moda. As empresas devem estar atentas a esse novo consumidor, que têm escolhas próprias, são mais exigentes na relação custo-benefício, sabem o que querem, e não abrem mão do conforto e bem-estar. O mercado de produtos de vestuário se diferencia pelo seu público-alvo, que tem desejos e características próprias. Além do sexo e da idade, outros fatores como comportamento, cultura, estilo de vida, grupos sociais e necessidades específicas interferem na escolha da roupa. Se o mercado não atinge algumas destas especificidades e expectativas, essa lacuna precisa ser mais bem explorada.

Com o envelhecimento da população, percebe-se que os idosos têm dificuldade na compra de roupas. As indústrias ainda não consideram o novo corpo da mulher, que passa por diversas transformações, e, portanto, o mercado atual não valoriza essa nova consumidora. Poucas são as marcas que consideram o corpo da nova idosa, e algumas delas falham em agradar às consumidoras, em relação ao design da roupa, o estilo, a modelagem e a qualidade. Ainda que ofereçam alguns dos requisitos desejados, configuram-se em poucas opções.

Os produtos de vestuário nem sempre estão adequados às necessidades dos usuários. As questões ergonômicas de conforto, usabilidade, satisfação e segurança não estão sendo consideradas, e o vestuário produzido hoje é baseado nas tabelas de medidas existentes dentro de padrões pré-estabelecidos. Nesses, nem todas as mulheres se encaixam, resultando em frustração para umas e em falta de interesse para outras. Segundo Martins (2005), por não existir um padrão de mercado que atenda aos usuários nas questões de usabilidade e conforto, os problemas são cada vez maiores. Com as mudanças no estilo das novas idosas, uma nova consumidora se apresenta ao mercado da moda: mais exigente, que preza pelo conforto, pela usabilidade e qualidade do produto a ser adquirido. Portanto, as empresas devem concentrar mais foco no consumidor idoso, desenvolvendo produtos saudáveis e agradáveis para um cliente mais exigente e seletivo.

Segundo o IBGE (2015), só em 2013 as compras das pessoas com mais de 60 anos representaram 34% do total gasto pela população. No entanto, segundo pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito, 45% têm dificuldades para encontrar produtos adequados com a estabilidade financeira das novas idosas. Sendo assim, é importante que o mercado de vestuário direcione o foco às novas consumidoras, que estão em busca de roupas que tragam satisfação e prazer e que não apresentem um aspecto envelhecido. Ao se pensar que essa faixa da população encontra-se em uma curva ascendente – tornando-se a maioria da população no futuro. – o mercado não deve ignorar este fenômeno.

* Conteúdo do **Capítulo 4** foi publicado no artigo:

VIANNA, C.; QUARESMA, Manuela. Ergonomic issues related to clothing and body changes of the new elderly women. In: 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics, 2015, Las Vegas. Proceedings of 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics. Las Vegas: Elsevier Procedia, 2015. p. 2917-2922.

5

Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa apresenta uma análise das questões ergonômicas (de usabilidade, conforto, satisfação e segurança) em relação ao vestuário projetado e confeccionado para as novas idosas – mulheres de 60 a 75 anos, ativas, inseridas socialmente e profissionalmente.

5.1.

Tema

Design de Moda e a ergonomia do vestuário confeccionado para mulheres idosas.

5.2.

Problema

Como visto nos capítulos anteriores, as mulheres idosas apresentam um corpo diferenciado, devido ao envelhecimento, que nem sempre é contemplado pelos padrões de medidas utilizados na confecção de vestuário existentes no mercado. Apesar de existir uma vida social ativa para a faixa etária das mulheres de 60 a 75 anos, e de haver demanda, ainda não se conhece, de fato, as necessidades reais para o vestuário de tais mulheres consumidoras.

De acordo com referencial teórico desta pesquisa, verificou-se que, para agregar valores ao vestuário voltado a essa faixa etária, é preciso pensar na usabilidade, no conforto, na satisfação e na segurança dos usuários. Os tecidos e aviamentos utilizados na produção das roupas, por exemplo, nem sempre atendem às necessidades desse público, principalmente no que diz respeito ao conforto. A indústria de moda utiliza, por vezes, tecidos que, ao entrarem em contato com a pele, causam irritação, alergias e sensação de desconforto. Do mesmo modo, é o que acontece com os aviamentos que, dependendo do material e da localização na peça, podem ferir a pele e até mesmo causar estresse ao usuário, em decorrência da falta de segurança.

Para a elaboração de projetos de vestuário é preciso utilizar os princípios da ergonomia em todas as etapas do processo. Para tanto, devem-se considerar as dimensões e proporções do corpo humano e, ainda, as diferenças entre os indivíduos e grupos sociais, adequando tais aspectos ao produto a ser desenvolvido. Constatou-se também, nesta pesquisa, que a modelagem das roupas é baseada, na sua maioria, em tabelas de medidas para uma mulher adulta padrão, o que, conseqüentemente, resulta em um vestuário que não atende às características do corpo das mulheres mais velhas. Em suma, a indústria da moda utiliza tabelas de medidas já existentes, e, nesse contexto, pode prejudicar o conforto dos usuários, visto que cada faixa etária tem suas especificidades. A modelagem proporciona uma boa estrutura à roupa, dando forma, volume e caimento satisfatório. Portanto, deve ser elaborada para o grupo específico que irá usar determinada peça.

Nessa conjuntura, é imprescindível entender quais são as necessidades da mulher idosa em relação ao vestuário; conhecer que medidas são utilizadas para o desenvolvimento desse vestuário; verificar se a modelagem atende às transformações do corpo da nova idosa; verificar se os modelos existentes no mercado satisfazem a essas mulheres; e, ainda, apurar se o mercado oferece vestuário adequado para essa faixa etária.

5.3. Hipótese

O vestuário “pronto para vestir” existente no mercado não contempla as transformações do corpo da mulher idosa, de acordo com a opinião das novas idosas, em termos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança do vestuário.

Variável dependente

Vestuário “pronto para vestir” do mercado.

Variáveis independentes

Opinião das novas idosas sobre a usabilidade, o conforto, a satisfação e a segurança do vestuário.

5.4.**Objeto da pesquisa**

Relação do produto vestuário e a nova idosa (de 60 a 75 anos).

5.5.**Objetivo geral**

Definir recomendações de design para a criação e confecção de vestuário para a nova idosa.

5.6.**Objetivos específicos**

- Conhecer as transformações do corpo com o envelhecimento;
- Identificar as dificuldades da nova idosa em relação ao vestuário;
- Verificar a opinião das novas idosas sobre a usabilidade, o conforto, a satisfação e a segurança do vestuário existente no mercado;
- Verificar se o mercado atende ao desejo e às expectativas dessas usuárias;
- Elaborar recomendações aos designers.

5.7.**Justificativa**

As descobertas científicas estão contribuindo para o aumento da expectativa de vida dos indivíduos e, nesse contexto, somado ao baixo índice de natalidade, as pessoas idosas serão a maioria. Portanto, haverá uma maior necessidade da população produtiva, o que proporcionará uma demanda de serviços para a terceira idade. Percebe-se que mercado de vestuário não considera essa faixa etária principalmente em relação às transformações do corpo, às necessidades, e às expectativas desses idosos.

Em se tratando de vestuário para mulheres idosas, é necessário realizar um estudo a fim de encaminhar as questões inerentes a essa relação. É importante saber se as roupas encontradas no mercado estão de acordo com as medidas do corpo dessas mulheres, se a modelagem atende às transformações do corpo com o decorrer dos anos e se os modelos existentes no mercado são adequados e satisfatórios a essa nova idosa. É imprescindível também que os designers de

moda façam uso de uma modelagem utilizando critérios ergonômicos, e não apenas em projetos específicos, como os de vestuário para a prática esportiva. A ergonomia deve ser considerada na elaboração de roupas do dia-a-dia, cabendo aos designers incluir as novas tecnologias do setor têxtil na produção. Faz-se necessário também considerar as condições físicas, mentais e psicológicas do idoso que envolvam a usabilidade do vestuário, para agregar conforto e segurança, e para melhorar a interface “usuário-roupas-tarefas”.

Esta pesquisa poderá beneficiar os idosos proporcionando melhor usabilidade, conforto, segurança e satisfação em relação às roupas. A indústria do setor de vestuário pode ser favorecida a partir do momento que projetar roupas para esse segmento específico, que será, conforme mostram as estatísticas, uma grande fatia do mercado. Os dados apurados nesta pesquisa poderão ser utilizados pelos designers de moda e pelos profissionais dos setores têxteis e de vestuário e, ainda, como base para outros estudos.

6

Métodos e técnicas da pesquisa

Partindo da hipótese desta pesquisa, de que o mercado de vestuário desconsidera as transformações do corpo da mulher idosa em termos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança do vestuário, torna-se relevante ouvir a opinião das novas idosas sobre essas variáveis, e como o mercado se posiciona sobre a oferta de vestuário para essas usuárias.

A metodologia adotada nesta pesquisa foi de cunho qualitativo, que se caracteriza, segundo Dias (2000), basicamente, por uma pesquisa que trata de informações mais subjetivas sobre um determinado fenômeno, e não apresenta medidas numéricas e análises estatísticas. Os métodos e técnicas utilizados nesta pesquisa foram: a revisão bibliográfica, grupos de foco com novas idosas e entrevistas semiestruturadas com estilistas de algumas confecções cujo público alvo são mulheres idosas.

6.1. Revisão bibliográfica

Para a realização da pesquisa bibliográfica, foram pesquisados livros, teses e artigos nas áreas de ergonomia, envelhecimento e design de moda. Essa revisão bibliográfica teve como objetivo contribuir para melhor compreensão e análise teórica sobre o tema da pesquisa. Também foram pesquisadas fontes estatísticas para obtenção de dados referentes à população idosa no Brasil.

6.2. Grupos focais*

O grupo focal é uma técnica utilizada com pequenos grupos de pessoas reunidas para avaliar e identificar problemas comuns ou divergentes dos participantes do grupo. Para Krueger e Casey (2000 *apud* SANTOS, 2006), o grupo de foco deve ser definido em relação ao objetivo, tamanho, composição e procedimentos, com a finalidade de ouvir e obter informações para melhor avaliar o que as pessoas pensam e sentem a respeito de um determinado assunto ou

produto. Segundo Jordan (1998 *apud* SANTOS, 2006), o grupo de foco consta de um grupo de pessoas reunidas para discutir um determinado assunto, podendo envolver as experiências dos participantes em relação a um produto, os requisitos para um novo produto ou problemas associados ao uso do produto. O objetivo do grupo de foco é ouvir os participantes para obter informações dos usuários em relação aos produtos. Cabe ressaltar que não existe um número ideal para a formação dos grupos, entretanto, alguns autores definem a quantidade de participantes que consideram suficiente.

Por um lado, Krueger e Casey (2000) afirmam que o tamanho ideal de participantes de um grupo focal varia de seis a oito participantes. Por outro, Morgan e Spanish (1984) indicam que o grupo deve ser de quatro a dez pessoas. Hair *et al.* (2007) defendem que o ideal é haver entre oito e doze pessoas e, por último, Gomes e Barbosa (2009) acreditam que o ideal é de cinco a doze participantes. (MUNARETTO *et al.*, 2013, p. 17)

Num grupo de foco, os participantes geralmente ficam mais descontraídos e, muitas vezes, expressam mais facilmente suas opiniões, fornecendo informações que não necessariamente são reveladas em entrevistas individuais. Munaretto *et al.* (2013) confirmam que as vantagens do grupo focal são a troca de experiências e opiniões dos participantes e ainda a interação do moderador com o grupo que é uma forma rápida de conhecimento dos resultados. No entanto, existem algumas desvantagens como ter um participante mais introspectivo e oprimido pelos outros ou ter participantes mais autoritários e exaltados, e não garantir o anonimato dos participantes, podendo levar a respostas não verdadeiras.

O objetivo da técnica do grupo focal neste trabalho foi o de identificar os problemas que ocorrem em relação ao vestuário das participantes, obter a opinião sobre as roupas mais desejadas e as menos desejadas, e identificar as lojas em que essas mulheres costumam comprar. Além disso, buscou-se entender as transformações que ocorrem com o corpo das mulheres com a idade, saber se elas encontram dificuldades de usabilidade com as roupas oferecidas no mercado, e, ainda, se essas roupas agregam conforto e segurança, com o propósito de verificar o quanto o mercado atende aos desejos e às necessidades das participantes.

Primeiro foram realizados dois grupos de foco piloto com quatro novas idosas em cada grupo, para o qual foram mostradas diversas imagens de roupas. As escolhas das imagens expostas ao grupo de foco foram baseadas nas pesquisas de Haffenden e Smith (2014), Reich e Otten (1991), Ichards (1881), e Guzel (2013 *apud* MacCann e Bryson, 2014), que relacionaram dificuldades em relação à usabilidade da roupa. Além dessas pesquisas, outros estudos realizados por

diferentes autores – Bartley e Warden, 1962; Shipley e Rosencranz, 1962; Chowdhary, 1997; Goldsberry, Shim e Reich, 1996a; Horne, Campbell e Scholz, 1999; Lee, Damhorst, Kozar e Martin, 2012; Horridge Woodson, 1990 *apud* Haffenden e Smith, 2014 – mostraram que alguns elementos estéticos não são mais favoráveis às transformações ocorridas no corpo das novas idosas. Alguns dos problemas relatados pelos autores foram: roupas sem manga, decotes muito largos e profundos, utilização de tecidos sintéticos, tecidos que irritam a pele, tipos de fechamento que causam desconforto, como o zíper, para quem tem problemas de artrite, cores não disponíveis nos tamanhos além de os modelos desejados não serem encontrados.

A análise dos grupos piloto foi relevante para uma melhor escolha das imagens selecionadas para a organização dos segmentos de imagens mostradas nos grupos de foco da pesquisa. Observou-se que algumas imagens, apesar de diferentes eram confundidas pelas novas idosas. Como por exemplo, mais de uma imagem com saias em comprimentos semelhantes, blusas de alça com larguras diferentes, calças do mesmo estilo. Algumas imagens mostravam as peças do vestuário com algum tipo de estampa, o que fez com que as participantes muitas vezes colocassem o foco na estampa e não no modelo em si. Entretanto, no *slide* de maiôs e biquínis, as estampas foram relevantes para as escolhas dos maiôs, uma vez que elas mencionaram que os estampados faziam diferença na exposição do corpo, camuflando o aumento do abdômen. Isso contribuiu para as novas escolhas das imagens que passaram a ser todas em tecido liso. Entretanto, as imagens de roupas de praia foram mostradas propositadamente em tecidos lisos e estampados. Constatou-se também que alguns tipos de roupa não estavam presentes nas imagens, como saias longas, calças *leggings* e diferentes estilos de bermudas. As imagens definitivas foram selecionadas no aplicativo Pinterest⁹ em 2015.

Cada grupo foi formado por quatro mulheres com idades entre 60 a 75 anos, residentes na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, ativas e inseridas no contexto profissional e social, com a presença do pesquisador responsável e de um pesquisador assistente. A exceção foi um grupo em que duas delas tinham idades fora dessa faixa etária, mas se enquadravam no perfil proposto. As mulheres foram recebidas na residência de uma das participantes, em horário previamente agendado. Nos primeiros 20 minutos, foi servido um pequeno lanche para um

⁹ Pinterest: <https://br.pinterest.com/>.

melhor entrosamento. A dinâmica do grupo de foco foi exposta às participantes no início do encontro, quando elas receberam o termo de consentimento (Apêndice A) para assinarem.

Foram apresentados, em dois *tablets*, oito *slides* contendo cada um uma série de imagens numeradas – para facilitar a identificação e registro da peça – de segmentos diferentes do vestuário, como: blusas, casacos/blazer, saias, vestidos, calças, bermudas/shorts, roupas de praia e estampas.

No primeiro *slide* (Figura 6.1), foram expostas imagens de blusa com manga curta, manga comprida e sem manga, com diversos tipos de decotes como: decote em V, decote no lugar, decote em U e decote canoa, além de babados, drapeados, pregas e laços, em tecidos variados. Com bases em pesquisas, as mulheres mais velhas preferem blusas com manga e sem decotes profundos.



Figura 6.1 – Tipos de blusas.

No segundo *slide* (Figura 6.2), foram apresentados blazers e casacos de diversos tipos – como *spencers*, casaco de tricô e de lã, jaqueta de couro, blazers de linho –, além dos diferentes comprimentos de mangas (compridas e três-quartos), e peças com modelagem ou justa ou solta no corpo. As pesquisas mostraram como as mulheres prezam por aspectos da modelagem, do tecido e da funcionalidade da roupa.

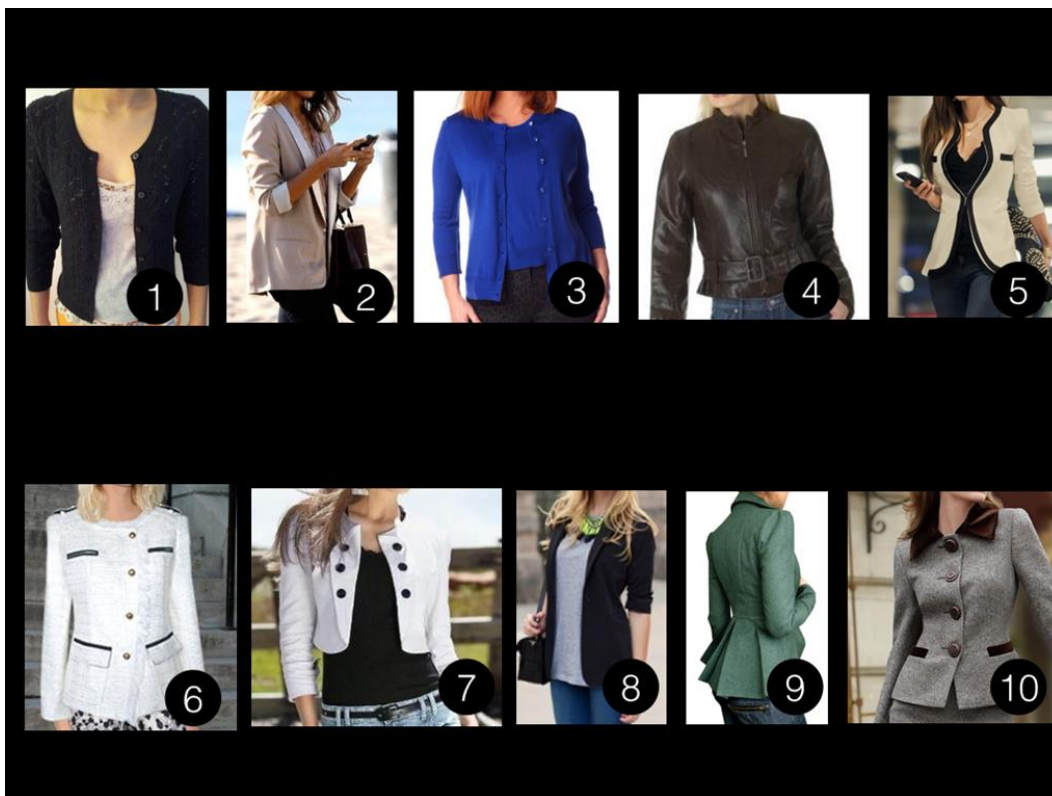


Figura 6.2 – Tipos de blazers e casacos.

O terceiro *slide* (Figura 6.3) mostrava saias em diversos comprimentos: curtas, no joelho e compridas; e em diferentes modelos, como justas, com pregas, plissadas e com fenda. Além disso, foram apresentadas em tecidos distintos, como linho, algodão, couro e seda. O comprimento e o modelo das saias fazem grande diferença em relação ao corpo das novas idosas, por isso a escolha das saias a seguir.

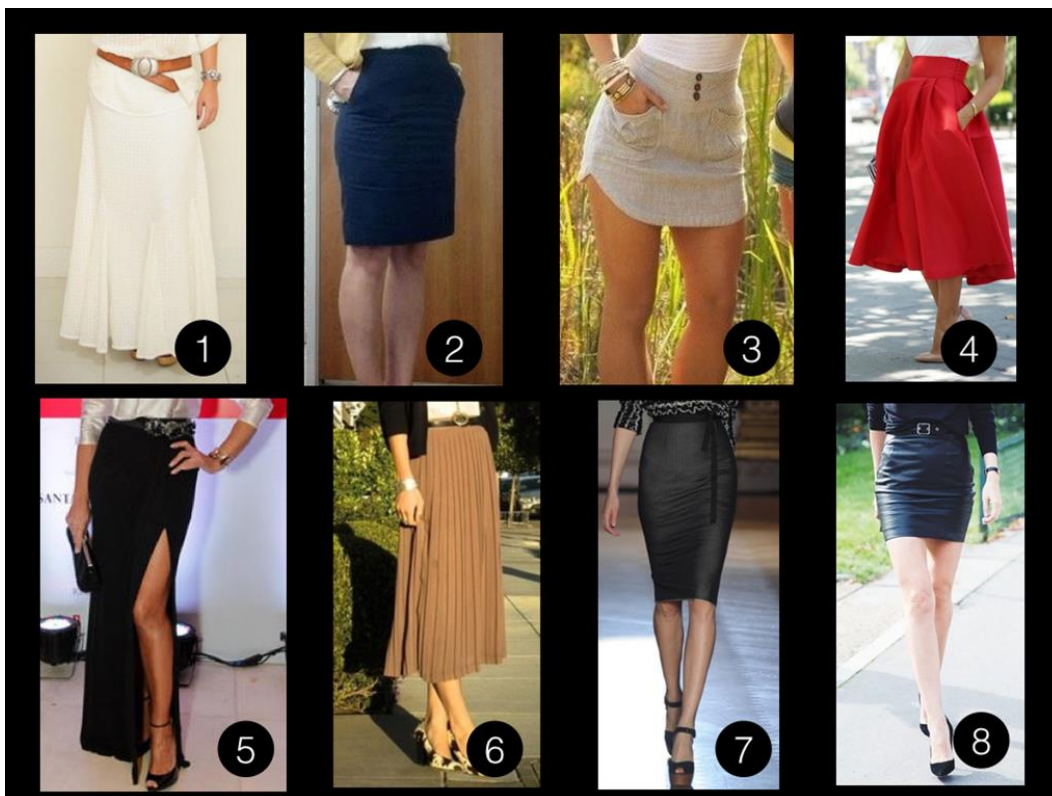


Figura 6.3 – Tipos de saias.

Os vestidos apareceram no quarto *slide* (Figura 6.4), em diversas variações: curtos, justos, compridos, no joelho, soltos no corpo, com mangas compridas, três-quartos, curtas ou sem mangas e com alças. Foram apresentados também em tecidos como *jeans*, linho, seda, malha e *voil*. A estética, a modelagem e o comprimento é que proporcionarão a satisfação das usuárias em relação às peças.



Figura 6.4 – Tipos de vestidos.

No *slide* com modelos de calças (Figura 6.5), foram expostas calças *legging*, *fuseau*, pantalona, reta e capri, com cintura alta, no lugar, abaixo do umbigo ou bem abaixo do umbigo, e em vários tipos de tecidos como: linho, *jeans*, crepe, malha e lã. Também foram escolhidas tanto modelagens mais justas quanto mais soltas, para verificar as questões do conforto e, ainda, a preferência em relação ao zíper e ao elástico e à necessidade de bolsos.



Figura 6.5 – Tipos de calças.

O sexto *slide* (Figura 6.6), teve o propósito de apresentar as bermudas e *shorts* em diversos comprimentos e tecidos, como *jeans* e sarja. Não foram encontradas pesquisas referentes ao uso de bermudas e *shorts* pelas mulheres idosas, porém, como os grupos de foco foram realizadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, é possível que essa peça do vestuário seja usada por grande parte dessas mulheres.

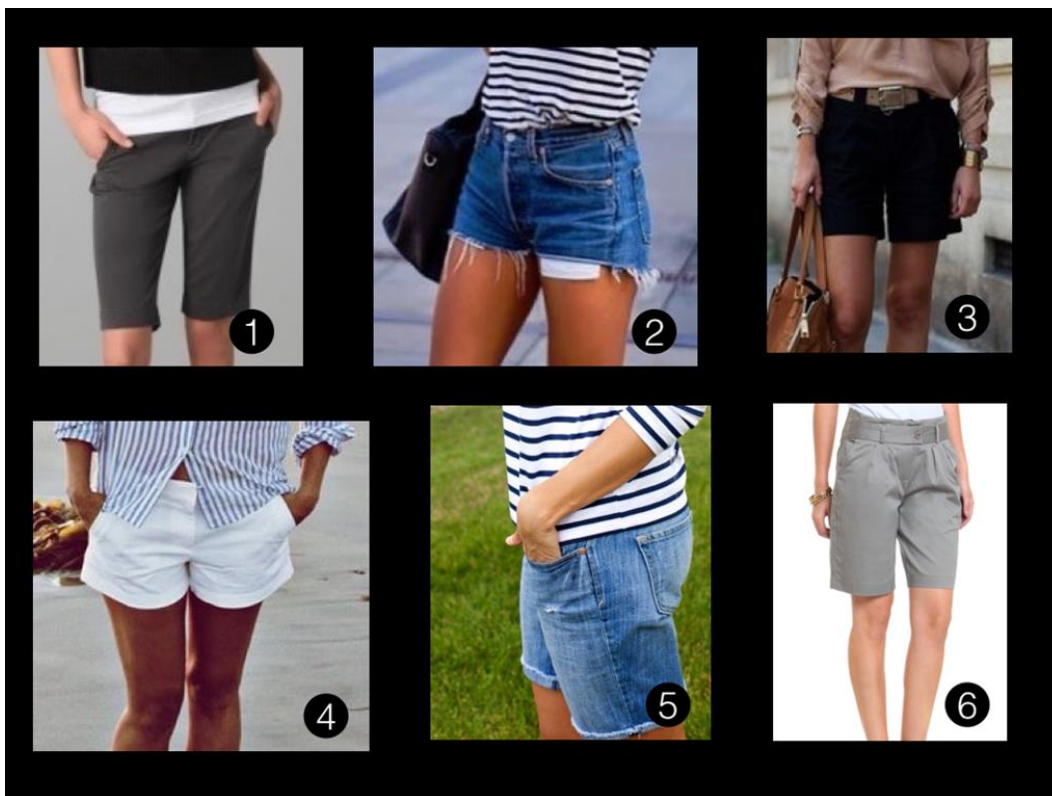


Figura 6.6 – Tipos de bermudas e shorts.

No sétimo *slide* (Figura 6.7), aparecem os maiôs e biquínis, com diferentes tipos de alça, modelos e modelagem. Como mencionado anteriormente em relação ao local de realização da pesquisa, as novas idosas da cidade também frequentam piscinas e praias, onde o uso de roupa própria para banho se faz necessário.

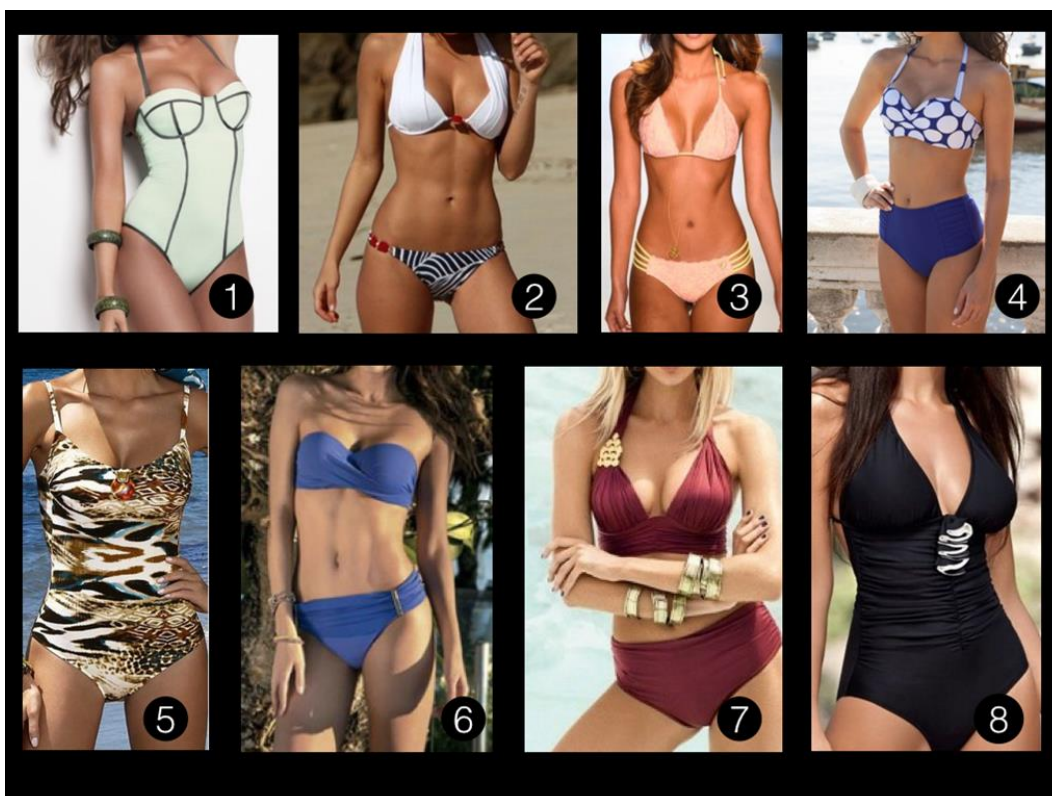


Figura 6.7 – Tipos de maiôs e biquínis.

Em relação às estampas, o último *slide* (Figura 6.8) apresenta uma grande variedade: bolas, listras horizontais e verticais, flores, frutas, estampas abstratas, de animais e bordados. Apesar de as estampas estarem cada uma relacionada a uma peça do vestuário, o foco principal foi dado a elas. Com base na pesquisa de materiais, foi constatado que a nova idosa preza pela estética e pelo caimento da roupa, e não deseja se vestir como uma idosa, mas ter opções de escolha no mercado de vestuário pelo que mais a agrada.



Figura 6.8 – Tipos de estampas.

A duração da sessão de grupo de foco foi de aproximadamente uma hora e vinte minutos. Por meio dessa técnica, foram ouvidas as opiniões das novas idosas no que se refere ao vestuário nas questões de usabilidade, ao conforto, à segurança e à satisfação, com o objetivo de investigar se tais características estavam disponíveis no vestuário oferecido no mercado. A sessão foi gravada em áudio, e observações e comentários foram anotados em um bloco de notas. Ao término da sessão, as participantes receberam um brinde como agradecimento pela participação.

6.3. Entrevistas semiestruturadas

Segundo Gil (1999 *apud* SANTOS, 2006), a técnica da entrevista é utilizada obter dados de interesse da pesquisa. Para Moraes e Mont’Alvão (2010), a entrevista é um meio de relacionamento entre indivíduos, em que uma das partes investiga e a outra serve como fonte de informação. A entrevista semiestruturada é flexível, as questões não precisam seguir a ordem prevista e podem ser modificadas no decorrer do processo.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), uma das principais vantagens da entrevista é coletar dados que não encontramos em fontes documentais e que podem ser bem relevantes à pesquisa. Na pesquisa em questão, a técnica aplicada foi a entrevista semiestruturada com um roteiro previamente elaborado. É relevante definir o que se deseja conhecer, selecionar os entrevistados que possam contribuir com a pesquisa, marcar dia e hora com antecedência e preparar as perguntas do tema específico.

As principais vantagens da entrevista semiestruturada são: ter acesso a informações que não estavam listadas, geração de pontos de vista para o detalhamento da pesquisa e verificação das necessidades de novas estratégias. O objetivo da entrevista semiestruturada nesta pesquisa foi ouvir o que os estilistas e designers de moda tinham a dizer quanto ao perfil do seu consumidor. Nesse contexto, investigou-se se as mulheres mais velhas são consideradas consumidoras da sua marca, se utilizam alguma tabela de medidas oficial e/ou alguma específica para a população de idosas, que tipo de roupa as mulheres procuram e, finalmente, se elas julgam que as suas roupas atendem às idosas em relação à usabilidade, ao conforto, à segurança e à satisfação.

Os estilistas foram escolhidos por dois critérios: o primeiro por meio de uma pesquisa de mercado e perfil das marcas que supostamente contemplam as mulheres idosas; e, no segundo critério, eles foram selecionados a partir dos grupos de foco pela voz das participantes. As lojas citadas pelas participantes dos grupos de foco como referência contemplam um vestuário, segundo elas, mais adequado ao novo corpo das novas idosas e também atendem esteticamente às perspectivas em relação à forma e ao estilo da roupa, acompanhando a moda atual.

O contato com os estilistas foi feito por meio de telefonemas ou e-mails, em que foi exposto o objetivo da entrevista. Nem todos os responsáveis pelo setor de estilo responderam às solicitações e alguns não foram localizados. As entrevistas

foram agendadas conforme a disponibilidade de cada um dos profissionais e realizadas com dia e hora marcados em local pré-determinado pelos estilistas, onde receberam o termo de consentimento (Apêndice B) para assinarem.

Foram realizadas quatro entrevistas: uma com o estilista da marca Mara Mac, uma com os proprietários da Target, outra com a proprietária e estilista da Gare 7, e a última com a gerente da marca Françoise. As sessões duraram aproximadamente trinta minutos e foram gravadas em áudio. Entre os temas abordados nessas entrevistas, tinha-se: o perfil das consumidoras de cada marca – e se as mulheres mais velhas estão entre essas clientes; quais roupas são oferecidas às consumidoras; e qual é o tipo de vestuário mais procurado pelas idosas – e se elas encontram as peças desejadas. Além disso, tratou-se de questões sobre usabilidade e conforto das roupas, tabelas de medidas e numeração utilizadas na confecção das peças, modelagens – e se consideram as especificidades das mulheres idosas –, e modelos e tecidos mais usados pelos estilistas e os mais procurados pelas consumidoras.

* Conteúdo do **Subcapítulo 6.2** foi publicado no artigo:

VIANNA, C.; QUARESMA, Manuela. Ergonomic issues related to clothing and body changes of the new elderly women. In: 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics, 2015, Las Vegas. Proceedings of 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics. Las Vegas: Elsevier Procedia, 2015. p. 2917-2922.

7

Análise dos resultados

A análise dos resultados obtidos com as técnicas utilizadas nesta pesquisa, como a do grupo focal e a das entrevistas semiestruturadas, possibilitou a aquisição de dados qualitativos que podem servir de base para novos saberes. Nos grupos de foco com as novas idosas foram constatadas as necessidades e as aspirações das participantes em relação ao vestuário. Nas entrevistas, verificou-se o processo de escolha dos estilistas quanto ao público-alvo e às tabelas de medidas utilizadas, e foi possível uma maior compreensão sobre o tipo de vestuário preferido pelas usuárias das marcas.

7.1.

Análise dos resultados dos grupos de foco

A análise das roupas apresentadas às participantes dos grupos de foco foi importante para perceber o quanto a modelagem interfere no resultado final do produto vestuário: quando essa modelagem não considera as transformações que ocorrem no corpo da mulher com o passar dos anos, podem prejudicar a usabilidade, o conforto, satisfação e segurança das usuárias com as roupas. Nesses grupos focais também foram expostas as dificuldades das novas idosas em encontrar no mercado modelos esteticamente desejáveis, além de problemas referentes às preferências por diferentes tecidos, especialmente pelos que proporcionam maior conforto e fácil manutenção.

7.1.1.

Usabilidade, conforto, satisfação e segurança

As participantes dos grupos de foco não manifestaram grandes dificuldades no ato de vestir e desvestir as roupas, porém, relataram a dificuldade em vestir roupas com aberturas na parte de trás do corpo. O conforto foi um requisito do qual elas não abrem mão, tanto em relação à modelagem, para não limitar os movimentos, quanto ao tipo de tecido, pelo toque direto com a pele e pela manutenção da roupa. Na questão da segurança, a influência do tecido também foi

considerada, uma vez que a pele se torna mais fina e ressecada com o envelhecimento e, conseqüentemente, é possível que ocorram irritações ou ferimentos. Do ponto de vista da satisfação, as mulheres manifestaram o desejo de usar roupas com bom caimento e de estarem na moda, fatores fundamentais para a autoestima.

Um dos grandes problemas constatados nos grupos de foco foi a questão da numeração das peças de vestuário. As lojas de vestuário utilizam, na sua maioria, tabelas de medidas de padrões oficiais brasileiros, como da ABNT, ou dos estabelecidos pelas próprias marcas, e as participantes não se sentem inseridas nessas métricas. Tal fato resulta na dificuldade de escolher o tamanho ideal, pois além da proporcionalidade do corpo da mulher idosa ser diferente do corpo considerado padrão, os tamanhos diferem de uma marca para a outra. De acordo com as participantes, algumas redes de lojas internacionais nem ao menos oferecem roupas voltadas para o público idoso, pois a numeração, por maior que seja, não condiz com o tamanho e as dimensões reais das consumidoras.

As questões referentes à modelagem estão entre as principais queixas das participantes dos grupos de foco. As modelagens das blusas e camisas mostradas (Figura 6.1) às participantes nem sempre agradam. Em relação às *T-shirts* de malha – com decote no lugar ou com decote “V” –, por exemplo, as mulheres ressaltaram que tais peças não favorecem a silhueta, pois evidenciam negativamente as curvas do corpo. Entretanto, a peça com o decote em “V” foi a mais aceita, visto o fato de alongar a silhueta. O decote no lugar, por outro lado, incomodou praticamente todas as participantes, que alegam sentir muito calor. Quanto à modelagem da camisa polo, a maioria das mulheres afirmou não usar por a considerarem muito justa e fechada. As camisetas tipo regata não são vestidas pela maior parte das novas idosas, por serem muito decotadas e, principalmente, por não terem mangas. Em geral, as novas idosas não querem mais expor os braços pelo aspecto visual da pele, que sofre a perda do tônus com a idade.

As camisas sociais foram bem aceitas, mas somente para serem vestidas com as extremidades para fora da calça, porque, quando por dentro, não ajudam a esconder o sobrepeso e acabam dando a impressão de engordar. Camisas e blusas com muitas informações também não contribuem à estética do corpo: os laços no decote aumentam o busto, assim como pregas, nervuras e babados. O mesmo acontece quando tais informações estão localizadas na linha da cintura,

aumentando o volume do abdômen. As blusas com o comprimento muito curto também não agradam ao gosto dessas mulheres, pelo fato de não disfarçarem o volume do abdômen e por evidenciarem o quadril. Algumas das blusas analisadas pelo grupo, como as com laço tipo gravata e as com pregas na altura do busto, foram consideradas como “roupas de velha”, remetendo, por vezes, à visão delas em relação a suas próprias mães. Constatou-se também que os modelos com alças mais estreitas não são usados pela maioria, pelo fato de as novas idosas não se vestirem mais sem o sutiã, sendo que as alças da peça íntima não devem aparecer sob a roupa.

Ainda em relação às blusas e camisas, a medida do perímetro do bust, muitas vezes, é menor em proporção ao comprimento, mesmo que a ideia seja de uma blusa mais curta ou comprida. Ou seja, as blusas tendem a ficar muito justas no busto, ou curtas em relação ao comprimento ideal. As participantes ressaltaram também aspectos de manutenção das roupas. As blusas de malha e de tecidos mistos foram consideradas mais práticas de lavar, sendo que algumas peças nem precisam ser passadas. Já as de algodão e linho têm a vantagem de também secarem rápido, mas é preciso passá-las.

Sobre os casacos e blazers (Figura 6.2), as opiniões das participantes divergiram na questão da manga três-quartos, com algumas das mulheres afirmando gostar do comprimento, e outras não. Quanto às mangas franzidas, todas as participantes concordaram não serem apropriadas à idade. Em relação aos blazers clássicos, tanto as modelagens mais largas na altura da cintura, quanto as com a cintura acentuada agradaram a todas, mas algumas participantes enfatizaram não usar mais as peças, pois elas as fazem lembrar do uso frequente dessa peça no passado, quando ainda trabalhavam. O *twin-set* – conjuntinho de regata e cardigã ou casaquinho de tricô – também foi controverso, com algumas mulheres afirmando amá-lo enquanto outras acreditam que o conjunto “envelhece” quem o usa, além de lembrá-las da infância, quando usavam conjuntos de Ban-Lon (casacos de tecido sintético, datados dos anos 1950 até início dos 1960).

A jaqueta de couro não atraiu a nenhum dos grupos de foco, pois, de acordo com as participantes, o couro limita os movimentos e não tem bom caimento para mulheres com sobrepeso. Apesar disso, muitas atestaram já ter usado a peça quando mais jovens. Do mesmo modo, os casacos muito justos ao corpo e com muitas aberturas salientam os volumes do busto e do abdômen, não satisfazendo

ao gosto das mulheres. Os casacos de *tweed* sem gola, que remetem aos modelos da marca francesa Chanel, também não agradam, em virtude da quantidade de aviamentos, como botões muito grandes, viés e desfiados, e de “envelhecerem” as usuárias. As participantes ressaltaram que os casacos com a barra na altura da cintura, ou um pouco acima, não são próprios para a idade, pois destacam o volume do abdômen e a largura da cintura, já não tão bem definida quanto antes. Já os casacos com recortes e com pregas na região do quadril fazem sobressai-lo, e as participantes os consideram de uso inadequado. Não foram citadas dificuldades em vestir e desvestir casacos, blazers ou jaquetas.

Em relação às saias (Figura 6.3), algumas das participantes disseram não usar saias compridas, pois acreditam que elas não favorecem o corpo das mulheres de estatura mais baixa ou as acima do peso. Elas afirmaram não gostar de saias de comprimento mais longo e com grande volume de tecido. Entretanto, parte das mulheres que usam esses modelos longos os consideram práticos, confortáveis e modernos. Já as saias *midi* não agradaram no geral, em vista de se tratar de um comprimento que, para as participantes, não favorece a silhueta. Elas destacaram ainda que não usam mais as saias godês nem as com franzidos na região da cintura, por conta do novo corpo. Apesar de acharem tais peças bonitas, na opinião dos grupos, é preciso ser magra para vesti-las. Como explicaram as participantes, para usar saias plissadas, o tecido deve ser mais fino e a mulher, magra e alta.

A maioria das mulheres prefere as saias com modelagem reta no corpo, mas, não colocam mais a blusa por dentro da peça, e elegem as sem bolso para não criar mais um volume na silhueta. Uma das participantes declarou que só usaria saia com meia, pois assim esconderia as varizes das pernas adquiridas com a idade. A saia tipo lápis foi elogiada por todas as mulheres, porém muitas não a usam por ser muito justa. As participantes dos grupos de foco enfatizaram que seus corpos não são mais os mesmos de antes e, para elas, é preciso ser magra, alta e não ter volume na barriga para usar esse tipo de saia mais estreita. Apenas poucas mulheres afirmaram usar eventualmente saias com fenda, porém, apenas se ela chegar, no máximo, até a altura do joelho. Isso pelo fato de julgarem não ter mais idade para mostrar as pernas. Todas as mulheres disseram não vestir mais saias curtas ou mini.

Quanto aos vestidos (Figura 6.4), os que mais agradaram às participantes foram os de estilo *chemise*, abotoados na frente, com mangas e comprimento na

altura do joelho. Os longos agradaram, de um modo geral, às mulheres dos grupos, com exceção das de estatura mais baixa, que argumentaram que o comprimento não favorece – o discurso foi o mesmo em relação ao comprimento das saias. Constatou-se, novamente, por meio das imagens dos vestidos, que as participantes não gostam de decote no lugar e de decotes profundos. As alças finas também não agradam – visto não permitir o uso de sutiã, na opinião delas – e só são usadas em dias de muito calor ou com uma sobreposição de jaqueta. Dependendo do modelo do vestido, quando mais curto, algumas das mulheres disseram que só usariam caso vestissem uma calça *legging* por baixo. De acordo com os grupos, o vestido ideal, em termos de silhueta, é o de caimento reto, pois não gostam de vestidos muito colados no corpo, nem dos muito largos. As peças mais justas no corpo marcam demais os volumes do busto, do quadril e do abdômen. Já os vestidos mais amplos não favorecem o aspecto visual, por darem a impressão de uma mulher totalmente sem formas.

Os grupos de foco revelaram também que, por vezes, as calças compridas (Figura 6.5) podem ser confortáveis e práticas, mas muitas mulheres têm dificuldade em comprar os modelos certos, preferindo assim usar vestidos, pela praticidade. Segundo as participantes, as calças *legging* (colada no corpo e de comprimento variado) e *fuseau* (colada no corpo e presa por alça na sola do pé) só são usadas em conjunto com blusas ou camisas com comprimento abaixo do quadril. Para a maioria, a *legging* serve apenas para a prática de exercícios. A altura do cóis é um problema enfrentado pelas mulheres. As calças de cóis baixo não se adaptam bem ao corpo das idosas, principalmente em decorrência do volume do abdômen, que aumenta com a idade. Nenhuma das participantes dos grupos disse usar calças com essa característica. Os modelos com cintura alta também incomodam na região abdominal, portanto a preferência dos grupos de foco está nas calças com a cintura no lugar. Além disso, algumas das novas idosas relataram preferir as calças compridas com elástico na cintura e sem zíper, e outras discordaram, afirmando que o elástico tende a engordar a silhueta.

As participantes elegeram alguns modelos de calças, e comprimentos variados, como preferidos. Muitas concordaram gostar das peças mais curtas como, as capri e *cigarrete* (calça reta, justa e de boca fina, geralmente na altura do tornozelo). Outras escolheram como favoritas as com comprimento abaixo do tornozelo. De certa forma, as observações sobre os comprimentos das calças foram contraditórias entre os grupos: para algumas participantes, as calças mais

curtas não caem bem, no sentido estético, em mulheres de estatura baixa; para outras, o efeito é contrário, pois acreditam que o comprimento mais curto favorece, uma vez que dá a impressão de alongar o corpo.

Certas modelagens de calças também foram citadas como preferidas pelas participantes, destacando-se as calças de pernas retas, e em outro extremo, as pantalonas e as do tipo *flare* (com a boca mais larga). A calça *skinny* foi unânime e não agradou por ser muito justa nas coxas e pernas como um todo, e por prender os movimentos apesar do elastano. As calças de alfaiataria também não são mais usadas por essas mulheres, pois têm bolsos do tipo faca que aumentam o volume do quadril e aparentam “engordar”. Por fim, as calças *jeans* e as de malha são as mais usadas por todas, sendo relevante constatar a preferência por tecidos com elastano na composição, em virtude do conforto, da praticidade e da facilidade de movimentos.

Na questão da numeração das calças compridas, as participantes dos grupos explicaram que as lojas não oferecem um padrão confiável, com os tamanhos usados por essas mulheres variando em uma mesma loja. Isso porque, muitas vezes, os modelos de calças são adquiridos em diferentes confecções, e essa variação resulta em insatisfação por parte das usuárias. Há casos também em que até mesmo calças compridas da mesma confecção apresentam numerações de tamanho diferentes, dependendo da modelagem.

As participantes que declararam usar bermudas e *shorts* (Figura 6.6) optam pelos tecidos jeans e sarja, e pelo comprimento acima do joelho. Já as bermudas de *lycra* são usadas apenas para a prática de exercícios e algumas mulheres disseram usar *shorts* só para irem à praia. Em relação às roupas de praia, como maiôs e biquínis (Figura 6.7), a maioria afirmou usar maiôs, de preferência os de cor lisa, sem estampas. Nessa categoria de vestuário, elas ressaltaram que as peças com drapeado na frente da barriga disfarçam o volume abdominal. Na lateral dos biquínis, o detalhe drapeado também impede que a peça aperte a gordura localizada e que divida o corpo em curvas desnecessárias. Quanto às alças, as amarradas no pescoço incomodam a cervical, causando dor, e as preferidas são, portanto, as alças clássicas que se assemelham às dos sutiãs do dia-a-dia. As participantes que usam biquínis preferem os com a parte de baixo mais larga, com a cintura logo abaixo do umbigo. Sobre as estampas e cores, a preferência é por combinar a parte de cima e a de baixo do biquíni, que devem ser iguais. O biquíni deve ser ou todo liso ou todos com a mesma estampa. Para elas, a modelagem

tanto dos maiôs quanto dos biquínis não deve ser muito cavada, e todas as mulheres relataram dificuldades em encontrar modelos de roupa de praia com a modelagem adequada à idade.

7.1.2. Tecidos

Em relação aos tecidos, as participantes têm preferência pelos que não tenham tanto a necessidade de passar e que sejam fáceis de lavar. Porém, apesar dessas conveniências, elas não deixam de usar tipos de tecidos com características diferentes. A malha fina, a seda, o crepe de seda, o algodão e a viscose foram citados em vista do toque agradável e do bom caimento. O linho também foi mencionado por se tratar de um tecido puro que, além de não ser encontrado com facilidade, faz com que a roupa amasse logo ao ser vestida. Os tecidos sintéticos em geral não agradam, principalmente por esquentarem muito nos dias mais quentes.

Apesar da temperatura da cidade do Rio de Janeiro ser elevada, nos dias em que ela abaixa, as mulheres sentem necessidade de tecidos adequados ao frio. Elas apontaram a lã como o tecido menos usado, e deram preferência à malha mais grossa e ao acrílico. Além disso, algumas delas relataram ter alergia à lã, além de não gostarem de tecidos sem toque agradável em contato com a pele.

A referência a tecidos com elastano foi muito forte, tanto em relação à sensação de conforto em usar roupas desse material – principalmente calças compridas –, como por não amarrotarem, o que contribui para uma boa aparência estética. Outro tecido bastante mencionado foi o *jeans*, principalmente o com elastano, que é praticamente usado por todas as participantes.

As preferências por padronagens (Figura 6.8) em tecidos foram mencionadas nos grupos de foco a partir das estampas apresentadas. Em relação às listras, as favoritas são as verticais, que dão a impressão de alongar o corpo, enquanto as horizontais parecem aumentar o volume dele. As estampas relacionadas a animais, como as de zebra e as de onça, não são mais usadas pelas mulheres dos grupos, a não ser quando em algum detalhe na roupa ou em um acessório. As estampas grandes não agradam muito, mas ressaltou-se que, independentemente do tamanho, de serem grandes ou não, o gosto pelas estampas é mais uma questão de combinação de motivos e cores, assim como ocorre com os bordados. O tecido de *pois* agradou a todas, que ressaltaram simpatizar mais com

a combinação das cores preto e branco ou de azul-marinho e branco, uma vez que foi apresentada a elas uma imagem com *pois* nas cores cinza e preto. Poucas mulheres afirmaram gostar de roupas coloridas, com a maioria preferindo tons mais neutros, como a cor preta. Entretanto, algumas concordaram que a cor bege, ainda que neutra, não favorece o visual.

7.1.3. Acessibilidade

Os grupos de foco demonstraram que existe uma lacuna no segmento de vestuário voltada às novas configurações do corpo da idosa. Quando perguntadas se encontram roupas para comprar com facilidade, as participantes reagiram com observações como: “Não encontro roupa para mim”. Para elas, poucas lojas oferecem o tipo de roupa que as agrada e com um bom caimento. Quando gostam de uma peça, por vezes a loja não oferece uma numeração maior, ou esse tamanho não está de acordo com o corpo delas. Em outras ocasiões, os modelos não são considerados, por elas, como apropriados à idade (“Não posso usar de jeito nenhum”; “Já passei da idade”), ou a roupa não é composta de bons materiais e tecidos. Às vezes, marcas até oferecem opções de qualidade, mas as roupas parecem “de velha” ou têm algum outro aspecto negativo. Um fator que contribui para experiências de compra negativas é justamente a escassez de opções para essas mulheres idosas, que relataram sentirem-se mal ao experimentarem roupas que não cabem. Algumas das participantes dos grupos ressaltaram que costumam fazer compras de roupas no exterior, onde sempre encontram a modelagem que se adapta aos seus corpos, além de modelos mais atuais e com preços muito inferiores aos encontrados no Brasil. Relataram ainda encontrar sempre os mesmos modelos desejados nas mesmas lojas e marcas, como, por exemplo, a calça *jeans* preferida, disponível independentemente da estação ou coleção.

Um assunto mencionado também foi o de roupas de festa. As participantes explicaram ter dificuldades em encontrar tais peças, por priorizarem aspectos como roupas com mangas que não marquem a região do abdômen. Outro desafio está em encontrar roupas de praia adequadas, visto que a maioria passou a usar maiôs ao invés de biquínis, e os maiôs oferecidos no mercado não são, na opinião dessas mulheres, nem um pouco atrativos em termos de modelagem e estampas, o que gera uma grande insatisfação.

Poucas são as lojas que vendem produtos para essa faixa etária com uma modelagem bem-feita, de acordo com as tendências da moda e com tecidos confortáveis. Nos grupos de foco, todavia, foram mencionadas algumas lojas localizadas na Zona Sul de Rio de Janeiro, onde as mulheres afirmaram encontrar roupas adequadas ao novo corpo.

7.1.4. Síntese dos grupos de foco

As blusas e camisas são consideradas uma boa opção para o vestuário das mulheres idosas, por permitirem o uso variado com saias, calças e bermudas. Não foi mencionada uma preferência no modo de vestir e desvestir as blusas, mas foi ressaltado que muitas idosas não se sentem confortáveis com decotes muito próximos ao pescoço, e que elas têm dificuldades em manusear roupas com fecho nas costas. Portanto, é válido inferir que os decotes mais largos e as camisas com botões na parte da frente do corpo sejam melhores de usar. Dependendo da modelagem e do tecido dos casacos, o vestir e desvestir pode interferir no conforto e na segurança das peças.

As calças compridas são um problema no que concerne encontrar a modelagem própria para cada corpo, ou o modelo que as idosas julguem mais adequado à nova faixa etária. A preferência por vestidos foi observada, e todas concordaram que eles são mais fáceis de comprar e vestir do que qualquer outra peça de roupa. Por questões estéticas, as saias não agradam a todas as idosas, pelo fato de não favorecerem determinados tipos de corpos, como as mulheres de estatura mais baixa, ou sem cintura acentuada e com sobrepeso. As bermudas são mais usadas do que os *shorts*, principalmente pelo fato de que as idosas não querem mais expor as pernas, visto a perda do tônus e o surgimento de varizes. As participantes elegeram o maiô como a nova roupa de praia para essa idade, com poucas exceções de mulheres que julgam ainda poderem usar biquínis e se sentirem confortáveis com duas peças.

A insatisfação com a numeração das roupas, ainda que pouco citada, pode vir a causar estresse na hora da compra. Em suma, podemos concluir que as novas idosas preferem tecidos com toque agradável, conforto térmico, de fácil manutenção e com elastano na composição. As padronagens como listras verticais – por afinarem a silhueta –, e as estampas – a depender do motivo e da cor, como *pois* e alguns tipos de florais –, predominaram como favoritas, assim como as

cores neutras, como preto e azul-marinho. Ainda no que diz respeito às cores, as novas idosas preferem tons como o preto, pois ajudam a disfarçar o volume do novo corpo, e não gostam da cor bege pela falta de contraste com a pele, por resultar em uma aparência sem expressão.

As observações feitas nos grupos de foco (Apêndice C) estavam quase sempre relacionadas às transformações do corpo decorrentes do envelhecimento. As participantes justificaram suas escolhas de roupas concentrando-se principalmente, em aspectos que disfarçam e escondem as imperfeições e as mudanças do corpo. Além disso, foi possível inferir que, muitas vezes, o vestuário disponível no mercado não corresponde às expectativas no quesito modelagem e não considera as especificidades da silhueta da mulher idosa.

7.2.

Análise dos resultados das entrevistas

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os estilistas e designers de moda de marcas que, de acordo com as participantes dos grupos de foco, atendem a um público de mulheres mais velhas. Embora os representantes das marcas tenham apontado como público-alvo mulheres a partir dos 30 anos, as grandes consumidoras são as acima de 50 anos até a faixa dos 70-80. As marcas afirmaram oferecer roupas diferenciadas e atemporais, e de produzir coleções voltadas para todas as faixas etárias de mulheres adultas. A preferência das mulheres idosas por uma matéria-prima de qualidade foi citada por todos os entrevistados, que enfatizaram a preferência das clientes mais velhas por tecidos nobres como seda, algodão, linho, malhas importadas, *fluity* (malha superfina, fabricada com poliamida, microfibra e *lycra*, com muita fluidez, elasticidade e toque extremamente macio), e por tecidos beneficiados por coenização¹⁰. Foi ressaltado ainda que, apesar da preferência por tecidos nobres, as clientes dos entrevistados também optam por tecidos de fácil manutenção, como os tecnológicos.

Alguns estilistas citaram que as malhas com a melhor composição são as importadas, mas afirmaram também usar malhas nacionais, em vista do menor custo. Nem todas as marcas utilizam tecidos inteligentes, que têm toque agradável

¹⁰ Tratamento de colagem de dois tecidos, sendo um sobre o outro, com o propósito de evitar o esgarçamento das peças e de proporcionar um melhor caimento. Pode substituir a aplicação de forro na confecção de vestidos. Fonte: Casa Pinto Tecidos [<http://www.casapinto.com.br/abc>]. Acessado em 15/02/2016.

e são fáceis de lavar e secar, pois as clientes não gostam de roupas com materiais sintéticos. Todos os entrevistados afirmaram que as mulheres prezam pela qualidade das peças e, quanto mais idade, maior o nível de exigência (“As mulheres mais velhas prezam pelo material, entram na loja pela qualidade”).

Uma das estilistas entrevistada contou usar praticamente as mesmas modelagens, mudando apenas os tecidos e as cores, de acordo com as coleções, e alegou que esse é um grande diferencial de sua marca, pois as consumidoras sabem que vão encontrar roupas clássicas com bom caimento e com “uma pegada contemporânea”. Tal fato é confirmado, de acordo com a entrevistada, quando as consumidoras procuram por roupas com a mesma modelagem de dois ou três anos atrás. Entretanto, outros estilistas/donos das marcas afirmaram utilizar as modelagens das confecções de onde compram os produtos, e que nem sempre tais modelagens correspondem às expectativas das consumidoras. Constata-se, portanto, que as transformações dos corpos dessas mulheres são, em princípio, levadas em consideração por algumas marcas. Os entrevistados destacaram também que, em relação às cores, as suas clientes procuram sempre as da estação, mas acabam comprando peças na cor preta. Eles ressaltaram ainda que a cor branca lisa não é muito procurada, e explicaram que as mulheres idosas preferem roupas brancas com listras ou bolas em preto ou em azul-marinho. Além disso, acrescentaram que as estampas gráficas são bem procuradas pelas clientes das marcas, assim como estampas diferentes. Os estilistas explicaram também que, muitas vezes, as clientes desejam encomendar o mesmo modelo em todas as cores e estampas. Porém, segundo os entrevistados, tais pedidos não são atendidos, pelo fato de se tratar de uma loja, “não um ateliê de costura”.

Como a maior parte das lojas possui filiais em diversos bairros da Zona Sul, alguns dos estilistas entrevistados enfatizaram que determinados modelos vendem mais em diferentes bairros. Em Ipanema, por exemplo, os produtos mais vendidos são os vestidos e as camisas. Já na Gávea, são as calças compridas e as túnicas, o que demanda reposições de estoque entre as filiais.

Na questão das tabelas de medidas, o uso delas foi distinto, com alguns estilistas utilizando a “tabela universal”, que aumenta a sua gradação de tamanho de quatro em quatro centímetros; outros, as tabelas de tamanho determinadas pelas confecções; e ainda os que utilizam uma tabela de medidas tendo como referência uma mulher de manequim 40. Já no que diz respeito à numeração, se a mulher é magra, mas tem abdômen com mais volume, as vendedoras são

aconselhadas a sugerir que vistam o modelo de tamanho maior, no qual serão feitos os ajustes necessários. Os entrevistados relataram que as consumidoras idosas prezam o fato de a loja fazer ajustes nos modelos. Cabe ainda ressaltar o relato de que mães das clientes idosas, já na faixa dos 80 e 90 anos, também procuram roupas para ocasiões especiais e não querem peças que envelheçam. Elas acabam optando quase sempre por um *tailleur* ou um terninho.

Os estilistas relataram que as roupas mais procuradas pelas mulheres mais velhas são as confortáveis e bem “diferenciadas”, e a maioria das consumidoras prefere calças com elástico e cintura mais alta. Disseram também que a maior parte das clientes usa blusas e vestidos com manga e com decote em “V”, pela facilidade de vestir a roupa. Todavia, no verão, as blusas sem mangas também são procuradas por algumas mulheres. As saias e os vestidos devem ter, para essas mulheres, o comprimento acima do joelho. Ressaltam ainda que as idosas preferem as roupas que rejuvenesçam e com preço razoável, e que as calças mais justas são usadas com blusas ou camisas mais largas com o comprimento um pouco abaixo do quadril.

Segundo os entrevistados, as idosas costumam ainda procurar modelos específicos como calças com elastano, pantalonas e túnicas, por serem mais largas e não marcarem o corpo, e também calças *jeans* com cintura mais alta e com elastano na composição. Os estilistas ressaltaram que, quando as consumidoras procuram por roupas de festas, querem as de tecidos nobres, como, por exemplo, a seda pura, e preferencialmente os modelos com mangas. Em certas ocasiões, as mulheres idosas escolhem um modelo de vestido de alças e pedem para aplicar mangas, o que faz com que seja necessário explicar que tal alteração não é possível. Isso, pelo fato de a modelagem não contemplar mangas, so que é tecnicamente inviável, mas, mesmo assim, muitas dessas mulheres não compreendem essa justificativa.

Na questão da usabilidade, o próprio entrevistado de uma determinada marca mencionou que algumas peças de roupa são de difícil entendimento para vestir – são muito elaboradas – e há, portanto, a necessidade de que as vendedoras sejam treinadas para instruir as clientes em como vestir e usar a roupa. Como são utilizados vários tipos de abotoamento em certos modelos, isso tende a dificultar o vestir da peça e, muitas vezes, as clientes desistem da compra por não terem paciência para decifrar como vestir a roupa. O estilista ressaltou que algumas clientes têm peças há mais de um ano que não foram usadas por não saberem

como vesti-las. Essa dificuldade ocorre até com as clientes mais novas, mas, no caso das mulheres idosas, isso se torna mais recorrente. Entretanto, apesar de toda as dificuldades no entendimento do vestir, as mulheres ainda prezam pelo diferencial da modelagem e dos modelos em relação aos oferecidos por outras marcas.

Constatou-se, com essas entrevistas (Apêndice D), que os estilistas se preocupam em agradar as suas consumidoras, oferecendo opções confortáveis, diferenciadas, clássicas – e ao mesmo tempo modernas – que rejuvenesçam. Eles também procuram garantir que a peça proporcione segurança ao vestir, por meio de tecidos e aviamentos próprios. Em síntese, querem a satisfação das clientes em relação aos modelos disponíveis e, ainda, conforme a fala de um entrevistado, as idosas também querem “atenção e carinho” no atendimento.

7.3.

Conclusão da análise dos resultados

Com o que foi exposto nas análises dos grupos de foco com as novas idosas e das entrevistas com estilistas e designers de moda, é possível constatar os pontos em comum e os divergentes nos resultados das duas técnicas. Tem-se como exemplo o fato de, apesar de as marcas dos entrevistados terem sido citadas pelas próprias participantes idosas (de 60 a 75 anos) dos grupos de foco, os estilistas enfatizaram que as suas coleções buscam atender a uma clientela com idade a partir dos 30 anos.

No quesito modelagem, um dos assuntos mais discutidos nos grupos focais, ficou evidente que nem todas as roupas atendem ao novo corpo dessas mulheres. Por meio das entrevistas, observou-se que os estilistas utilizam vários tipos de tabelas de medidas, e como previsto, elas nem sempre são capazes de atender às necessidades das idosas. Em relação à numeração das roupas, as participantes dos grupos de foco não aprofundaram na questão, porém, nas entrevistas, identificou-se que cada marca possui a sua própria numeração.

Quanto às características das peças, a maioria das idosas afirmou não usar mais blusas e vestidos sem mangas, mas, de acordo com os estilistas, as clientes da terceira idade procuram tais peças, ainda que no verão. As padronagens preferidas pelas mulheres dos grupos de foco foram as listras verticais, o *pois* e as estampas florais com motivos menores, e alguns estilistas acrescentaram que as consumidoras também gostam e procuram por padronagens com grafismos. A

preferência por roupas que sejam fáceis de vestir e desvestir foi unânime entre as participantes dos grupos, e uma das designers de moda das entrevistas apontou para o fato ao explicar a dificuldade das clientes em entender o funcionamento de certas roupas. De acordo com a entrevistada, ainda que as mulheres tenham gostado da peça, e até efetuado a compra, a roupa permanece sem uso em decorrência do obstáculo de vesti-la e desvesti-la.

Em relação aos modelos de roupas, as idosas tendem a preferir roupas atemporais e clássicas, e os representantes das marcas afirmaram que suas lojas oferecem tais modelos. As novas idosas elegeram como favoritos os tecidos de melhor qualidade, com toque agradável, bom caimento e de fácil manutenção, o que foi ratificado pelos estilistas entrevistados. Sobre as calças compridas mais justas no corpo, foram mencionadas, nos grupos de foco, que só são usadas com camisas ou blusas mais compridas, e por cima das calças, e os estilistas também confirmaram o relato. Outro ponto em comum citado tanto nos grupos de foco quanto nas entrevistas foi o de que as mulheres mais velhas procuram roupas que as rejuvenesçam e, apesar de gostarem da variação de cores das coleções, as idosas acabam levando, na maioria das vezes, as peças na cor preta.

Em síntese, ainda que os estilistas tenham afirmado oferecer roupas voltadas à terceira idade, e entendam parcialmente os desejos de suas clientes, constata-se que há divergências cruciais entre as observações das novas idosas e as das marcas, especialmente no que concerne à modelagem, às tabelas de medida e à numeração das roupas. De certa forma, as transformações do corpo da mulher idosa ainda não são plenamente consideradas pelos estilistas e designers de moda.

A importância do tema desta pesquisa – design de moda e a ergonomia do vestuário confeccionado para mulheres idosas – se deve ao aumento da população idosa em todo o mundo e, principalmente, à perspectiva de um envelhecimento saudável e produtivo. Os idosos representam um novo nicho de mercado em relação aos produtos de vestuário. Constatou-se aqui que confecções de vestuário não consideram essa faixa etária e falham no processo de criar roupas confortáveis, com modelagens apropriadas às transformações do corpo em decorrência da idade.

Foi possível perceber também que as idosas não sentem a idade que têm, ou seja, não se concentram nos aspectos negativos do envelhecimento. Porém, essa perspectiva muda quando se analisa a relação da mulher idosa com o seu novo corpo e o vestuário: foi constatada uma falta de oferta de roupas no mercado voltadas às novas idosas. As faixas etárias necessitam de parâmetros bem definidos no que diz respeito ao vestuário, considerando os requisitos físicos, sociais e culturais, principalmente no caso dos idosos. Hoje, eles abrangem uma faixa etária extensa que pode ir dos 60 aos 95 anos.

O envelhecimento deve ser visto por outro ângulo, como um aspecto positivo, e cabe às indústrias de vestuário acompanhar essa vertente ao enxergar esse novo consumidor, o idoso. A vestibilidade e o conforto das roupas precisam ser pensados pelos designers de moda não só no que concerne aos adultos mais jovens como também à população idosa, que experimenta certas transformações com o novo corpo. É válido destacar a importância do design de moda nesse contexto de envelhecimento da população mundial: ao pesquisar tanto na história, nas culturas e na inovação – através de novas tecnologias – inspiração para suas criações, esses profissionais proporcionam uma melhora na qualidade de vida dos usuários, seja em caráter cultural e econômico, seja no que diz respeito à autoestima.

Em relação aos tecidos usados para a confecção das roupas, eles devem ser compatíveis com as características dos usuários, que, no caso dos idosos, tendem a

preferir os tecidos naturais, 100% algodão, que proporcionam conforto e são de fácil manutenção, além de resistentes e de não machucarem a pele, em geral ressecada. O contato dos tecidos com a pele deve ser agradável, além de absorver umidade e de ter certa elasticidade e resiliência. Cabe ressaltar ainda que tecidos tecnológicos apresentam, por vezes, propriedades que protegem contra os raios solares e apresentam equilíbrio térmico, o que proporciona maior conforto.

Assim como os tecidos, os aviamentos fazem muita diferença no vestuário dos idosos. Com a idade, ocorre a perda do tato e, por consequência, a dificuldade em manipular objetos. Um exemplo da interferência do tato em relação aos aviamentos das peças está nos botões, principalmente os de pressão, que são de difícil manuseio por pessoas da terceira idade. Da mesma forma, colchetes e ilhoses devem ser evitados, em decorrência do esforço manual e visual por parte dos idosos. O zíper, por sua vez, tem efeito contrário, podendo facilitar o fechamento da roupa. Cadarços e fitas também são maus exemplos de finalização do vestuário, pela dificuldade de manipulação, enquanto o uso de elástico aplicado no cós de calças ou bermudas facilita os atos de vestir e desvestir. Os aviamentos decorativos, dependendo da localização na peça de vestuário e do material utilizado, podem ser desconfortáveis ou pouco seguros. Pelo fato de a pele passar por um processo de ressecamento com o envelhecimento, a aplicação de rendas nas roupas, independente dos materiais usados, também pode ser prejudicial aos idosos.

Como a moda e o processo de construção do vestuário estão em constantes transformações, essa evolução deve se adaptar às mudanças sociais, culturais, industriais e mercadológicas, democratizando o ato de vestir. Com a diversidade de materiais e técnicas, somada a uma produção cada vez mais rápida e eficiente, torna-se possível agradar e satisfazer a maior quantidade de usuários. Porém, as modelagens das roupas, muitas vezes sem parâmetros de numeração ou proporção, existentes no Brasil, não contemplam o corpo do idoso, e, especialmente para o propósito desta pesquisa, o corpo da nova idosa. Com o crescimento da população da terceira idade – estima-se que o percentual de brasileiros com mais de 60 anos em 2025 chegará a 16% (35 milhões de idosos) (IBGE, 2015) –, é imprescindível a realização de um estudo antropométrico confiável, para que a indústria do vestuário atenda aos idosos em relação ao conforto, à satisfação e ao bem-estar.

Os princípios ergonômicos devem ser empregados em todas as etapas do projeto de construção do vestuário. Na relação ergonomia e vestuário, deve-se levar em consideração a antropometria, que trata do estudo das dimensões e proporções do corpo humano. Uma boa modelagem, com medidas corretas, permite a mobilidade do corpo e o bom caimento da roupa, proporcionando conforto e segurança. A satisfação e o bem-estar dos usuários dependem dos materiais usados na confecção e da usabilidade. A usabilidade aplicada ao vestuário envolve vários aspectos, desde a facilidade em vestir e desvestir – e entendimento da peça em si, a fim de não constranger o usuário – até a questão da manutenção da roupa, que deve ser confeccionada com tecidos que sejam fáceis de lavar, secar e passar. Além disso, o vestuário deve proporcionar segurança no que concerne ao manuseio, não causar desconforto térmico e umidade inadequada, e não apresentar aviamentos que possam irritar a pele, o que afeta a saúde e o conforto do usuário, principalmente dos idosos. Com a conclusão da pesquisa, verificou-se que o objetivo foi alcançado.

Por meio de grupos de foco com mulheres de 60 a 75 anos de idade, foi possível constatar a influência das transformações do corpo nas escolhas de vestuário. Foram observadas a dificuldade da nova idosa em relação às roupas disponíveis no mercado e também as questões de usabilidade, conforto, satisfação e segurança do vestuário, a fim de definir recomendações aos designers de moda para a elaboração de vestuário adequado às novas idosas. Por fim, foi verificado se o mercado oferece opções de moda de acordo com o desejo e as expectativas das usuárias idosas. Por meio dos grupos de foco e por meio de entrevistas semiestruturadas com estilistas e designers de moda – responsáveis por marcas citadas nos grupos de foco –, foi possível comprovar a hipótese desta pesquisa: o vestuário “pronto para vestir” existente no mercado não contempla as transformações do corpo da mulher idosa de acordo com a opinião delas em termos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança do vestuário.

No contexto desta dissertação, fez-se imprescindível conhecer as transformações do corpo da mulher idosa, identificando assim as dificuldades dela em relação ao vestuário. O grande desconhecimento dessas transformações resulta na ausência de tabelas de medidas voltadas a essa faixa etária, uma vez que as inúmeras tabelas utilizadas na confecção de vestuários se baseiam em padrões de um único tipo de corpo, ignorando as variações que ocorrem com a idade. Esse desconhecimento também interfere no processo criativo da roupa, que inclui a

modelagem e a escolha de tecidos e aviamentos adequados. Portanto, observa-se que o vestuário existente no mercado não satisfaz a essa nova consumidora, a nova idosa. Cabe aos designers de moda considerar os processos de mudança do corpo com o envelhecimento a fim de desenvolver produtos em concordância com a usabilidade, o conforto, a satisfação e a segurança para essas mulheres. Se a funcionalidade da roupa não for atendida, é provável que o produto não se torne usável, e, portanto, se não atende à função, resulta em insatisfação. Além de funcionais, os usuários desejam também que os produtos sejam esteticamente agradáveis.

Com o propósito de satisfazer às novas idosas em relação à usabilidade, ao conforto e à segurança no vestuário, torna-se necessário listar algumas recomendações aos designers de moda, aspectos que devem ser levados em consideração em todas as etapas de criação e produção de produtos de vestuário. Constatou-se, nesta pesquisa, pontos relevantes, como a importância de profissionais de modelagem utilizarem medidas corretas de acordo as diversas faixas etárias e ainda com os variados tipos de corpos. Os designers de moda devem considerar as especificidades dos corpos das mulheres idosas. Além disso, devem buscar satisfazer aos desejos dessas mulheres em relação ao vestuário, no que diz respeito ao conforto e à estética da roupa.

Com o crescente aumento da população idosa, a procura por produtos relacionados ao vestuário para adultos de mais idade tende a crescer e, para tanto, será necessário um planejamento em que os requisitos e as exigências desse novo consumidor deverão ser contemplados. Os designers de moda não só devem se preocupar em criar o produto como também em estar presentes em cada etapa do processo de criação e produção. A fim de atender às necessidades dos usuários, é preciso ir além das tendências do mercado e se aprofundar no universo desses novos consumidores, respeitando suas especificidades e aspectos socioculturais. É válido ressaltar a importância da ergonomia nas questões de usabilidade, conforto, satisfação e segurança, com foco no público-alvo. Entretanto, é imprescindível que esses conceitos sejam agregados a um bom custo-benefício, que influenciará diretamente nas decisões de compra do consumidor final.

De acordo com esta pesquisa, realizada com novas idosas da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, os designers de moda podem considerar algumas recomendações para melhor atender mulheres com esse perfil. Cientes das mudanças do corpo, essas novas idosas buscam por peças do vestuário que

favoreçam a atual silhueta. Do processo de criação ao produto finalizado, as etapas devem manter o foco nessas consumidoras em relação às suas necessidades e desejos. A importância de um protótipo é fundamental para a experimentação dos requisitos de usabilidade, conforto, satisfação e segurança, evitando, posteriormente, a insatisfação do consumidor. Nesse caso, para atender a esses requisitos, são necessários cuidados: com a matéria-prima, aviamentos e acabamentos utilizados; com a modelagem; com os dispositivos de interação, como fechos e regulagens; com os dispositivos de informações de uso e de manutenção da peça; e com a estética da roupa.

Em relação aos modelos de roupas para as novas idosas, podem-se ressaltar as recomendações, e o que não é recomendado, relacionados a seguir:

Recomendado e Não recomendado	
Blusas	
Recomendado	Não recomendado
• Decotes em “V” (com o objetivo de alongar a silhueta); • Camisas sociais (desde que possam ser usadas por fora da calça ou da saia); • Modelagens mais soltas do corpo (evitando ressaltar a silhueta do corpo); • Com mangas (para evitar de deixar os braços expostos).	• <i>T-shirts</i> e polos (pois costumam marcar o corpo, principalmente na região da cintura e abdômen); • Decotes no lugar (costumam incomodar a região do pescoço); • Regatas (por serem muito decotadas e exporem o corpo); • Excesso de informações, como laços, pregas, etc.; • Comprimentos muito curtos (para evitar evidenciar o abdômen); • Alças estreitas (pois impossibilitam o uso de sutiã).
Blazers e casacos	
Recomendado	Não recomendado
• Mangas três-quartos (podem ser usadas em ambientes não muito frios); • <i>Twin-sets</i> (pela praticidade);	• <i>Twin-sets</i> (pela estética, que não agrada); • Modelagens muito justas (evidenciam o abdômen);

• Modelagens mais soltas na cintura (evitando ressaltar o abdômen); • Comprimentos abaixo da cintura (evitando ressaltar o abdômen).	• Ausência de gola; • Excesso de informações, como franjas e botões grandes; • Recortes e pregas na altura do quadril; • Mangas franzidas.
Saias	
Recomendado	Não recomendado
• Comprimentos mais longos (pela praticidade e conforto); • Barras retas na altura do joelho; • Fendas (desde que sejam pequenas, para não evidenciarem as pernas).	• Comprimentos muito longos (não favorecem mulheres de baixa estatura e/ou com sobrepeso); • Comprimentos muito curtos; • Modelos godê; • Modelos lápis (muito justos); • Franzidas na cintura; • Com bolsos (aumentam o volume do quadril).
Vestidos	
Recomendado	Não recomendado
• Modelos <i>chemise</i> – vestido que se assemelha a uma camisa longa com botões (pela praticidade e caimento); • Abotoados na frente (por facilitar o vestir e desvestir); • Com mangas (para evitar deixar os braços expostos); • Comprimentos na altura do joelho; • Comprimentos longos (pela praticidade e conforto); • Modelagens retas no corpo (favorecem a silhueta e não ressaltam as curvas do corpo).	• Alças estreitas (impossibilitam o uso de sutiã); • Modelagens muito largas ou muito justas.

Calças	
Recomendado	Não recomendado
• Modelagens retas; • Com cóis no lugar (evitando ressaltar o volume do abdômen); • Com cóis em elástico (pela praticidade); • Modelos <i>legging</i> (usados com blusas na altura do quadril ou na prática de exercícios); • Modelos em <i>jeans</i> com elastano (por facilitarem a mobilidade); • Modelos <i>cigarrete</i>; • Modelos <i>pantalona</i>; • Modelos <i>flare</i>; • Modelos <i>capri</i>.	• Com cóis baixo; • Com cóis em elástico (podem “engordar”); • Com cintura mais alta; • Modelos <i>skinny</i>.
Bermudas e shorts	
Recomendado	Não recomendado
• Comprimentos acima do joelho; • Com cóis no lugar; • Modelos em <i>jeans</i>; • Modelos em <i>lycra</i> (apenas para a prática de exercícios).	---
Maiôs e biquínis	
Recomendado	Não recomendado
• Maiôs; • Drapeados no abdômen (disfarçam o volume); • Duas peças com a parte de baixo mais alta; • Alças como as dos sutiãs; • Modelagens não muito cavadas.	• Biquínis; • Alças amarrados ao pescoço.

Quadro X – Indicações e contraindicações de uso de: Blusas; Blazers e casacos; Saias; Vestidos; Calças; Bermudas e *shorts*; e Maiôs e biquínis.

Os tecidos utilizados para as roupas das novas idosas devem ter toque agradável – como seda, algodão, linho, viscose, malha fina, malha grossa, acrílico e tecidos com novas tecnologias – e elastano na composição, que proporciona conforto e liberdade de movimentos. Devem ainda ser de fácil manutenção, principalmente nos processos de lavagem, secagem e de passar. No que diz respeito às estampas, a preferência dessas mulheres é por listras verticais, por desenhos discretos e não muito grandes e por *pois*. Já em relação às cores, devem ser predominar as tonalidades mais neutras, como preto, azul-marinho e branco, e a combinação de preto e branco.

Como um desdobramento desta pesquisa, tem-se a aplicação de grupos de foco com novas idosas de outras regiões da cidade do Rio de Janeiro, a fim de verificar se as demandas se aplicam também a diferentes perfis e grupos de mulheres. Outro desdobramento possível está relacionado com grupos de foco com mulheres de outras faixas etárias, ou mesmo com homens de faixas etárias a definir, com o propósito de avaliar se as questões de usabilidade, conforto, satisfação e segurança, e também se os modelos oferecidos são compatíveis com os seus corpos e suas expectativas em relação ao vestuário.

Em suma, entende-se que seria de extrema relevância possibilitar um desdobramento para dar continuidade a esta pesquisa, sempre com o foco nos usuários, considerando suas especificidades e seu contexto sociocultural e econômico. A experiência em conduzir esta pesquisa com mulheres idosas se provou enriquecedora. Descobrir esse universo tão novo, cheio de histórias, experiências e expectativas quanto ao futuro, nos faz pensar que realmente é preciso que essas mulheres continuem inseridas nos contextos sociais e profissionais. Além disso, elas são consumidoras em potencial, graças ao envelhecimento da população, como apontam as estatísticas.

O recorte desta pesquisa em mulheres de 60 a 75 anos foi relevante para entender essa faixa etária nas questões do vestuário. Com base na constatação de que há uma falta de consideração com as novas idosas por parte da indústria da moda, foi possível entender o processo de adaptação dessas mulheres em vista dos estereótipos impostos pela sociedade e pela mídia, que persistem na valorização apenas de mulheres jovens com corpos perfeitos. A dificuldade em encontrar a roupa com a modelagem ideal e a falta de numeração adequada não são, porém, exclusivos da terceira idade. Essas questões atingem mulheres obesas, ou muito

magras, mulheres muito baixas ou muito altas, entre outras características, o que mostra a importância de mais pesquisas no campo da moda.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13377: Medidas do corpo humano para vestuário – Padrões referenciais**. Rio de Janeiro: ABNT, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15127: Corpo humano – Definição de medidas**. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

BALLSTAEDT, Ana Luiza Maia Pederneiras. **Comportamento e estilo de vida da população idosa e seu poder de consumo**. Buenos Aires: II Encuentro Latinoamericano de Diseño. Facultad de Diseño y Comunicación, 2007.

BASTOS, Sergio F. *et al.* **SizeBr – O estudo antropométrico brasileiro**. Artigo apresentado na 4th Internacional Conference and Exhibition on 3D Body Scanning Technologies, Long Beach CA, USA, 19-20 nov., 2013. Anais dos Resumos dos Trabalhos, 2013.

BASTOS, Sergio F. e SABRA, Flávio. **A forma do corpo da mulher**. Artigo apresentado na 5th International Conference and Exhibition on 3D Body Scanning Technologies, Lugano, Switzerland, 21-22 out., 2014.

BAUDOT, François. **Moda do século**. São Paulo, Cosac Naify, 2008.

BELTRÃO, K. I., CAMARANO, A. A., KANSO, S. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX**. Rio de Janeiro: IPES, ago. 2004 (texto para discussão, 1.034.

BITTENCOURT, Fábio. **Antropometria: Conceitos**. In: BITTENCOURT, Fábio. (org.) Ergonomia e conforto humano. Rio de Janeiro, Rio Book's, 2011.

BOUERI, José Jorge. **Sob medida: antropometria, projeto e modelagem**. In: PIRES, Dorotéia Baduy. (org.) Design de moda, olhares diversos. Barueri, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora. 2008. 423p.

BRYSON, D. **Anatomical and Physiological Changes with Age: Implications for Apparel Design**. University of Derby, Derby, UK. In: McCANN, Jane e BRYSON, David. Textile-led design for the active ageing population. Cambridge: Elsevier, 2014.

BROEGA, Ana Cristina e SILVA, Maria Elisabete Cabeço. **O conforto total do vestuário: design para os cinco sentidos**. Buenos Aires: V Encuentro Latinoamericano de Diseño. “Diseño en Palermo”. Universidade de Palermo, 2010.

BOUGOURD, J. **Ageing populations: 3D scanning for apparel size and shape**. University of Wales, Neewport, UK. In: McCANN, Jane e BRYSON, David. Textile-led design for the active ageing population. Cambridge: Elsevier, 2014.

CAMARANO, Ana Amélia e PASINATO, Ana Tereza. **O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas**. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.) Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPOS, Amanda Queiroz, VIERA, Susana e PERASSI, Richard. **O conforto vestido: considerações sobre usabilidade, satisfação e o mercado de moda.** São Paulo, 4º Congresso Sul Americano de Design de Interação, 2012.

CASTILHO, Kathia e GARCIA, Carol (org.) *Moda Brasil: fragmentos de um vestir tropical.* São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, 2001.

CASTILHO, Kathia e MARTINS, Marcelo M. **Discursos da moda: semiótica, design e corpo.** São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CATELLANI, Regina Maria. **Moda ilustrada de A a Z.** São Paulo: Manole, 2003.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem.** São Paulo: Estação das Letras Editoras, 2006.

CHRISTO, Deborah C. **Designer de moda ou estilista? Pequena reflexão sobre a relação entre noções e valores do campo da arte, do design e da moda.** . In: PIRES, Dorotéia Baduy. (org.) *Design de moda, olhares diversos.* Barueri, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora. 2008. 423p.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DOS IDOSOS (CNDI). Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República – SDH/PR. 13 de maio de 2002.

CYBIS, Walter *et al.* **Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações.** São Paulo, Novatec Editora, 2007.

DAMASCENO. Vinícius Oliveira *et al.* **Imagem corporal e corpo ideal.** Body image and ideal body. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 2006; 14(1): 87-96.

DREYFUSS (Associates), H. **As Medidas do Homem e da Mulher: Fatores Humanos do Design.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

DINIS, Patrícia M. e VASCONCELOS, Amanda F. C. **Modelagem.** In: SABRA, Flávio.(org.) *Modelagem: tecnologia em produção de vestuário.* São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2009. 2012.

DIAS, Claudia Augusto. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas.** *Informação & Sociedade, estudos.* 10.2, 2000.

DUARTE, Sonia; SAGGESE, Sylvia. **Modelagem industrial brasileira.** Rio de Janeiro, 2002.

DUBURG, Annette. **Moulage e técnica no design de moda.** Porto Alegre: Bookman, 2012.

ESTATUTO DO IDOSO. **Estatuto do Idoso.** Brasília, Ministério da Saúde, 2003.

FERREIRA, Regina H. S. e MARTINS, Ana Cristina Pereira. **Sujeitos e narrativas a partir de relatos de idosos no Facebook.** Belo Horizonte: 11th CONINTER (Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades), 2013.

FREDERICO, Elias e ROBIC, André Ricardo. **Estudos dos fatores determinantes da satisfação do consumidor com vestuário infantil.** 30º Encontro EnANPAD, Salvador, 2006.

FREITAS, Leila Karla M. R. **A (re)invenção da velhice: o discurso da mídia sobre o “novo idoso”.** Rio de Janeiro, *Revista Litteris –Antropologia*, 2010.

- FRINGS, Gini Stephens. **Moda: do conceito ao consumidor**. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- GOLDEMBERG, Mirian. **A bela velhice**. Rio de Janeiro, ISBN 978-85-01-10042-9, 2013.
- GOLDEMBERG, Mirian (org.) **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.
- GOMES, Sandra; MUNHOL, Maria Elisa; DIAS, Eduardo; [coordenação geral Áurea Eleotério Soares Barroso]. **Políticas públicas para a pessoa idosa: marcos legais regulatórios**. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta, 2009.
- GONÇALVES, Eliana e LOPES, Luciana Dornbusch. **Ergonomia do vestuário: conceito de conforto como valor agregado ao produto de moda**. Buenos Aires: II Encuentro Latinoamericano de Diseño. Facultad de Diseño y Comunicación, 2007.
- GUERREIRO, José Antonio. **Nuevas tecnologías aplicadas a la moda: diseño, producción, marketing y comunicación**. Barcelona, Pad Parramóm Arquitectura y Diseño, 2009.
- HAFFENDEN, V.; SMITH, J. **Designing Base Layers for Apparel for the Active Ageing Population: Balancing Technology and Aesthetics**. Textile-led Design for the Active Ageing Population, p. 361, 2014.
- HEINRICH, Daiane Pletsch, CARVALHO, Miguel Ângelo Fernandes e BARROSO, Monica Frias da Costa Paz. **Ergonomia e Antropometria aplicadas ao vestuário – uma discussão analítica acerca dos impactos sobre o conforto e a qualidade dos produtos**. Diseño en Palermo, Universidade de Palermo, 2008.
- Disponível em:
<<https://docs.google.com/file/d/0B67qzHzhRv70OHUtc0hxd0hqWW8/edit?pli=1%2018/09/2013>>. Acessado em: 20 fev. 2016.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeções e estatísticas da população do Brasil e das unidades da Federação**. Disponível em: <ibge.gov.br> Acessado em: 25 jun. 2015.
- IIDA, Itiro. **Ergonomia – Projeto e Produção**. 2ª ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2005, 614p.
- JONES, Sue Jenkyn. **Fashion design, manual do estilista**. São Paulo, Cosac Naify, 2005.
- KINDLEIN Jr., Wilson, *et al.* **Desenvolvimento de texturas como fator de design emocional**. In: MONT'ALVÃO, Claudia e DAMAZIO, Vera (org.) Design, ergonomia e emoção. Rio de Janeiro, Mauad X, FAPERJ, 2008.
- KUCHEMANN, Berlindes Astrid. **Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios**. Sociedade e Estado, Brasília. Vol.27 no. 1, jan/abr, 2012.
- LEITE, Adriana S. e VELOSO, Marta D. **Desenho técnico de roupa feminina**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.
- McCANN, Jane e BRYSON, David. **Textile-led design for the active ageing population**. Cambridge: Elsevier, 2014.
- MARCONI, Marina Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2003.

MARTINS, Ariel V. e LOPES, Lizander A. In: SABRA, Flávio (org.) **Modelagem: Tecnologia em Produção de Vestuário**. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade e LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo, Editora Atlas S.A. 2000.

MARTINS, Suzana Barreto. **Ergonomia e moda: repensando a segunda pele**. In: Pires, Dorotéia Baduy (org.) Design de moda, olhares diversos. São Paulo: Estação da Letras e Cores Editora, 2008.

MARTINS, Suzana Barreto. **Metodologia OIKOS para avaliação da usabilidade e conforto no vestuário**. p. 2811-2818 . In: Anais do 8º Ergodesign & Usihc São Paulo: Blucher, 2008.

MARTINS, S.B. **O conforto no vestuário: uma interpretação de ergonomia – metodologia para avaliação de usabilidade e conforto no vestuário**. Florianópolis: UFSC, Departamento de Engenharia de Produção, 2005. Tese de Doutorado.

MENEGUECCI, Franciele e SANTOS FILHO, Abílio Garcia. **Proteção e conforto: a relação entre os tecidos e o design ergonômico do vestuário para idosos**. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (9º, 2010, São Paulo).

MENEZES, Tânia M.de O., LOPES, Regina Lúcia M. e AZEVEDO, Rosana Freitas. **A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável**. Eletrônica de Enfermagem UFG. 2009; 11(3):598-604. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a17.htm>>. Acessado em: 27 fev. 2016.

MEINANDER, Harriet, VARHEENMAA, Minna. **Clothing and textiles for disabled and elderly people**. Technical Research Centre of Finland, 2002.

MORAES, Anamaria de. **Ergodesign de Produto: Agradabilidade, Usabilidade E Antropometria**. Rio de Janeiro: IUSeR, 2005.

MORAES, Anamaria e MONT'ALVÃO, Claudia. **Ergonomia: conceitos e aplicações**. Rio de Janeiro, 2AB, 2010.

MOURA, Mônica. **A moda entre a arte e o design**. In: PIRES, Dorotéia Baduy. (org.) Design de moda, olhares diversos. Barueri, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora. 2008. 423p.

MUNARETTO, Lorimar Francisco *et al.* **Um estudo sobre as características do método Delphi e de grupo focal, como técnicas na obtenção de dados em pesquisas exploratórias**. Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 09-24, jan./mar., 2013.

NAVARRO, Pedro e BAZZA, Adéli Borolon. **A subjetivação do “novo idoso” em textos da mídia**. In Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista. V. 10, n.2, 2012.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Senac, 2013.

PIRES, Dorotéia Baduy. (org.) **Design de moda, olhares diversos**. Barueri, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora. 2008. 423p.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. Lei nº 8.842, de janeiro de 1994, Brasília.

QUARESMA, Maria Manuela Rupp; MORAES, Anamaria de. **A Aplicação de Dados Antropométricos em Projetos de Design: Como Projetar Corretamente Produtos Ergonômicos**. Rio de Janeiro, 2001. 274 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

QUARESMA, Manuela. **Antropometria aplicada**. In: BITENCOURT, Fábio. (org.) *Ergonomia e conforto humano*. Rio de Janeiro, Rio Book's, 2011.

ROSA, Lucas da. **Vestuário industrializado: uso da ergonomia nas fases de gerência de produto, criação, modelagem e prototipagem**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes e Design, 2011. Tese de Doutorado.

ROSA, Stefania. **Alfaiataria: modelagem plana masculina**. Brasília, SENAC-DF, 2008.

ROEBUCK, John Arthur. **Antropometric methods: designing to fit the human body**. Human Factors and Ergonomic Society, Santa Monica, 1993.

RUSSO, Beatriz e HEKKERT, Paul. **Sobre um produto: os princípios fundamentais**. In MONT'ALVÃO, Claudia e DAMAZIO, Vera. (org.) *Design ergonomia emoção*. Rio de Janeiro, Mauad X, FAPERJ, 2008.

RUSSO, Beatriz e MORAES, Anamaria de. **Usabilidade x agradabilidade de produtos**. In: MORAES, Anamaria de. (org.) *Ergodesign de produto: Agradabilidade, usabilidade, segurança e antropometria*. Rio de Janeiro, iUsEr, 2005.

SABRA, Flávio, org. **Modelagem**. São Paulo, Estação das Letras e Cores. 2009.

SALTZMAN, Andreia. **El cuerpo diseñado: sobre la forma em El proyecto de la vestimenta**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

SALTZMAN, Andreia. **O design vivo**. In: PIRES, Dorotéia Baduy. (org.) *Design de moda, olhares diversos*. Barueri, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora. 2008. 423p.

SANCHES. Maria Celeste de Fátima. **Projetando moda: diretrizes para a concepção de produtos**. In: PIRES, Dorotéia Baduy. (org.) *Design de moda, olhares diversos*. Barueri, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora. 2008. 423p.

SANTOS, F.A.N.V. e SALA, S. M.F. **Ergonomia e terceira idade: aspectos relevantes para o projeto de produtos para pessoas idosas**. In: ABERGO 2010 – ULAERGO 2010/ XVI Congresso Brasileiro de Ergonomia e III Congresso Latino Americano de Ergonomia. 2010

SANTOS, Robson Luís Gomes dos; MORAES, Anamaria de. **Usabilidade de interfaces para sistemas de recuperação de informação na web: estudo de caso de bibliotecas on-line de universidades federais brasileiras**. 2006, Tese (Doutorado em Artes), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVEIRA, Icléia. **Usabilidade do Vestuário: Fatores Técnicos/Funcionais**. Modapalavra e-periódico, v. 1, n. 01, 2016.

SILVEIRA, Michele Marinho da *et al.* **Envelhecimento Humano e as Alterações na Postura Corporal do Idoso**. Revista de Atenção à Saúde (antiga Rev. Bras. Ciên. Saúde), v. 8, n. 26, 2011.

SCORTEGAGNA, Paola A. e OLIVEIRA, Rita de Cássia da S. **Idoso: um novo ator social**. In: IX Anped Sul, Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012.

SORGE, Richard e UDALE, Jenny. **Fundamentos de design de moda**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

STAMATO, Claudia; QUARESMA, Manuela; MONT'ALVÃO, Claudia; MORAES, Anamaria. **Idosos, tecnologias comunicações e socializações**. Rio de Janeiro, 2014. 2v. 334p. Tese de doutorado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

STRADA, Nanni. **Relatos de uma designer de moda**. In: PIRES, Dorotéia Baduy. (org.) Design de moda, olhares diversos. Barueri, São Paulo, Estação das Letras e Cores Editora. 2008. 423p.

TIBO, Miriam Gondim Meira. **Alterações anatômicas e fisiológicas do idoso**. Revista medica Ana Costa, 2007. Disponível em: <[http://www.revistamedicaanacosta.com.br/12\(2\)/artigo_4.htm](http://www.revistamedicaanacosta.com.br/12(2)/artigo_4.htm)>. Acessado em 15 jan. 2016.

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas. **Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio**. Nova York: UNFPA, 2012. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/>>. Acessado em: 1 fev. 2012.

VANDER DER LINDEN. **Ergonomia e design: prazer e risco no uso dos produtos**. Porto Alegre, UniRitter Ed., 2007.

VIANNA, Claudia; QUARESMA, Manuela. **Ergonomia: conforto têxtil no vestuário do idoso**. p. 1662-1670 . In: Anais do 15º Ergodesign & Usihc [=Blucher Design Proceedings, vol. 2, num. 1]. São Paulo: Blucher, 2015. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/15ergodesign-231-E144

VIANNA, C.; QUARESMA, Manuela. **Ergonomic issues related to clothing and body changes of the new elderly women**. In: 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics, 2015, Las Vegas. Proceedings of 6th International Conference on Applied Human Factors and Ergonomics. Las Vegas: Elsevier Procdedia, 2015. p. 2917-2922.

VICTER, C, A, G., PEREIRA, Maria, ROCHA, Elisabeth, FISCHER, Monica. **Antropometria, o vestuário na terceira idade, um estudo de caso**. In: 4º Congresso Internacional de Pesquisa em Design. Rio de Janeiro, 2007.

WHO (Word Health Organization) **World Report on Ageing and Health**.2015. Disponível em <who.int> Acessado em: 05 nov. 2015.

Apêndice A – Termo de consentimento dos grupos focais



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

LEUI | Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de Interfaces da PUC-Rio

Título da Pesquisa da Dissertação: Questões ergonômicas da relação da nova idosa com vestuário – Dissertação de Mestrado

Nome do Pesquisador Responsável: Claudia Vianna

Nome do Professor Orientador: Prof^a. Dr^a. Manuela Quaresma

Nome dos Pesquisadores Assistentes/Bolsistas: Anette Costa, Juliana Nunes e Patrícia Carrion

Você está sendo convidado a ser um participante/voluntário desta pesquisa em um grupo de foco.

Objetivo

O objetivo deste grupo de foco é saber as opiniões das mulheres de 60 a 75 anos, residentes da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, em relação ao vestuário apresentado em diversos *slides*. Esperamos saber mais sobre suas opiniões em relação conforto, modelagem, usabilidade e segurança com o seu corpo, gosto e facilidade de encontrar estas peças no mercado, para, posteriormente, fazer recomendações aos designers de moda. Os pesquisadores pretendem também publicar a pesquisa em revistas acadêmicas e em anais de congressos acadêmicos.

Justificativa

Com o crescente envelhecimento da população, esta pesquisa, pretende gerar novos conhecimentos no que diz respeito ao vestuário das mulheres que representarão uma grande parcela de consumidoras no segmento de vestuário.

Procedimentos

Se você decidir fazer parte do grupo de foco vamos solicitar que você expresse sua opinião em relação às imagens apresentadas, onde estarão presentes mais três mulheres e dois pesquisadores.

Os pesquisadores conduzirão o grupo, onde serão apresentados 08 *slides* com imagens de roupas de diversos com segmentos. A duração da dinâmica será de aproximadamente uma hora

Riscos

Não há riscos previsíveis ou desconfortos na dinâmica do grupo de foco e os pesquisadores também não irão incentivar nenhuma atividade que possa levar a algum risco.

Benefícios

Você não irá se beneficiar de nenhuma forma por participar desta entrevista. No entanto, sua participação é muito importante para a compreensão da sua relação com o vestuário oferecido no mercado.

Compensação

Não há nenhuma remuneração por sua participação neste grupo, mas os participantes/voluntários irão receber como forma de agradecimento pela participação um brinde do LEUI | PUC-Rio.

Informações coletadas

A entrevista será gravada em áudio, vídeo e em fotografia e os entrevistadores irão anotar suas observações e comentários em um bloco de notas.

Sigilo

Para proteger o sigilo de sua identidade, seu nome não aparecerá em nenhuma publicação. Você receberá um pseudônimo (um nome falso) que será usado em vez de seu nome. Todo o material de áudio, vídeo e fotografias será tratado como confidencial e restrito para fins acadêmicos.

Autorização para uso de imagem e declarações

Ao assinar este termo, você autoriza o uso da sua imagem (sem o reconhecimento de sua face), suas declarações e sua voz para finalidades acadêmicas – artigos acadêmicos, aulas, *papers*, *sites*, apresentações em simpósios ou congressos científicos relacionados ao tema.

Custos para você

Os participantes da pesquisa não terão nenhum custo como resultado de seu consentimento para participarem do grupo de foco.

Direitos dos participantes

Sua participação neste grupo é voluntária. Você não tem nenhuma obrigação de participar.

Se você necessitar de uma pausa a qualquer momento durante a dinâmica, por favor, avise.

Você tem o direito de mudar de ideia e interromper sua participação a qualquer momento, sem apresentar motivos e sem qualquer penalização. Qualquer nova informação que possa fazê-lo (a) mudar de ideia sobre estar na pesquisa será fornecida a você. Você receberá uma cópia deste documento de consentimento.

Você não renuncia a qualquer de seus direitos legais ao assinar ou concordar com este termo de consentimento.

Perguntas

Você poderá intervir e questionar o pesquisador entrevistador sempre que achar necessário ou tiver alguma dúvida.

Se você tiver alguma dúvida sobre esta pesquisa, você também pode contatar a pesquisadora responsável Claudia Vianna (21) 999553803 ou pelo e-mail claudiammvianna@hotmail.com.

Seu nome (por extenso):

Assinatura do(s) pesquisador(es) assistente(s):

Anette Costa

Data: ____/____/____

Juliana Nunes

Assinatura:

Patrícia Carrion

Assinatura do pesquisador responsável:

Claudia Vianna

Apêndice B – Termo de consentimento das entrevistas semiestruturadas



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

LEUI | Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de Interfaces da PUC-Rio

Título da Pesquisa da Dissertação: Questões ergonômicas da relação da nova idosa com vestuário – Dissertação de Mestrado

Nome do Pesquisador Responsável: Claudia Vianna

Nome do Professor Orientador: Prof^a. Dr^a. Manuela Quaresma

Você está sendo convidado a ser um voluntário para responder a uma entrevista desta pesquisa.

Objetivo

O objetivo desta entrevista é compreender como os estilistas e designers de moda atuam no processo de desenvolvimento do produto vestuário em relação a modelagem, conforto, usabilidade, segurança e bem-estar dos usuários, e se em seu segmento é levado em consideração as mulheres com mais de 60 anos, para, posteriormente, fazer recomendações aos designers de moda. Os pesquisadores pretendem também publicar a pesquisa em revistas acadêmicas e em anais de congressos acadêmicos.

Justificativa

Com o crescente envelhecimento da população, esta pesquisa, pretende gerar novos conhecimentos no que diz respeito ao vestuário das mulheres que representarão uma grande parcela de consumidoras no segmento de vestuário.

Procedimentos

Caso decida participar da entrevista, vamos solicitar que você relate sua experiência na criação de produtos vestuário. A previsão de duração da entrevista é de 30 minutos podendo variar para mais ou para menos dependendo do detalhamento e da complexidade das respostas.

Riscos

Não há riscos previsíveis ou desconfortos na entrevista e o pesquisador também não irá incentivar nenhuma atividade que possa levar a algum risco.

Benefícios

Você não irá se beneficiar de nenhuma forma por participar desta entrevista. No entanto, sua participação é muito importante para a compreensão da sua relação com o vestuário oferecido no mercado.

Compensação

Não há nenhuma remuneração por sua participação nesta entrevista, mas os participantes/voluntários irão receber como forma de agradecimento pela participação um brinde do pesquisador.

Informações coletadas

A entrevista será gravada em áudio e o entrevistador irá anotar suas observações e comentários em um bloco de notas.

Sigilo

Para proteger o sigilo de sua identidade, seu nome não aparecerá em nenhuma publicação. Você receberá um pseudônimo (um nome falso) que será usado em vez de seu nome. Todo o material de áudio será tratado como confidencial e restrito para fins acadêmicos.

Autorização para uso de áudio e declarações

Ao assinar este termo, você autoriza o uso de suas declarações em artigos acadêmicos, aulas, *papers*, *sites*, apresentações em simpósios ou congressos científicos relacionados ao tema.

Direitos dos participantes

Sua participação nesta entrevista é voluntária, não há nenhuma obrigatoriedade em participar. Se você necessitar de uma pausa a qualquer momento durante a entrevista, por favor, avise.

Você tem o direito de mudar de ideia e interromper a entrevista a qualquer momento, sem apresentar motivos e sem qualquer penalização. Qualquer nova informação que possa fazê-lo (a) mudar de ideia sobre estar na pesquisa será fornecida a você. Você receberá uma cópia deste documento de consentimento.

Você não renuncia a qualquer de seus direitos legais ao assinar ou concordar com este termo de consentimento.

Perguntas

Você poderá intervir e questionar o pesquisador entrevistador sempre que achar necessário ou tiver alguma dúvida através do telefone (21) 999553803 ou pelo e-mail claudiammvianna@hotmail.com.

Seu nome (por extenso):

Assinatura do pesquisador responsável:

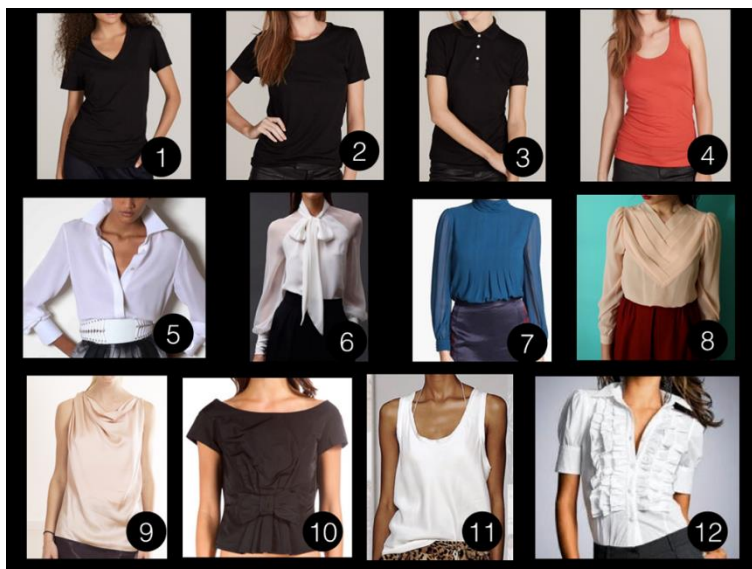
Claudia Vianna

Data: ____/____/____

Assinatura:

Apêndice C – Excertos dos grupos focais

1º Slide – Blusas e camisas



(1) *T-shirt* preta com decote em “V”; (2) *T-shirt* preta com decote em “U” ou redondo; (3) *T-shirt* preta com decote fechado; (4) Regata vermelha justa no corpo; (5) Camisa branca sem detalhes; (6) Camisa branca com gola de laço tipo gravata; (7) Blusa azul com mangas longas e gola rolê; (8) Blusa *nude* com mangas longas e decote com detalhes; (9) Blusa *nude* sem mangas; (10) Blusa preta com mangas curtas, decote canoa e laço na região do abdômen; (11) Regata branca solta no corpo; (12) Camisa branca com mangas curtas e detalhes drapeados.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

Participantes*: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Nº das peças	Comentários das participantes
1	Gostam por ser básica, mas uma participante destacou que “ <i>T-shirt</i> com decote ‘V’ é de ‘cocotinha’”.
2 e 3	Afirmaram gostar e possuir pelo menos uma em casa – “ <i>T-shirt</i> é básica”; “Tenho 10 ou 12 dessas camisetas básicas”.
4, 9 e 11	Afirmaram não gostar de blusas e camisas sem mangas – “Sem mangas não dá”.
5	Gostam muito de camisas sociais sem detalhes.
6	Consenso de que o modelo com laço tipo gravata é “roupa de velha”.
7 e 8	Acharam as peças conservadoras e “horríveis de feias”. Em

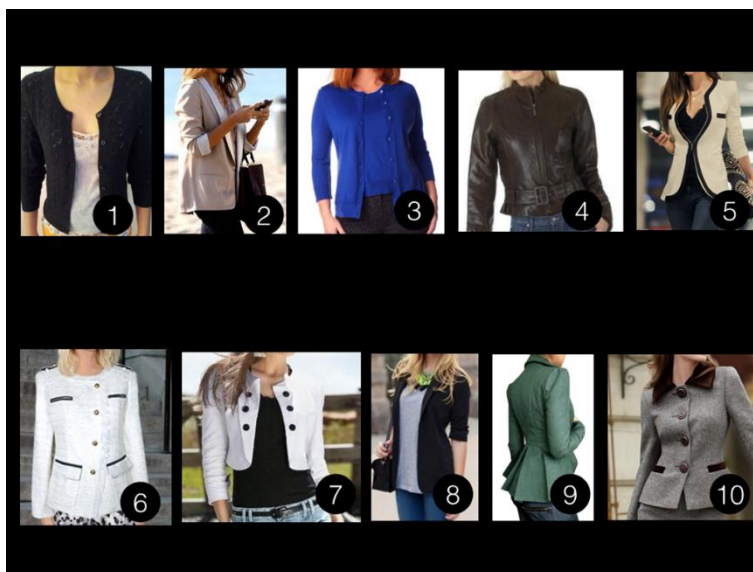
	relação à peça 7, relataram não gostar do excesso de detalhes, pois “engorda”. Uma participante achou que a blusa 8 é “delicada, mas não serve para as gordinhas”.
10	---
12	Não gostam de babados – “Não é para a gente”.
GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015	
Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1 e 2	“As <i>T-shirts</i> caem bem com tudo, são básicas”.
3	Acham esse modelo de gola muito fechado – “É muito abotoada, gosto de mais aberta”.
4	Declararam que a peça é “sem graça” e que não gostam de blusas “muito justinhas”.
5	Consenso de que o modelo é “lindo, clássico e alinhado”.
6	Não gostaram do laço.
7 e 8	“As duas parecem ‘roupa de mãe’, algo que a minha mãe teria, principalmente a 8” – Consenso de que a 8 parece de “velhinha”.
9	Duas das participantes gostaram e duas não. As que gostam de drapeado afirmaram que “tem que ser um tecido bem molinho para o drapeado ficar bom”.
10	“Nem pensar!” – Odiam as pregas e o laço na barriga.
11	Gostam de modelos mais soltos no corpo – “Não gosto de roupa muito justinha”. Todas as participantes declararam usar blusas sem mangas.
12	Acharam que a peça tem “babados demais, é muito jovial e cafoninha”.
GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015	
Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1, 2 e 3	Relataram não usar mais esses modelos, por causa da idade.
4, 9 e 11	Das 4 participantes, duas afirmaram não usar mais as peças por as acharem muito decotadas. Porém, usavam quando estavam “magras”. Uma acredita ter o “braço pelancudo”, mas

	ainda assim usa as blusas sem mangas. Outra afirmou nunca ter usado roupa sem mangas, mesmo quando mais jovem, pois “tinha um marido muito ciumento”.
5	Acham esse modelo de camisa “chique”. Algumas participantes não usam porque a peça tem que ser colocada para dentro da calça, o que evidencia a barriga – “Mas magrinha dá para pôr”.
6	Não gostaram do laço – “É de velha”.
7 e 8	---
9 e 10	Concordaram que as duas peças são lindas, mas que é 10 é muito curta – “Linda só para quem está com o corpo muito em cima...”. De acordo com as participantes, “gente mais velha não usa roupa muito curta”, e uma delas afirmou que “não usaria por causa do laço”, pois “a gente já tem barriga fica com mais barriga ainda”.
12	Acharam “uma graça... para gente magra”. Gostariam que a peça fosse mais comprida.
Uma das participantes disse que usaria todas as blusas. Em uma discussão geral, as demais mulheres relataram também não usar blusas de alças finas – “porque não dá para usar sutiã” – e nem no modelo tomara-que-caia, “porque já caiu”.	
GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015	
Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1 e 2	Afirmaram não usar mais esses modelos.
3	Concordaram que o decote dessa peça é “muito alto, o que esquentava muito”.
4 e 11	Relataram que usam blusas de alça (sem mangas) apenas quando estão com muito calor, mas que jamais usam peças com alças fininhas, “porque não dá para usar sutiã”.
5	Acharam a peça muito elegante e usam esse modelo com frequência.
6, 7 e 8	Consenso de que a gola lenço, da peça número 6 , remete à mãe – “Minha mãe adorava” –, e de que não usam nem gostam dos três modelos por serem muito fechados. Uma das

	participantes explicou não gostar de “nada fechado, com mangas, no calor do Rio de Janeiro”.
9 e 12	Disseram que drapeados e muitos detalhes aumentam o volume do busto.
10	Usariam, se o laço for “chapado, senão engorda”.

* Os nomes das participantes dos grupos de foco foram alterados a fim de preservar a identidade das mesmas.

2º Slide – Blazers e casacos



(1) Cardigã preto; (2) Blazer *oversized* bege; (3) *Twin-set* azul; (4) Jaqueta de couro preta; (5) Blazer *off-white* com detalhes em preto; (6) Casaco de *tweed* branco sem gola, modelo Chanel; (7) Casaco *spencer* (acima da cintura) branco; (8) Blazer preto; (9) Blazer verde com drapeado na altura do quadril; (10) Casaco de *tweed* cinza com gola polo e botões grandes pretos.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

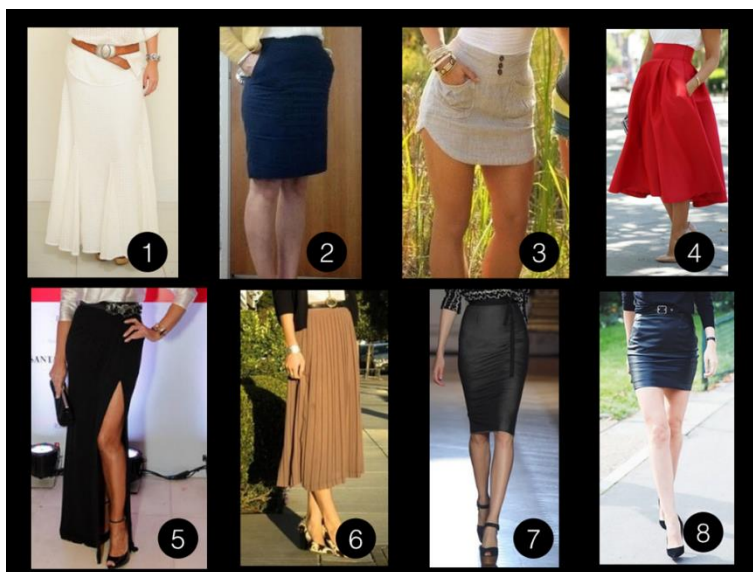
Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Nº das peças	Comentários das participantes
1 e 5	---
2 e 8	Consenso de que são “clássicos” e todas afirmaram gostar.
3	Gostam de <i>twin-sets</i> , com uma participante relatando usar sempre.
4	Disseram que o couro “prende, restringe os movimentos”, ainda mais com a pele “menos flexível por causa da idade”. Apenas uma afirmou usar peças desse material, mesmo concordando com os aspectos negativos.
6 e 10	Concordaram que o tecido <i>tweed</i> “envelhece”, mas gostam. O 6 foi considerado “casaco de idosa, do tipo Chanel”, além de ser muito fechado. Porém, todas disseram que no inverno fora do Brasil “jovens e idosos vestem as mesmas roupas”, e que esse “estilo senhorio é chique”, especialmente o da peça 10 – “Não uso aqui (Brasil), mas em outro país é mais comum”.
7	Não gostaram, pois o comprimento acima da cintura é muito “jovem”.

9	Não gostaram do detalhe com volume na região do quadril.
Ao falarem do comprimento das mangas, todas afirmaram gostar muito do três-quartos, e uma participante mencionou a importância de uma cava (região da axila) mais larga, para um conforto maior. Sobre os tecidos, disseram gostar de <i>tweed</i> , ainda que não usem com frequência, e de casacos de camurça.	
GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015	
Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1	Uma das participantes afirmou não gostar das mangas três-quartos, mas as outras discordaram. Todas acharam o modelo “muito curtinho, mais para jovem”, e que poderia ser “mais soltinho”.
2	Gostaram muito, disseram já ter usado bastante quando mais jovens, mas não usam mais.
3	Não gostaram do conjunto. “Me lembra quando eu era criança, de usar conjuntinhos de Ban-Lon, hoje uso só o casaquinho”.
4	Acham que jaqueta de couro é “moderna e bonita”, gostam muito, mas não usam mais, por causa da idade.
5	Não gostaram. “Não é o preferido, se fosse mais soltinho... É bonito, mas muito fechado”.
6	Não gostaram, pelo excesso de detalhes.
7	“Muito curto, não!”; “Eu sei quantos anos eu tenho!”. Acharam que parece um bolero e que é feio.
8	Gostaram, porque é “básico”.
9	Acharam que é uma modelo “mais para sair” e que “parece coisa de época antiga”. Também não gostaram muito devido ao volume no quadril – “Se tiver a bunda muito grande...”.
10	Concordaram ser muito “chique, alinhado e clássico”, mas “para outro momento de vida”. “Não gosto nem desgosto, mas manguinha fofa não é para a nossa idade”.
GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015	
Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.	
Nº das peças	Comentários das participantes

1 e 2	Adoram casaquinhos (1) e blazers mais soltinhos (2), ambos com mangas três-quartos.
3	Afirmaram adorar <i>twin-sets</i> , acham legal. “Tenho toneladas”.
4	Uma disse que se o modelo fosse mais comprido ela usaria, e todas concordaram que casaco de couro não cai bem em mulheres acima do peso – “Para gente gorda fica horrível”.
5, 7 e 8	---
6	Concordaram que a peça é linda, mas não gostam do modelo muito fechado.
9	Não gostaram, pois acharam muito cintado. “Não dá para a gente”.
10	Gostaram, por ser uma peça “clássica”.
GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015	
Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1, 4, 5 e 6	---
2	Afirmaram gostar da peça, por ser “despojada”.
3	Concordaram que as mangas três-quartos “são ideais, e o modelos não esquentam muito”.
7	Relataram gostar do modelo <i>spencer</i> – casaco curto, acima da cintura – “Lindo”.
8	Consenso de que é um modelo clássico, “ok”.
9	Não usariam, por causa da ênfase ao quadril, pois “dá volume e não favorece o corpo”. Consenso de que a peça é “muito perua”.
10	Gostaram da peça, com uma das participantes explicando que “lã tem que ser colocada por cima de outra roupa, ao menos se for totalmente forrada”.

3º Slide – Saias



(1) Saia branca longa e solta no corpo; (2) Saia azul marinho média e justa no corpo; (3) Saia *off-white* curta com fenda nas laterais; (4) Saia godê vermelha; (5) Saia preta longa e justa no corpo com fenda na lateral; (6) Saia *midi* plissada marrom; (7) Saia lápis preta; (8) Mini saia preta.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Nº das peças	Comentários das participantes
1	Das 4 participantes, 3 gostam e usam o comprimento longo. A outra explicou: “Sou baixinha, não posso usar (saia) comprida”.
2, 3 e 8	Sobre a 3 e a 8 , consenso de que não usam mais saias curtas – “Não posso usar de jeito nenhum”; “Já passei da idade” –, e na altura do joelho, como a saia 2 , “só com meia, por causa das varizes”. Uma participante afirmou não gostar dos bolsos da 2 e da 3 .
4	Uma disse ter mandado fazer uma do mesmo modelo na costureira. As demais disseram que “para as magrinhas pode, mas uma pessoa um pouco mais gorda não dá”, e que o modelo é dos “anos dourados”.
5 e 7	Sobre a 5 , concordaram que só usam saias com fendas se a abertura for menor, até a altura do joelho. Relataram não usar mais saias tão justas quanto a 7 . “Não estou podendo saia com fenda (5) nem lápis (7)”; “Hoje em dia não tenho mais coragem”.

6	Concordaram que é uma peça “muito clássica”, mas que “não serve para as gordinhas”. Explicaram que os vincos desse plissado são muito pequenos, “o que não favorece, a não ser que as pregas fossem presas a partir no final do quadril”. Uma complementou que a peça poderia ter “pregas pequenas em cima e grandes embaixo, para afinar o quadril”.
GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015	
Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1	Acharam bonita, mas não usam mais. Uma participante explicou que, por ser baixa, não usa saia longa.
2	Uma afirmou usar tranquilamente, mas as demais afirmaram que não usam mais com a blusa para dentro – “Me sinto barriguda”. Todas gostaram do comprimento.
3	Não gostaram, acharam muito curta. “É para menina nova”.
4	“Tem que estar com corpinho no lugar para usar”; “Já tive corpo para isso, hoje não”; “Tem que estar ‘chapada’ (em forma) para usar”.
5	Acharam linda, mas só usariam com uma fenda menor. “Para usar assim não tenho mais idade”.
6	Gostaram, mas o consenso foi de que “tem que estar magrinha”, “ser magra e alta para usar”.
7	Acharam linda, mas, como explicou uma participante, “tem que estar uma sereia para usar”. Uma disse que “tem que ser magra e alta” e outra disse que usa nos dias em que se sente mais magra. “Tem dia que me sinto mais magra, outros mais barriguda, a barriga incha”.
8	Acharam um charme, mas não para elas. “Muito curta”.
GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015	
Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1, 2, 3 e 8	---
4	Acharam linda.
5	Não gostaram, especialmente pela fenda. “Já passei da idade,

	acho que meus filhos não iriam me deixar ficar com essa fenda”.
6	Acharam linda, mas só para quem é magra. Também não gostaram do comprimento. “Acho lindo saia plissada, já usei muito, mas não mais”; “Saia <i>midi</i> , só se eu fosse muito alta”.
7	Acharam o tipo lápis lindo, mas não usariam, por ser muito justo.
Apenas uma das participantes afirmou adorar saias, “menos a mini saia”. Outra afirmou que os modelos muito largos “ficam parecendo um saco amarrado” e uma terceira disse que “gente gorda de saia não dá”.	
GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015	
Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1 e 6	Não usariam as peças, pois saias, “só acima do joelho”.
2	Não usariam, apenas por causa dos bolsos.
3	Afirmaram gostar do modelo, já usaram quando mais jovens, mas hoje “só se a saia fosse mais comprida”.
4	Afirmaram já terem usado – “Só usei com 15 anos” – e uma participante comentou que o modelo “arma na região da barriga”.
5	Concordaram que usam peças com fenda, mas apenas se esta for menor.
7	Consenso que de usam esse modelo.
8	Não usaria esse modelo muito curto, e uma relatou de que a saia “parece de professora”.

4º Slide – Vestidos



(1) Vestido *chemise* preto com laço na cintura; (2) Vestido azul marinho curto e solto no corpo; (3) Vestido *wrap* (envelope) laranja com mangas curtas; (4) Vestido longo azul com alças finas; (5) Vestido *midi* preto com mangas curtas e solto no corpo; (6) Vestido médio lilás com *peplum* na altura do quadril e junto no corpo; (7) Vestido médio cinza com alças finas e justo no corpo; (8) Vestido trapézio sobreposição branco no preto com mangas três-quartos; (9) Vestido *chemise* bege; (10) Vestido tipo regata longo cinza com laço na cintura.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Nº das peças	Comentários das participantes
1 e 9	Afirmaram gostar, por serem “clássicos”. Uma explicou que a vantagem dos botões é que eles permitem “colocar o decote como quiser, aí não aperta no pescoço”.
2	Não gostaram, não usam mais vestido curto, “só se fosse mais comprido”. Uma participante mencionou, e as demais concordaram, que as mangas de renda são bonitas, mas que não gosta do decote redondo, porque “a gola dá uma sensação de sufocamento”.
3	Acharam o modelo transpassado interessante e gostaram das mangas curtas.
4 e 7	Não usariam o 4 “de maneira nenhuma”, por ser “decotado e de alcinha”. Além disso, disseram não gostar do comprimento longo para as baixinhas e que “vestidos com alcinha não dá para vestir com sutiã”.

5 e 7	Não gostam dos extremos: nem dos vestidos muito largos (5), porque “engordam”, nem dos muito colados no corpo (7), porque “marca muito”.
6	Não gostaram: muito justo, cintura marcada e com alças. Açam que o vestido muito cintado marca muito o corpo e as alças deixam os braços de fora e não permitem o uso de sutiã. Uma participante estranho o modelo, que parece de “um ombro só”.
8	Gostaram muito, principalmente pelas mangas três-quartos e pelo comprimento abaixo do joelho.
10	Uma odiou e disse que “vestido longo de malha tipo ‘camisetão’, que vai até o chão, fico me sentindo uma ‘monstrenga’”.
Todas concordaram que é mais fácil comprar vestido do que qualquer outra peça de roupa, e quando experimentam roupas que não cabem se sentem muito mal.	
GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015	
Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1 e 9	Afirmaram gostar, por ser confortável, disfarçar a barriga, os braços – por causa das mangas. “Disfarça tudo e pode ser usado em diversas ocasiões”.
2	Acharam que é “para menininha”. Uma disse que usaria, “se fosse um pouco mais comprido”.
3	Uma explicou que usaria, por “estar na moda”. Outra disse não gostar das mangas. As demais mencionaram que o modelo não é prático, porque “fica abrindo o decote”. “Tem que colocar alfinete, e já aconteceu de ter que costurar para cobrir o decote”.
4 e 10	Três das participantes concordaram que o comprimento longo não agrada muito. A outra disse até gostar, por achar confortável, mas achou o 10 muito jovial. Sobre o comprimento, relatou só ter “um ou dois vestidos mais curtos”, os outros são compridos. “Não uso mais vestido

	curto”.
5	Apenas uma achou lindo, pois adora “vestido largo”. As demais disseram justamente o contrário, pois não gostaram do volume e acharam que o comprimento muito longo “envelheceu”.
6	Duas acharam o comprimento e o modelo bons e gostaram dos ombros diferentes. As outras acharam a silhueta muito marcante, e “não dá para usar duas vezes”.
7	Acharam que marca muito o corpo e só usariam com uma jaqueta por cima.
8	Concordaram que parece um jaleco, “meio sem graça”, e que parece “um vestido em cima do outro”.

As participantes relataram que usam mais calça do que vestido, mas concordaram que comprar vestido para o dia-a-dia é até fácil, e que “para festa é mais complicado”. Uma contou: “Usei um vestido de seda com cinta, mas me senti mal e tirei na festa. Estava muito preocupada com a cinta aparecer”.

GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015

Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.

Nº das peças	Comentários das participantes
1 e 9	Definiram o modelo com “tranquilo”, gostam do comprimento no joelho e de mangas três-quartos (9).
2	Não gostaram por ser muito curto. Uma disse que usaria apenas com uma calça <i>legging</i> por baixo.
3 e 10	---
4 e 7	Não gostam de usar peças sem mangas – “Alcinhas não!” –, além de terem achado o 7 muito justo.
5	Acharam muito comprido, mas usariam se fosse na altura do joelho.
6	Consenso de que é uma peça bonita, mas não gostaram dos ombros assimétricos.
8	Não gostaram da sobreposição.

GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015

Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.

Nº das peças	Comentários das participantes
--------------	-------------------------------

1 e 9	Afirmaram gostar do modelo <i>chemise</i> , pois é “tranquilo, mais soltinho”.
2 e 3	Usariam ambas as peças.
4 e 10	Não usariam, pelo “franzido na região do quadril”.
5	Concordaram que o modelo é “muito largo e volumoso”.
6	Acharam a peça muito bonita, mas não gostam de detalhes na região da cintura e do quadril – “É lindo, mas têm muitos recortes”; “Não gosto, pois aumenta o quadril”; “Não gosto de recorte na cintura”.
7	“Só com jaqueta!” – Das 4 participantes, 3 afirmaram só usar vestido com alças finas com um casaco por cima.
8	Gostaram da sobreposição branco no preto e pelo fato de ser “sequinho”.

5º Slide – Calças



(1) Calça de alfaiataria cinza-escuro com perna estreita e cintura alta; (2) *Legging* preta; (3) Calça *skinny* vermelha com cintura baixa; (4) Calça *jeans boyfriend*; (5) Calça *fuseau* (presa por alça por baixo do pé) preta; (6) Calça social preta com cintura alta; (7) Calça *flare* cinza; (8) Calça *cropped* amarela larga, tipo pescador; (9) Calça *jeans* com rasgos e boca larga; (10) Calça de alfaiataria bege com perna reta.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Nº das peças	Comentários das participantes
1	Não gostam muito de cintura alta com a perna muito estreita.
2	Só uma das participantes afirmou usar <i>legging</i> para sair, as demais só usam para caminhar e praticar exercícios.
3	Não gostam de calças muito justas nem com a cintura baixa. “Não gosto de cintura baixa, brim, e calça muito justa e apertada”.
4, 7 e 10	---
5	Usariam esse modelo <i>fuseau</i> apenas com uma blusa comprida por cima.
6	Duas disseram gostar desse modelo de cintura alta e perna reta – “Gosto das calças de malha, retas”.
8	Uma das participantes elegeu a peça com a favorita, pois adora “calça larga e curta, com estilo, porque alonga”. Todas concordaram que calça curta é boa “para as baixinhas”.
9	Só uma disse gostar de <i>jeans</i> rasgado, as demais reclamaram e não gostam de “calça com buracos” nem de <i>jeans</i> desbotado.

O uso de calças foi um assunto polêmico, com as participantes afirmando não gostarem muito e preferirem vestidos: “Fecho *éclair* (zíper) não fecha no quadril, que está mais largo com a idade”. Das 4 participantes, 3 preferem os modelos mais tradicionais, e uma disse gostar de “calças estampadas da Zara”. Todas relataram dificuldades em comprar calças, pois elas “apertam no cóis”. Elas discutiram muito sobre *jeans*, de como gostam dos com a textura diferente, “mais suave”, mas com uma afirmando não usar o material – “Uso apenas calças de malha e com elástico, porque dá para ficar mais tempo”. Outra deu a dica de comprar calças *jeans* no exterior, pois têm as com elástico atrás, sem zíper, e elas custam barato e sempre dá para encontrar os mesmos modelos”. No geral, as mulheres afirmaram não gostar de *leggings*, cintura baixa e *jeans* manchado.

GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015

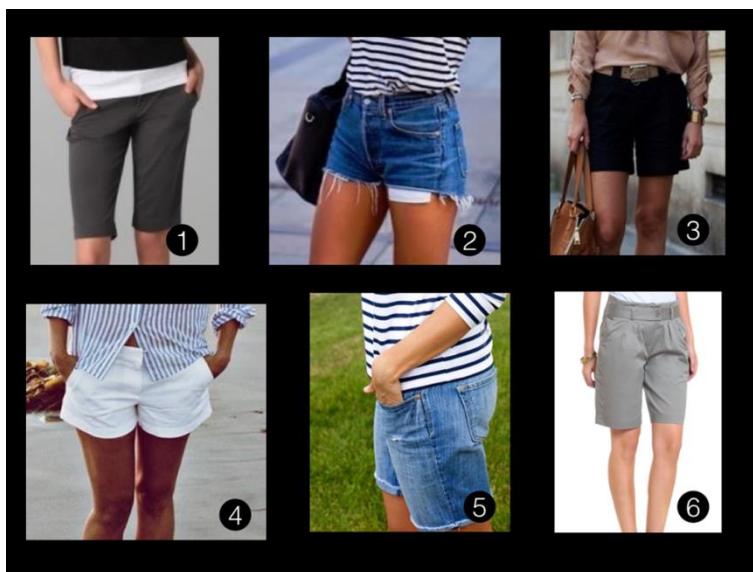
Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.

Nº das peças	Comentários das participantes
1	Não gostaram – “Não é para nós”; “Não tenho mais corpo para isso, nem cintura fina”.
2, 5 e 6	Consenso de que todas gostam e usam tais modelos e a cor preta.
3	Acharam que parece desconfortável, por que é “tudo apertado, ainda mais com o cinto”. Apenas uma disse não se incomodar com a cintura baixa. Mas todas disseram amar elastano – “É palavra mágica!”.
4	Não gostaram, usariam o <i>jeans</i> se a modelagem fosse mais justa.
7	Concordaram que a boca larga não fica bem nas mulheres mais baixas, porque dá a impressão de diminuir a estatura.
8	Odiaram, porque “não ajuda a valorizar o corpo de ninguém” e “não é elegante”.
9	Consenso de que se <i>jeans</i> tiver elastano é melhor, e duas afirmaram usar a calça com rasgos.
10	Acharam bem clássica, mas inexpressiva – “Só se estiver na frente do juiz!”.

GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015

Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1, 3-6	---
2	Consenso de que odeiam calças com cós baixo: “Não tolero calça tão embaixo, para mim tem que ser na cintura”; “Acho ridículo pessoa velha com calça lá embaixo”; “Eu não me sentiria bem usando”. Em certo momento da sessão uma participante disse que “a Fulana (mulher não presente no grupo de foco) é só pele e osso, e sua idade já passou para usar essas roupas”, ao ponto que outra rebateu: “Você está com inveja”. As demais comentaram que “as calças até mesmo nos jovens estão todas de cintura alta”.
7	Concordaram que é linda – “Achei bonita demais”.
8	Uma disse gostar e ter calça assim “toda larguinha de pescador”. Outra disse que não usa, porque fica “quadrada”. E uma última comentou: “não uso, tenho um bumbum deste tamanho (grande), a perna grossa, fica ridículo”.
9	Afirmaram usar calça <i>jeans</i> , mas concordaram que os preços são absurdos – “Não entro na loja nem para experimentar, prefiro comprar fora (no exterior)”. Sobre os rasgos na calça, uma disse usar calça rasgada, mas não comprada assim – “Vai rasgando com o uso mesmo”.
Em uma discussão geral, algumas participantes disseram não gostar de usar calça com elástico e preferirem zíper, “porque o elástico vai ‘engordar’ mais ainda”.	
GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015	
Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.	
Comentários das participantes	
As participantes não se focaram em comentar cada peça. Em geral, disseram não gostar de cós muito baixo e preferirem uma modelagem bem ajustada no corpo, mas não muito justa. Foram específicas ao declararem não gostar de bolso boca (a exemplo da peça 1), porque dá volume no quadril, e usar calças <i>leggings</i> apenas com camisas mais longas por cima. Disseram também que as calças tradicionais com boca larga atrapalham no uso de banheiro público.	

6º Slide – Bermudas e shorts



(1) Bermuda cinza na altura dos joelhos; (2) *Short jeans* curto; (3) Bermuda preta solta no corpo e na altura das coxas; (4) *Short* branco curto; (5) Bermuda *jeans* acima dos joelhos; (6) Bermuda social acima dos joelhos.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Comentários das participantes

Dos *shorts*, as participantes explicaram usar os mais curtos apenas na praia, e uma disse usar as peças de malha apenas para caminhadas. Outra discordou e explicou que o tecido é bom para ficar mais à vontade, sentada no cinema ou no avião, pois o *jeans*, por exemplo, não cede e acaba prendendo o corpo ao sentar. Das 4 mulheres, 3 disseram nunca usar *shorts jeans* rasgados, desfiados nem com os bolsos para fora (2). Quanto às bermudas, o comprimento preferido é o no meio da das coxas, acima dos joelhos (3 e 5).

GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015

Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.

Comentários das participantes

Todas disseram não usar muito bermudas, “só para fazer exercícios”, e preferir os modelos com comprimento mais longo.

GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015

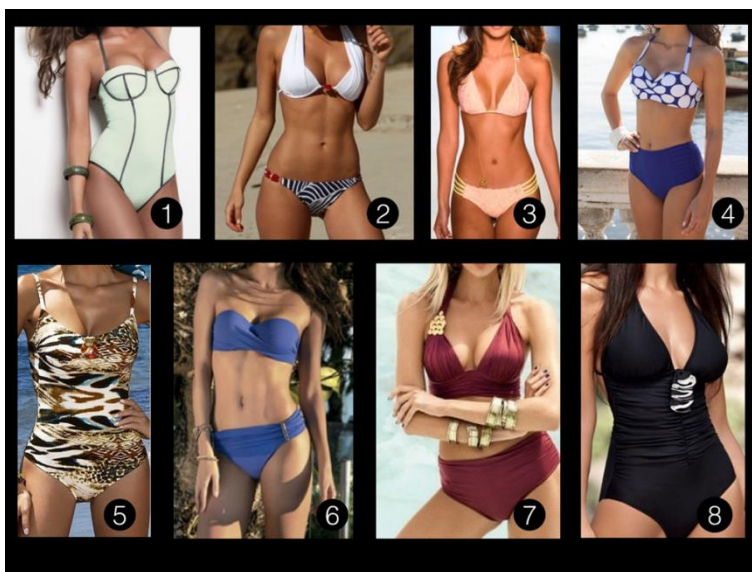
Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.

Comentários das participantes

Todas disseram usar bermudas, mas apenas uma usa *short* – “Tenho que usar enquanto ainda posso”. A preferência foi a pelo modelo 5, por não ser “nem

muito curta nem muito comprida”, mas com uma participante explicando usar “bermuda só na altura do joelho”. Outra disse gostar das peças, porém ter dificuldades em encontrar roupas para ela própria, por estar acima do peso.
GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015
Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.
Comentários das participantes
Apenas uma só usa bermudas – as demais também usam <i>shorts</i> – porque acredita que tem “as coxas prejudicadas com a idade”.

7º Slide – Maiôs e biquínis



(1) Maiô tomara-que-caia com alças removíveis e bojo; (2) Biquíni com sutiã de alças largas presas no pescoço e calça baixa e estreita na lateral; (3) Biquíni com sutiã tipo cortininha amarrado no pescoço e calça baixa com lateral mais larga; (4) Duas peças com sutiã com bojo e alças presas no pescoço e calça *hot pants*; (5) Maiô com alças finas; (6) Biquíni tomara-que-caia com calça mais alta e drapeada na lateral; (7) Duas peças com sutiã amarrado no pescoço com estrutura abaixo do busto e calça alta; (8) Maiô com alças amarradas no pescoço e com drapeado abaixo do busto até o abdômen.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Nº das peças

Comentários das participantes

O grupo concordou só usar sutiã sem prender as alças no pescoço, porque “dá uma agonia na cervical”, e que sutiã tomara-que-caia “não dá para a idade”. Disseram também que o maiô inteiro é mais elegante. Quanto aos biquínis, preferem as calças maiores e as com a cintura logo abaixo do umbigo. Das participantes apenas uma disse usar só maiô – tendo o 5 como ideal, porque “disfarça os rolinhos do corpo” –, as demais preferem biquíni.

GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015

Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.

Comentários das participantes

Apenas uma disse ainda usar biquínis com frequência, e gostar de modelos pequenos. As demais preferem maiô, mas têm dificuldades de achar um bonito. Todas concordaram gostar da cor preta, porque “esconde tudo (as imperfeições do corpo)”. Disseram ainda que o drapeado na região do quadril ajuda a disfarçar o volume, e que gostam da opção de tirar as alças de uma peça

tomara-que-caia – “Não gosto de nada que amarre no pescoço, porque dá dor de cabeça e incomoda a cervical”.

GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015

Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.

Comentários das participantes

Uma das mulheres relatou nunca ter usado maiô e gostar apenas de biquínis pequenos, “de tirinhas”. Outras duas só usam maiô e uma não usa roupa de praia. Das que usam maiôs, a preferência é pelas cores lisas, principalmente o preto – “Gosto de preto e decotado, eu usaria esse (8), é lindo!” –, e quanto às alças, as duas participantes explicaram que “alça no pescoço não dá”. “Fico com muita dor no pescoço, prefiro alça tipo a de sutiã normal”.

GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015

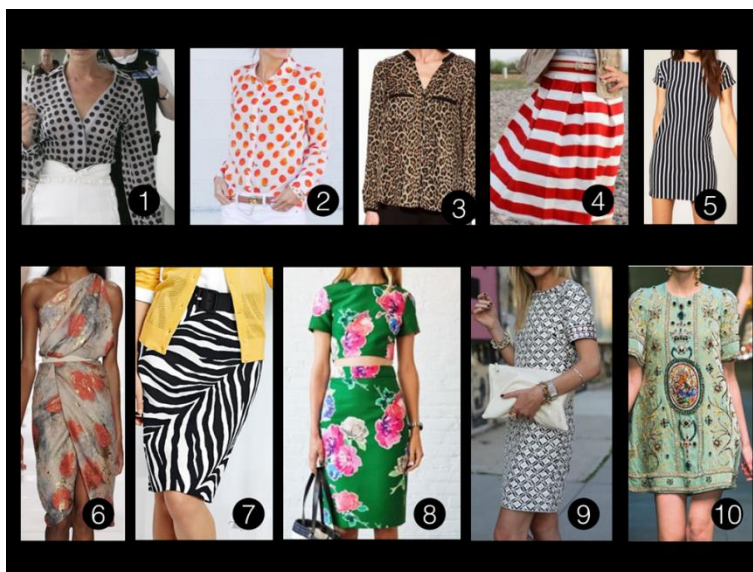
Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.

Nº das peças

Comentários das participantes

Foi a unânime a opinião de que as alças amarradas no pescoço machucam e são ruins de usar, tanto nos biquínis quanto nos maiôs. Sobre o tamanho da calça dos biquínis, todas disseram preferir as que são mais largas na lateral. Quanto às cores e estampas nas peças, as de cor lisa foram as favoritas. As participantes explicaram também que a desvantagem da modelagem muito fechada dos maiôs é que a marca de sol na pele fica muito grande.

8º Slide – Estampas



(1) *Pois*; (2) Frutas; (3) Onça; (4) Listras horizontais; (5) Listras verticais; (6) Abstratas; (7) Zebra; (8) Floral; (9) Brocado; (10) Bordado.

GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015

Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.

Comentários das participantes

As preferências do grupo foram pelas listras verticais (5), *pois* (1) e frutas (2). Apenas uma das participantes disse usar estampa de animal (3 e 7), e, no geral, nenhuma delas gosta de estampas muito grandes. Todas afirmaram gostar do brocado (9) e do bordado (10). Uma mulher disse gostar muito de usar roupas estampadas e outra disse se guiar mais pelas cores na hora de escolher as estampas.

GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015

Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.

Nº das peças	Comentários das participantes
1	Adoram estampa de <i>pois</i> , desde que nas combinações de preto no branco ou azul-marinho no branco.
2	Não gostaram da estampa de frutas, por ser muito “bobinha”.
3 e 7	Detestam estampas de animal, a não ser em um detalhe da roupa ou do acessório. Concordaram que a estampa de zebra é mais discreta do que a de onça.
4 e 5	Afirmaram gostar apenas de listras verticais, porque “alongam”.
6 e 8	Gostaram das estampas com motivos florais. Sobre o tamanho

	dos motivos, uma participante explicou que “estampa não faz diferença se é grande ou pequena, desde que a pessoa goste do desenho”.
9 e 10	Acharam bonitos e usariam.
GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015	
Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.	
Nº das peças	Comentários das participantes
1	Uma participante disse não gostar muito, mas as demais concordaram que <i>pois</i> “é chique, quando não muito grande” – “Acho lindo”.
2 e 6	---
3 e 7	Duas disseram já ter gostado e usado muito, mas no momento não mais – “Já usei, agora estou segurando, hoje em dia não gosto tanto”; “Eu tô com muita onça (estampa) lá em casa, e muita zebra também, mas tenho que dar um tempo de usar. Mas adoro”. As outras duas não gostam de estampas de animais.
4	Consenso de que listras horizontais “engordam”.
5	Consenso de que listras verticais “emagrecem”.
8	“Nem pensar! Não usaria”.
9 e 10	Acharam “umas graças”.
GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015	
Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.	
Comentários das participantes	
Todas concordaram que: as estampas de animal só ficam legais em detalhes e acessórios, e que nas roupas “é coisa de perua”; e que as listras horizontais dão a impressão de engordar, enquanto as verticais alongam a silhueta.	

Comentários gerais	
GRUPO DE FOCO 1 – Realizado em 28 de julho de 2015	
Participantes: Beatriz, 72; Maria, 66; Noélia, 70; e Sônia, 65.	
A preferência do grupo é por tecidos como linho (“Amo, mas quem passa?”; “Mas só em blazer”), malha (pela praticidade, “não precisa passar e seca rápido”), algodão, seda e viscose. Todas afirmaram não gostar de poliéster e que tecidos não devem ter transparência, “para não mostrar as gordurinhas”. Consenso de que o <i>jeans</i> é prático. Sobre aspectos das roupas, mencionaram que zíper não é prático (“Nem em vestido”; “Difícil de alcançar para fechar atrás”) e preferem calças com elástico. Gostam de mangas curtas. Sobre as mudanças no corpo com a idade falaram do excesso de calor, do fato que não poderem ficar magras demais – por motivos estéticos – e que o “tórax aumenta, aí precisa de extensor para o sutiã”. Muitas relataram comprar roupas no exterior, mas quando compram no Brasil gostam das lojas/marcas <i>Hope</i> (para roupas íntimas), <i>C&A</i>, <i>Target</i>, <i>Rouge Blanc Blue</i>, <i>Drops de Anis</i>, entre outras. Em desabafo, uma participante disse que o “o Brasil ainda precisa caminhar para o pensamento que as pessoas envelhecem e fazer uma modificação em termos de modelagem e estilo”. Outra complementou: “Às vezes entro em lojas... aí a gente olha, olha, olha e depois nada cabe”.	
GRUPO DE FOCO 2 – Realizado em 22 de agosto de 2015	
Participantes: Solange, 61; Ana, 69; Eliza, 61; e Márcia, 65.	
Os tecidos favoritos do grupo são o elastano, por ser confortável e não amassar, malha e algodão. As participantes reclamaram do linho, porque amassa muito, mas uma delas disse gostar do tecido mesmo assim. Sobre o poliéster, o consenso é de que, ainda que não seja o tecido preferido, ele tem a vantagem de só precisar lavar, “depois é só pendurar no cabide e está pronto para usar”. Em relação às mudanças no corpo na terceira idade, as mulheres disseram que a “barriga sempre estufa em algum momento do dia”, e que viraram “uma ‘quadrada’, sem cintura e com barriga”. Uma disse não sentir muito a diferença no corpo com a idade, porém piorou “de uns dois anos, principalmente no abdômen”. Outras reclamações foram referentes à textura da pele e à flacidez, especialmente nas pernas.	
GRUPO DE FOCO 3 – Realizado em 10 de outubro de 2015	
Participantes: Bruna, 57; Denise, 70; Francisca, 74; e Rosa, 80.	

Enquanto uma disse não ter problemas para encontrar roupas, outra afirmou não conseguir comprar, por estar acima do peso. Uma disse ser muito “chata” para roupas, por ter gostos muito específicos e querer sempre as peças mais baratas – “Sou chata, não gosto de roupa muito espalhafatosa, gosto sempre de preto à noite, gosto muito de macacão, adoro e uso muita calça preta e blusinha, e tudo roupa barata”.

Quanto às preferências de tecidos, a maioria elegeu as malhas finas e seda, pelo bom caimento, assim como os crepes de seda e de algodão, que “têm um caimento maravilhoso”. As participantes disseram que algodão puro é difícil de achar, e tem a desvantagem de amassar muito. Uma mulher disse ser alérgica à lã.

Sobre as mudanças do corpo com o envelhecimento, todas falaram que o quadril fica um pouco mais largo. Entre outros comentários, têm-se:

- “Eu acabei comigo. Fui bem maravilhosamente bem até os 60 e poucos e depois danou-se, larguei de mão, o peito dobrou, em 11 meses ganhei 10 kg (devido à depressão, mas agora ela está medicada). Ninguém é feliz em ser gordo, e o pior é que o remédio incha”;
- “Até os 47, tenho quatro filhos, tinha um corpo de dar inveja a muita garota. Eu fazia 3 horas de ginástica por dia de segunda a sábado. Aí tive hérnia de disco na cervical e o médico mandou tomar cortisona. Engordei 40 kg e depois disso peguei uma tuberculose, depois coração e aí vai. Hoje estou bem de saúde, isso é o mais importante”;
- “Eu acho que meu corpo agora está melhor do que antes. Me sinto melhor do que anos atrás. Não tenho gordura, as pernas não têm mais celulite. A cintura está mais fina... e eu não estou fazendo nada. Minha pele melhorou muito, está lisa, não está áspera. Mas também uso creme direto depois do banho para celulite” – Outra participante disse que não ter celulite na perna nessa idade (entre 60 e 75 anos) significa que a mulher está fazendo plástica escondido;
- “Depois de uma certa idade a gente não repara mais na celulite. O abdômen aumenta. Até os quarenta anos eu chamava a atenção de todo mundo”.

Sobre as lojas em que as mulheres do grupo costumam comprar foram mencionadas: *Françoise*, *Madame MS*, a *Heckel Verri*, *Whish* e *American Brim*

(para tamanhos grandes).

GRUPO DE FOCO 4 – Realizado em 11 de dezembro de 2015

Participantes: Heloisa, 60; Rosângela, 62; Ângela, 67; Teresa, 70.

As participantes revelaram a preferência por tecidos mais finos. Gostam de viscose, de linho (“É fresco, mas amassa”; “Tem que ser de boa qualidade, senão espeta”) e de malha. Não gostam de poliéster (“Fico suando muito e tem medo de pegar fogo!”). Quanto às cores, gostam das claras para as peças de cima (blusas, camisas etc.) e das escuras para as de baixo (calças, saias etc.). Concordaram que a cor bege envelhece. Sobre as mudanças do corpo, as mulheres enfatizaram que “depois da menopausa tudo muda”, “a barriga, a pele molinha, sequinha”, “estou igual a minha avó”. Em relação às lojas e marcas favoritas mencionaram a Renner, a Sintonia e a *Poupée*.

Apêndice D – Excertos das entrevistas semiestruturadas

ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA MARCA 1

Realizada em 31 de julho de 2015

Marca: Mara Mac

Entrevistado: Estilista da marca

Respostas:

- **Perfil do consumidor da marca**

- Mulheres a partir dos 30 anos até os 70, 80 anos – “A mulher de 30 entra na loja com a mãe, mas quem compra mesmo é a de 70”.

- **Tipos de roupas e tecidos oferecidas pela marca**

- A mesma coleção para mulheres de 30 a 70 anos – “O que deixa a pessoa mais jovem é o modo que ela usa a peça”;
- Matéria prima – “Prezamos pela melhor qualidade, por tecidos mais nobres: seda, algodão, linho, lã”;
- Uso de rendas para vestidos de festa;
- Malha com composição melhor, só importada – “Para manter a loja, temos que ter também uma malha um pouco mais barata para a mulher mais jovem, ou para dar de presente”.

- **Tabelas de medidas e grades de tamanhos da marca**

- Tabela universal de 4 em 4 centímetros.

- **Tipos de roupas e tecidos procurados pelas idosas**

- As clientes idosas buscam roupas diferenciadas, porém atemporais – “Nada de modinha”;
- “Uma senhora de 70 e a mãe de 90 querem roupas para um casamento: um *tailleur*, um terninho, elas não querem se vestir como uma senhorinha”;
- Quanto mais idade, maior o nível de exigência – “As mulheres mais velhas prezam pelo material, entram na loja pela qualidade”;

- Não gostam de tecidos sintéticos;
 - Buscam por seda pura (100%) para roupas de festa;
 - Buscam linho “de antigamente” – “Agora só importado, mas fica muito caro”;
 - Querem tecidos “inteligentes”, de toque agradável e de fácil lavagem e secagem.
-
- **Modelagem e ajustes necessários nas roupas**
 - “As clientes gostam de mexer na roupa de festa, querem botar uma manga, por exemplo. Mas não é assim tão simples, porque mexe na modelagem inteira”;
 - “Para uma mulher magra, mas com barriga saliente a sugestão é comprar um número maior e mandar ajustar”.
-
- **Usabilidade, conforto e segurança das roupas**
 - Usabilidade – “Essa questão não é muito fácil, tem que ter muita criatividade [...] quando as peças possuem coisas diferentes, e quando é complicado de entender a roupa, temos que instruir as vendedoras”;
 - As peças têm vários tipos de abotoamento, por exemplo, e, por vezes, a loja deixa de vender pois as clientes não tem paciência em entender o funcionamento da roupa – “As pessoas têm peças de mais de um ano sem usar porque não sabem abotoar. Acontece com qualquer idade, mas as mais velhas não têm paciência, por falta de mobilidade”.

ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA MARCA 2

Realizada em 7 de agosto de 2015

Marca: Target

Entrevistados: Proprietários

Respostas:

- **Perfil do consumidor**

- Senhoras de idades entre 40 e 70 anos – “Queremos que a mulher envelheça com a gente”.

- **Tipos de roupas e tecidos oferecidas pela marca**

- Roupas mais leves;
- Com durabilidade;
- Tecidos: malha, neoprene e renda *guipure* (ou guipir, renda de linho ou de seda), por ser macia;
- Tecido equalizado para ficar mais firme, através da técnica de coenização;
- Peças como pantalone e macacão (“Elas [as idosas] estão amando!”);
- Diferencial no acabamento;
- Diferencial no tecido plano que tem elastano e parece uma malha (toque de malha).

- **Tipos de roupas e tecidos procurados pelas idosas**

- Roupas bonitas, diferenciadas, que “rejuvenescem”, com preço razoável e com boa durabilidade;
- Roupas clássicas, mas ao mesmo tempo contemporâneas – “Têm que ter uma bossa, brilho”;
- Peças com mangas;
- Comprimentos até acima do joelho;
- Calças não muito justas;
- Calças com cós mais alto;
- Preferem calças com zíper na frente, os atrás e na lateral elas não querem;
- Preferem as malhas menos sintética;
- Buscam tecidos com “toque agradável e geladinho”.

- **Tabelas de medidas e grades de tamanhos da marca**

- Quem determina é a confecção – “Agora tem uma lei que tem que ter as medidas corretas”;
- “Os tamanhos entre as confecções têm poucas diferenças. 46 é 46 em todas”.

- **Usabilidade e conforto**

- As idosas priorizam o conforto, buscam praticidade e peças em que não é preciso passar;
- “Linho e seda elas não querem mais, porque dizem que não têm empregada”;
- “Uso muito *fluity*, para uma roupa mais fresca, que não amassa quando põe na mala”.

- **Observações**

- “Passo para a confecção as informações que as clientes me passam e aí as estilistas criam alguma coisa diferencial [...] para eu ter esse diferencial e não o que os outros têm”;
- “Compro muito em Belo Horizonte e São Paulo, procuram (os estilistas) adequar a coleção deles às minhas necessidades”;
- O maior público da loja da marca em Copacabana é de idosas.

ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA MARCA 3

Realizada em 10 de agosto de 2015

Marca: Gare 7

Entrevistada: Proprietária/Estilista

Respostas:

- **Perfil do consumidor**

- Mulheres acima de 40 até 70 anos.

- **Tipos de roupas e tecidos oferecidas pela marca**

- Roupas diferenciadas – “Desenvolvo a coleção”;
- “Tenho calça com a mesma modelagem desde 1998 e que vende até hoje, às vezes abaixa ou sobe o cós. Passa 2, 3 anos e elas querem a mesma calça, querem igual”;
- “Tenho roupas com caimento ótimo e durabilidade”;
- “Tenho poucas calças sociais com zíper, a maioria prefere elástico”;
- Calças com a cintura mais larga;
- Calças com elastano;
- Blusas com manguinhas – “Blusas sem mangas só vendem no verão”;
- Blusas que entram pela cabeça, muitas com o decote em “V”;
- Vestidos soltos – “Não faço nenhuma roupa colada”;
- Túnica – “Vendem muito bem, são largas e confortáveis”;
- “Não tenho roupa moderninha, tenho a roupa clássica com uma pegada contemporânea, com tecidos atuais, confortáveis”;
- “A malha é o carro-chefe e a tricoline é usada para camisas”;
- “Coloco calça de neoprene para ser usada com blusa mais comprida e mais larga”;
- “Não uso tecidos inteligentes, só malhas importadas”;
- “Uso tecidos importados, mas me submeto aos importadores, deixo de vender coisas porque não importam mais”.

- **Tipos de roupas e tecidos procurados pelas idosas**

- “Querem roupas confortáveis e bem diferenciadas”;
- As idosas preferem estampas gráficas e pedem estampas diferentes;
- Não gostam de decote canoa.

- **Tabelas de medidas e grades de tamanhos da marca**

- “Tamanho 40 sou eu e vai até o 48. 40 é um tamanho grande”;
- “Muitas vezes elas não entendem a diferença da camiseta da túnica, a modelagem é diferente”.

- **Usabilidade e conforto**

- “Vestidos com zíper atrás bem longo, para vestir por baixo. Muitas clientes estão acima do peso e precisam de roupas que não apertem”;
- As clientes estão satisfeitas.

- **Observações**

- “As idosas perguntam pelas cores da moda, mas acabam comprando o preto, mesmo tendo muita roupa preta”;
- “Branco liso não vende, tem que ser com listras e bolas”;
- “A cor que é carro-chefe é a preta. Acaba mais rápido, favorece, afina a silhueta”;
- “As mais gordas pedem decote em “V”, o “V” disfarça os seios grandes”;
- “Querem encomendar a mesma peça em todas as cores ou estampas que gostam dentro da coleção, mas eu não faço”.

ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA MARCA 4

Realizada em 14 de janeiro de 2016

Marca: Françoise

Entrevistada: Funcionária/Gerente

Respostas:

- **Perfil do consumidor**

- Mulheres acima de 30 anos.

- **Tipos de roupas e tecidos oferecidas pela marca**

- “Temos poucos modelos com elástico na cintura, mas que são procurados porque sabem que vão encontrar”;
- Tecidos como modal e ligante.

- **Tipos de roupas e tecidos procurados pelas idosas**

- Blusas e vestidos com mangas e blusas sem decote;
- Calças compridas com zíper e elástico.

- **Tabelas de medidas e grades de tamanhos da marca**

- As roupas são compradas de fornecedores diferentes e cada uma tem a sua numeração.

- **Modelagem e ajustes necessários nas roupas**

- As roupas são adquiridas de fornecedores que utilizam as suas próprias modelagens.

- **Usabilidade e conforto**

- As roupas são adquiridas de fornecedores que utilizam a sua própria modelagem.

- **Observações**

- Os donos da loja são chineses e não falam português. São eles quem escolhem as roupas.